

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

PLUTARCO

VIDAS PARALELAS
CÍMON E LUCULO

TRADUÇÃO
ANA MARIA GUEDES FERREIRA

INTRODUÇÃO E NOTAS
MANUEL TRÖSTER

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Apresentação: Esta série procura apresentar em língua portuguesa obras de autores gregos, latinos e neolatinos, em tradução feita diretamente a partir da língua original. Além da tradução, todos os volumes são também caracterizados por conterem estudos introdutórios, bibliografia crítica e notas. Reforça-se, assim, a originalidade científica e o alcance da série, cumprindo o duplo objetivo de tornar acessíveis textos clássicos, medievais e renascentistas a leitores que não dominam as línguas antigas em que foram escritos. Também do ponto de vista da reflexão académica, a coleção se reveste no panorama lusófono de particular importância, pois proporciona contributos originais numa área de investigação científica fundamental no universo geral do conhecimento e divulgação do património literário da Humanidade.

Breve nota curricular sobre os autores

Ana Maria Guedes Ferreira é professora auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde trabalha há mais de vinte anos. É também investigadora do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. Doutora em Literatura Grega pela Universidade de Coimbra em 2009, interessa-se sobretudo pela narrativa biográfica – pelas *Vitae Parallelae* em particular.

Manuel Tröster é Assessor Científico na Sede Central da Sociedade Max Planck em Munique. Estudou História e Ciências Políticas na Universidade de Trier, em Londres e Cambridge, doutorou-se em História Antiga com uma tese sobre a *Vida de Luculo* de Plutarco (2006) e realizou um pós-doutoramento em Coimbra e Lovaina, antes de se virar para a administração científica. A sua área de pesquisa engloba a história da República romana, as relações interestatais na antiguidade e as *Vidas* de Plutarco.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS
SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ISSN: 2183-220X

DIRETORAS PRINCIPAIS
MAIN EDITORS

Carmen Leal Soares
Universidade de Coimbra

Maria de Fátima Silva
Universidade de Coimbra

Maria do Céu Fialho
Universidade de Coimbra

ASSISTENTES EDITORIAIS
EDITORIAL ASSISTANTS

Daniela Pereira & Isabel Gouveia
Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD

Adriane Duarte
Universidade de São Paulo

Aurelio Pérez Jiménez
Universidad de Málaga

Graciela Zeccin
Universidade de La Plata

Fernanda Brasete
Universidade de Aveiro

Fernando Brandão dos Santos
UNESP, Campus de Araraquara

Francesc Casadesús Bordoy
Universitat de les Illes Balears

Frederico Lourenço
Universidade de Coimbra

Joaquim Pinheiro
Universidade da Madeira

Lucía Rodríguez-Noriega
Guillen
Universidade de Oviedo

Jorge Deserto
Universidade do Porto

Maria José García Soler
Universidade do País Basco

Susana Marques Pereira
Universidade de Coimbra

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS
A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

PLUTARCO

VIDAS PARALELAS
CÍMON E LUCULO

TRADUÇÃO
ANA MARIA GUEDES FERREIRA

INTRODUÇÃO E NOTAS
MANUEL TRÖSTER

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

TÍTULO TITLE

Vidas Paralelas. Címon e Luculo
Parallel Lives. Cimon and Lucullus

TRADUÇÃO DO GREGO

TRANSLATION FROM GREEK

Ana Maria Guedes Ferreira

<https://orcid.org/0000-0003-1764-8842>

INTRODUÇÃO E NOTAS

INTRODUCTION AND NOTES

Manuel Tröster

<https://orcid.org/0000-0002-2027-9833>

EDITORES PUBLISHER

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press

www.uc.pt/imprensa_uc

Contacto CONTACT

imprensa@uc.pt

Vendas online Online Sales

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics

Jorge Neves

Projeto “BioRom – Rome our
Home: (Auto)biographical Tradition
and the Shaping of Identity(ies)”
(PTDC/LLT-OUT/28431/2017).

Impressão e Acabamento Printed by

KDP - Kindle Direct Publishing



ISSN

2183-220X

ISBN

978-989-26-2214-9

ISBN Digital

978-989-26-2215-6

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2215-6>



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Social Europeu

© novembro 2021

Imprensa da Universidade de Coimbra
Classica Digitalia Unversitatis
Conimbrigensis
<http://classica.digitalia.uc.pt>
Centro de Estudos Clássicos e
Humanísticos da Universidade de
Coimbra

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under

Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

VIDAS PARALELAS. CÍMON E LUCULO

PARALLEL LIVES. CIMON AND LUCULLUS

TRADUÇÃO DO GREGO
TRANSLATION FROM GREEK
Ana Maria Guedes Ferreira

FILIAÇÃO AFFILIATION
FLUP/CECH

INTRODUÇÃO E NOTAS
INTRODUCTION AND NOTES
Manuel Tröster

FILIAÇÃO AFFILIATION
Max-Planck-Gesellschaft (Sociedade Max Planck)

RESUMO

Ligados pelo tema condutor dos benefícios filelénicos, Címon e Luculo são os estadistas que Plutarco coteja em mais um volume de *Vidas Paralelas*. Enquanto Luculo se distingue como benfeitor da cidade natal do biógrafo e do mundo helénico durante as Guerras Mitridáticas, Címon emerge como figura emblemática da liberdade e da unidade dos gregos na luta contra os persas. Contudo, ambos os protagonistas também apresentam defeitos e fraquezas, tanto em termos de excessos e extravagâncias na vida privada como, apesar de grandes sucessos políticos e militares, na interação com a multidão e com os seus pares. Assim, Plutarco convida os seus leitores a refletirem sobre as qualidades e imperfeições evidenciadas pelos seus heróis no contexto histórico da Atenas do século V e da Roma tardo-republicana assim como à luz dos desafios do seu próprio presente.

PALAVRAS-CHAVE
Vidas Paralelas, Biografia, Plutarco, Címon, Luculo

ABSTRACT

Bound together by the guiding theme of philhellenic benefaction, Cimon and Lucullus are the statesmen compared by Plutarch in another volume of *Parallel Lives*. While Lucullus distinguishes himself as a benefactor of the biographer's home town and the Greek world during the Mithridatic Wars, Cimon emerges as an emblematic figure of the freedom and unity of the Greeks in the fight against the Persians. However, both protagonists also show defects and weaknesses, both in terms of excesses and extravagances in private life and, despite great political and military successes, in their interaction with the multitude and with their peers. Thus, Plutarch invites his readers to reflect on the qualities and shortcomings displayed by his heroes in the historical context of fifth-century Athens and late Republican Rome as well as in light of the challenges posed by their own present.

KEYWORDS

Parallel Lives, Biography, Plutarch, Cimon, Lucullus

AUTORES

Ana Maria Guedes Ferreira é professora auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde trabalha há mais de vinte anos. É também investigadora do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. Doutora em Literatura Grega pela Universidade de Coimbra (dissertação: *O homem de estado ateniense: o caso dos Alcmeónidas*, 2009), interessa-se sobretudo pela narrativa biográfica – pelas *Vitae Parallelae* em particular. É autora, por exemplo, da tradução portuguesa da *Vida de Péricles*. Leciona principalmente latim e grego. Dedicar-se com entusiasmo à divulgação das línguas e culturas clássicas junto do público mais jovem, quer através da coordenação de alguns programas da Universidade Júnior da Universidade do Porto, que decorre anualmente em Julho, quer através de ações de divulgação que vai realizando em escolas do ensino básico.

Manuel Tröster é Assessor Científico na Sede Central da Sociedade Max Planck (MPG) em Munique. Estudou História e Ciências Políticas na Universidade de Trier, em Londres e Cambridge, obteve o grau de doutor em História Antiga (tese: *Themes, Character, and Politics in Plutarch's Life of Lucullus. The Construction of a Roman Aristocrat*, Trier 2006) e desenvolveu um projeto de pós-doutoramento sobre Plutarco e a Roma médio-republicana em Coimbra e Lovaina. Em seguida, começou a trabalhar na administração científica, primeiro no Institut für die Wissenschaften vom Menschen (Viena), depois na Junge Akademie (Berlim) e, desde 2016, na MPG. A sua área de pesquisa engloba a história da República romana, as relações interestatais na antiguidade e as *Vidas* de Plutarco.

AUTHORS

Ana Maria Guedes Ferreira is Assistant Professor at the Faculty of Arts, University of Porto, where she has been working for over twenty years. She is also a researcher at the Center of Classical and Humanistic Studies (University of Coimbra). PhD in Greek Literature from the University of Coimbra (dissertation: *The Athenian statesman: the case of the Alcmeonids*), she is particularly interested in biographical narrative – especially in the *Vitae Parallelae*. She is the author, for example, of the Portuguese translation of the *Life of Pericles*. She has also been

responsible for the dissemination of the classical languages and cultures among the youngest, including some programs of Junior University of UP (University of Porto), which usually takes place annually in July.

Manuel Tröster is Scientific Officer at the Administrative Headquarters of Max Planck Society (MPG) in Munich. Having studied History and Politics at the University of Trier as well as in London and Cambridge, he earned a doctoral degree in Ancient History (thesis: *Themes, Character, and Politics in Plutarch's Life of Lucullus. The Construction of a Roman Aristocrat*, Trier 2006), and went on to conduct a postdoctoral project on Plutarch and mid-Republican Rome at Coimbra and Leuven. Subsequently, he started working in research administration, first at the Institut für die Wissenschaften vom Menschen (Vienna), then at the Junge Akademie (Berlin), and, since 2016, at MPG. His research interests include Roman Republican history, ancient interstate relations, and Plutarch's *Lives*.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	11
CÍMON	19
LUCULO	36
OBRAS CITADAS	61
ABREVIATURAS DE COLECÇÕES E OBRAS DE REFERÊNCIA CITADAS	87
TRADUÇÃO	89
CÍMON	89
LUCULO	119
COMPARAÇÃO ENTRE CÍMON E LUCULO	185

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO*

É em Queroneia, na terra de Plutarco, que as *Vidas de Címon e Luculo* têm o seu ponto de partida (*Cim.* 1-2). Cerca de dois séculos antes da composição do texto, durante a Primeira Guerra Mitridática, um jovem chamado Dámon, tendo rejeitado avanços amorosos do chefe das tropas romanas estacionadas na zona de Queroneia, mobilizou um grupo de amigos para se defender de estupro, matando o comandante e mais alguns legionários no mercado da cidade. Quando o conselho municipal condenou os perpetradores à morte, eles eliminaram também os magistrados locais reunidos num banquete. Nessa altura, Luculo, encarregado de organizar as operações militares contra as forças de Mitridates na Grécia, passou pela região e investigou os acontecimentos, chegando à conclusão de que os queroneus se tinham comportado de forma correta.

Em seguida, porém, os cidadãos, ameaçados por incursões do grupo liderado por Dámon, convidaram este último a voltar a Queroneia na função de gimnasiarca, mas nem com esta decisão acabou o ciclo de violência, pois, por fim, ele mesmo foi assassinado à traição. Terminada a guerra, a cidade entrou numa situação difícil quando foi acusada pela comunidade rival de Orcómeno perante as autoridades romanas. Nessas circunstâncias, foi o testemunho de Luculo que, mais uma vez, salvou

* Desejo agradecer vivamente ao Doutor Delfim Ferreira Leão por ter melhorado o meu texto português e ter acompanhado este trabalho com dedicação e amizade. Todas as datas referidas são a.C., salvo indicação em contrário.

os queroneus, que resolveram então erguer uma estátua em honra do seu benfeitor romano.

Consoante as múltiplas facetas do episódio, a história de Dámon tem sido interpretada em chaves muito variadas: primeiro, como passagem problemática da juventude à idade adulta, seguindo as pisadas da figura paradigmática do ‘caçador negro’; segundo, como expressão de conflitos políticos na comunidade local e da mudança de lealdades conforme as vicissitudes da guerra; terceiro, como ato de ‘banditismo social’ e de resistência ao domínio romano; quarto, como evocação de mitos e tradições locais na procura de uma identidade cívica¹.

Ora, apesar de serem muito diferentes, estas leituras não são mutuamente exclusivas. A margem de interpretação é bastante grande, também pelo facto de as informações fornecidas pelo biógrafo serem muito seletivas, de acordo com a função do episódio na narração das *Vidas* que a ele se seguem. Esta função não se limita à exposição dos motivos para dedicar uma biografia a Luculo, benfeitor da cidade natal de Plutarco. Antes de tudo, a história de Dámon serve para introduzir os temas de filelénismo e de evergetismo, elementos centrais tanto na *Vida de Címon* como naquela de Luculo. É evidente que estas questões têm grande relevância para o mundo contemporâneo de Plutarco, em que a cultura grega tentou (re)afirmar-se num contexto político dominado pelo Império romano.

Nesta perspetiva, também é preciso destacar que o biógrafo parece evitar uma discussão aberta dos aspectos políticos

¹ Cf. Ma 1994, esp. 49-59; Mackay 2000; Thornton 2001, 215-247; Ellinger 2005. Franco 2003 aborda vários aspectos do episódio, prestando atenção sobretudo à perspetiva de Plutarco. Além destes contributos, cf. também Kallet-Marx 1995, 279-282; Santangelo 2007, 45-48; Niebergall 2008, 66-73.

e potencialmente antirromanos do episódio, descrevendo os acontecimentos essencialmente a nível de conflitos pessoais². Assim, Plutarco faz emergir tanto o modelo negativo do comandante romano violento e opressivo como aquele positivo do benfeitor justo e filantrópico. Do lado grego, a reação agressiva do grupo de Dámon contrasta com a atitude correta do conselho municipal, que se pronuncia claramente contra o assalto aos soldados romanos.

Contudo, o biógrafo não escolhe entre a opção de resistência e aquela de submissão, mas antes propõe uma alternativa diferente na narração que se segue. Após a morte na prisão do seu pai Milcíades, o jovem Címon, um órfão igual a Dámon, encontra-se numa crise pessoal marcada por excessos na vida privada e, portanto, adquire uma péssima reputação entre os atenienses (*Cim.* 4.4-10; *Luc.* 44[1].4 e 7). Todavia, em lugar de reagir com violência, o protagonista consegue dar uma excelente resposta ao desafio da passagem à idade adulta, ganhando cada vez mais respeito e reconhecimento por prestar um bom serviço à cidade. Em particular, ele opõe-se a Pausânias, um líder prepotente que deseja estuprar uma mulher chamada Cleonice (de forma que faz lembrar o comportamento do comandante romano frente a Dámon), mas que acaba por matá-la e, em consequência, por ser assombrado pelo fantasma dela (*Cim.* 6.2-7)³.

² Esta tendência é sublinhada por Franco 2003, esp. 195-200, mas cf. também Goldhill 2002, 255 e Ellinger 2005, esp. 298-301 e 306 sobre a ideia de Roma ser uma força tirânica.

³ Sobre os paralelos entre Címon e Dámon, cf. Beck 2007, 58-61. O antagonismo com Pausânias também aparece em *Arist.* 23.1-6. É interessante comparar a história de Cleonice com *Luc.* 18.2-7 no respeitante à morte violenta de Berenice e de Mónime, duas mulheres de Mitridates.

Graças aos sucessos contra Pausânias e contra os persas, Címon emerge como campeão tanto da liberdade como da unidade dos gregos, reduzindo os conflitos entre os seus cidadãos assim como entre Atenas e outras cidades. De forma semelhante, Luculo não só consegue atenuar as dificuldades causadas pelas lutas e perturbações da Primeira Guerra Mitridática, mas também se mostra determinado a pôr fim à opressão dos gregos da Ásia Menor pelos reis Mitridates e Tigranes. Assim, apresentando os seus heróis como benfeitores filelénicos, Plutarco pretende prestar uma resposta aos problemas gerados por conflitos internos entre os queroneus da época de Dámon e, naturalmente, entre os seus próprios contemporâneos.

É significativo que a história de Dámon seja seguida por uma afirmação programática do biógrafo sobre a finalidade das *Vidas paralelas* em geral e do par *Címon – Luculo* em particular (*Cim.* 2.2-5). Chamando a atenção para a estátua de Luculo no mercado de Queroneia, Plutarco declara a sua intenção de erguer um monumento literário ao benfeitor da sua cidade natal. Na realização dessa obra, a tarefa do escritor assemelhar-se-ia àquela de um pintor, com o objetivo de delinear o carácter (*êthos*) do biografado⁴.

Neste contexto, Plutarco também aborda o problema dos elementos positivos e negativos na caracterização dos protagonistas das *Vidas*, dizendo que deseja apresentar de forma abrangente as suas ações belas, ao mesmo tempo que admite não querer insistir demais nas suas falhas e imperfeições⁵. Esta

⁴ Cf. também *Alex.* 1.3. Sobre a metáfora do pintor nestes passos, cf. Hirsch-Luipold 2002, 42-50; Kaesser 2004. A importância de estudar o carácter humano também é sublinhada em *Nic.* 1.5; *Dem.* 11.7; *Pomp.* 8.7; *Cat. Mi.* 24.1; 37.10; *Galb.* 2.5.

⁵ Sobre a coexistência de características positivas e negativas nos heróis plutarquianos, cf., em geral, Duff 1999, 45-49 e 53-65; também

afirmação, juntamente com a comparação com as artes visuais, tem sido lida como prova de o biógrafo procurar, ao longo da narração, distorcer gravemente os factos históricos a favor de Luculo⁶, apesar de ele também anunciar, no mesmo capítulo, a sua intenção de respeitar a verdade, já que uma tentativa de falsificação não seria digna do general romano, testemunha sincera na defesa de Queroneia. A questão precisa de ser ponderada de novo no fim desta introdução, à luz dos vários parâmetros da valorização global de Luculo.

Considerando o interesse particular de Plutarco pela carreira do benfeitor romano de Queroneia, não surpreende o facto de as biografias de Címon e Luculo serem um dos primeiros pares compostos na série das *Vidas paralelas*⁷. Com efeito, o biógrafo parece ter-se concentrado, numa primeira fase, em personagens com relevância para a sua terra, tratando dos seus compatriotas beócios Epaminondas (junto a Cipião) e Pelópidas (junto a Marcelo)⁸. Assim, Luculo tem a honra de entrar nessa mesma categoria, o que é muito notável para um político romano.

Stadter 2000, 500-506 / 2015, 237-243. Esta tendência é, de resto, confirmada pela análise sistemática de todas as comparações finais em Mora 2007, 165-186, esp. 177-180.

⁶ Cf. as referências citadas *infra*, na n. 63, e, sobre a ideia de ‘aumentar’ na arte antiga e neste proémio de Plutarco, Kaesser 2004, 366-374.

⁷ Cf. Jones 1966, 66-68 = 1995, 106-111 para uma reconstrução baseada nas citações internas de Plutarco. Alguns problemas continuam sem resolução (cf. a discussão em Nikolaidis 2005), mas não há dúvidas acerca de colocar a composição do par *Címon – Luculo* na fase inicial do projeto.

⁸ Sobre interesses locais como fator na escolha dos heróis, cf. Geiger 1981, 87 = 1995, 167-168.

Já tem sido sublinhada a importância fundamental do tema dos benefícios filelénicos para a composição das *Vidas de Címon e Luculo*. Em correspondência com este motivo condutor, ambos os heróis são apresentados como portadores de qualidades pessoais que Plutarco costuma associar à cultura grega, sobretudo humanidade (*philanthrôpia*) e doçura de carácter (*praotês*)⁹, muitas vezes evidenciadas em contraposição aos vícios de anti-heróis como Pausânias, Mitridates e Tigranes. Neste contexto, também é significativo que os dois protagonistas estejam ligados à escola filosófica do erudito de Queroneia, ou seja, à Academia de Platão: Címon por patrocinar obras para embelezar o sítio da Academia (*Cim.* 13.7), Luculo pela sua amizade com Antíoco de Ascalão (*Luc.* 42.3).

Além do evergetismo e do filelenismo, há vários outros pontos de contacto entre as duas *Vidas*, alguns indicados pelo próprio Plutarco no último capítulo do próemio (*Cim.* 3) e nos três capítulos da comparação final (*synkrisis*), onde menciona a vida luxuosa do jovem Címon e do idoso Luculo (*Luc.* 44[1]) bem como os problemas relacionados com a liderança dos aliados atenienses e dos soldados romanos (45[2]) e, naturalmente, os méritos de ambos os heróis no campo de batalha (46[3]). Portanto, não há dúvida de que o biógrafo fez uma escolha cuidadosa e deliberada ao selecionar Címon como par de Luculo¹⁰,

⁹ Cf. Martin 1960 e 1961; Panagopoulos 1977, 216-222; De Romilly 1979, 275-307; Frazier 1996, 231-239; Becchi 2009.

¹⁰ Para uma análise da estrutura do par *Címon – Luculo* e dos temas comuns abordados cf. Fuscagni 1989, 43-52; Stadter 1997, 70-75 / 2015, 220-225; Beck 2007, 58-66. A importância do elemento comparativo nas *Vidas paralelas* emerge de numerosos estudos, entre eles Larmour 1992, Duff 1999, 249-286 e Humble 2010. Parece pouco convincente o argumento de Desideri 1992, 4479-4480 = 2012, 238, que considera excepcional o caso de Címon e Luculo, mantendo que “i personaggi si sono generati separatamente e sono stati poi accostati più per rispettare

visando acentuar não só os aspectos admiráveis da carreira do benfeitor de Queroneia, mas também certos defeitos e fraquezas, sobretudo a suposta deterioração do seu estilo de vida e as suas dificuldades em ganhar o favor do soldado comum.

Este último elemento, entendido em termos mais amplos como a relação entre o líder aristocrático e a multidão (*plêthos*), também é a questão-chave da análise política de Plutarco, que encontrou problemas semelhantes no dia-a-dia do governo local na Grécia do período imperial¹¹. Nesta perspetiva, é particularmente significativa a observação sintética do biógrafo sobre Címon e Luculo como ‘naturezas aristocráticas’: αἱ γὰρ ἀριστοκρατικαὶ φύσεις ὀλίγα τοῖς πολλοῖς <συν> ἄδουσι καὶ πρὸς ἡδονὴν ἔχουσι, τὰ δὲ πολλὰ προσβιαζόμεναι τῷ κατευθύνειν διαστρεφόμενους ἀνιῶσιν ὥσπερ οἱ τῶν ἱατρῶν δεσμοί, καίπερ εἰς τὰ κατὰ φύσιν ἄγοντες τὰς παραρθηρίσεις (*Luc.* 45[2].7)¹². De facto, ambos os políticos foram ultrapassados por rivais mais hábeis na comunicação com o *plêthos* dos cidadãos e dos soldados: Péricles no caso de Címon, Pompeio e César naquele de Luculo.

Não surpreende, então, que um e outro sejam frequentemente considerados como representantes emblemáticos de um

un principio compositivo ormai consolidato che per vera convinzione di ‘parallelismo’” (p. 4480).

¹¹ Cf. especialmente *Mor.* 813A-C; 816A-825F (*Praecepta gerendae rei publicae*), com as discussões de Carrière 1977, 238-241; Desideri 1986; Swain 1996, 173-183.

¹² *De facto, as naturezas aristocráticas raras vezes estão em consonância com as massas e não governam para lhes agradar. Pelo contrário, porque na maioria das vezes usam a força para guiar os que se desviam, incomodam, tal como as ligaduras dos médicos, apesar de colocarem os membros deslocados nas posições naturais.* Sobre as metáforas médicas e a sua relevância para a visão política de Plutarco, cf. Fuhrmann 1964, 238-240; Saïd 2005, 22-23.

velho sistema oligárquico que estava destinado a ser substituído por uma nova ordem, radicalmente democrática em Atenas, essencialmente monárquica em Roma. Em última análise, isto implicaria que os reveses e fracassos nas carreiras de Címon e Luculo fossem devidos à incapacidade deles de se adaptarem às configurações políticas contemporâneas¹³. Contudo, esta conclusão parece pouco satisfatória do ponto de vista histórico, pois serve efetivamente para descontextualizar as vidas deles dos respetivos ambientes políticos e culturais, deixando sem explicação o facto de ambos terem atingido, durante muito tempo, grandes sucessos e um nível elevado de popularidade.

Em certa medida, este mal-entendido baseia-se, sem dúvida, no próprio Plutarco, que, na *synkrisis*, afirma que os protagonistas se assemelham, sobretudo, por terem vivido em pátrias que estavam a ponto de passar por profundas transformações (*Luc.* 44[1].1-2). Neste contexto, é importante dar-se conta de que o biógrafo é a nossa fonte principal sobre as carreiras de ambos os políticos, dada a escassez de informações sobre a Atenas de meados do séc. V por um lado e sobre a Roma do período anterior à ascensão de Cícero por outro. Assim, qualquer reconstrução moderna tem de tomar o texto de Plutarco

¹³ Cf., por exemplo, De Sanctis 1939, 2.56: Címon “[s]i figurò di poter sempre conservare il favore del popolo senza nulla toccare del regime vigente. Era di quegli uomini ligî al passato, la cui mente è troppo pigra per avvertire i problemi che pone la storia e tentarne la soluzione”; Gelzer 1926, 413: “Als Sullas vertrautester Freund blieb er [*scil.* Luculo] dessen politischem System, der gesetzmäßig befestigten Senatsoligarchie, allzeit treu ergeben. Deren Beseitigung im J. 70 machte die Bahn frei für seinen Sturz, und er konnte sich unter den veränderten Verhältnissen nicht mehr aufrichten. Hätte er 100 Jahre früher gelebt, so wäre ihm eine solche Probe erspart geblieben und er hätte sich als eine Leuchte der Nobilität wohlverdienten Ruhmes erfreut”.

como ponto de partida, o que favorece naturalmente a aceitação da sua interpretação histórica em geral e da ideia de Címon e Luculo encarnarem uma tradição aristocrática e conservadora em particular.

Todavia, a construção biográfica de Plutarco é, de facto, mais complexa do que isso. No caso de Címon, a popularidade do herói é atribuída, em grande parte, à frequente interação com o povo, mesmo que o biógrafo rejeite explicitamente uma interpretação da sua liberalidade fora do paradigma aristocrático. Quanto a Luculo, Plutarco não só acentua as suas dificuldades em comunicar com a multidão, como também menciona vários episódios em que ele se esforça por ganhar o favor dos cidadãos e dos soldados, muitas vezes com sucesso. Como veremos na análise que se segue, é preciso dar mais atenção a esses elementos de interação política para podermos elucidar melhor os parâmetros das carreiras de Címon no contexto da Atenas democrática e de Luculo no mundo da Roma tardo-republicana.

CÍMON

Na *Vida de Címon*, o protagonista emerge não só como representante tradicional da aristocracia ateniense, mas também como campeão do pan-helenismo, liderando os gregos com grande sucesso na luta contra os persas¹⁴. Assim, no início da sua carreira, face à ameaça externa, dá ânimo aos seus concidadãos e distingue-se na defesa da pátria, mostrando-se digno das façanhas alcançadas pelo seu pai Milcíades (*Cim.* 5.2-4), antes

¹⁴ Sobre estes elementos-chave do retrato de Címon, cf., com maior desenvolvimento, Tröster 2014.

de assumir o comando das operações destinadas à libertação dos gregos em volta do Mar Egeu (a partir de *Cim.* 6.1-3). Estas campanhas culminam na batalha do rio Eurimedonte, em que o general sai vencedor tanto sobre a terra como sobre o mar (*Cim.* 12.5-13.3)¹⁵. Por fim, depois de vários reveses políticos, Címon também encontra a sua morte no âmbito de uma expedição contra os persas a Chipre (*Cim.* 18.1-19.2).

O instrumento político e militar para conduzir estas campanhas foi a Liga de Delos, uma aliança estabelecida depois da vitória sobre a invasão de Xerxes em 480/479, que, com efeito, se transformou cada vez mais num Império marítimo dominado por Atenas, rivalizando com a Liga do Peloponeso liderada por Esparta. Na narração de Plutarco, porém, este processo fica essencialmente opaco, pois, por um lado, os conflitos dentro do mundo grego parecem secundários em comparação com a luta contra os persas, que, na realidade, perdeu progressivamente importância relativa, ainda que não resulte claro se e quando houve um entendimento que talvez encontrasse expressão formal na chamada Paz de Cálías (*Cim.* 13.4-5)¹⁶;

¹⁵ Sobre a função paradigmática desta vitória na tradição historiográfica do séc. IV e em Plutarco, cf. Zaccarini 2014.

¹⁶ Esta Paz não é mencionada por fontes contemporâneas. Enquanto Plutarco e vários outros autores dizem que o acordo foi concluído depois da batalha do Eurimedonte, Diod. 12.4.4-6 relaciona a Paz com a campanha de Címon em Chipre, quinze ou vinte anos mais tarde. Muitos estudiosos (como Wade-Gery 1940 e Meiggs 1972, 129-151) aceitam a segunda hipótese, outros preferem a primeira (cf. Badian 1987, em cuja opinião a Paz foi concluída em 465 e depois renovada em 449; *contra* Samons 1998), mas também há quem, citando Teopompo, *FGrH* 115 F 153-154 (cf. também Calístenes, *FGrH* 124 F 16 [= Plu. *Cim.* 13.4], com a análise de Bosworth 1990), considere a Paz de Cálías uma invenção posterior (entre outros, Schrader 1976 e Meister 1982, ambos com ampla documentação). É pouco provável a cronologia

por outro lado, a reconstrução do biógrafo cria a impressão de que as contendas entre as *póleis* surgiram malgrado a política benevolente e pró-espartana de Címon, que, nesta visão idealizada, se esforçou continuamente por manter a unidade dos gregos. Assim, o escritor de Queroneia faz grandes elogios ao seu herói pelo tratamento humano dispensado aos aliados (sobretudo *Cim.* 6.2; também *Luc.* 45[2].3-4), mesmo que isto resulte num sistema de tributo que significa a impotência deles perante o crescente poder de Atenas (*Cim.* 11)¹⁷.

Ao mesmo tempo, Plutarco chama a atenção para a grande popularidade ganhada por Címon entre os seus concidadãos, que, depois da expugnação de Éion, lhe conferem a honra especial de erguer três Hermes de pedra (*Cim.* 7.4-6), sem lhe permitirem, porém, que inscreva o seu próprio nome (*Aeschin.* 3.183-185)¹⁸. É evidente que a gratidão dos atenienses tem a ver com os benefícios derivantes dos sucessos militares, tanto em termos de riqueza como de territórios para colonização (*Cim.* 8.2). Neste contexto, também são significativas as estratégias de autoapresentação de Címon, que, entre outras coisas, usa uma expedição à ilha de Esquiro para ‘descobrir’ o túmulo de Teseu e para trazer os ossos do herói fundador com grande pompa para Atenas (*Cim.* 8.5-7; também *Thes.* 36.2-3)¹⁹.

proposta por Schreiner 1977, 29-36; *idem* 1997, 70-74, que sugere uma data durante o exílio de Címon.

¹⁷ Sobre a análise desta transformação em Plutarco e em Thuc. 1.99, cf. Meritt *et al.* 1950, 244-252; também Ferretto 1984, 31-35 com a hipótese de Plu. *Cim.* 11 se basear na narração de Teopompo, que deve ter denunciado Címon como autor de uma “dialettica fra democrazia e ‘imperialismo’” (p. 34).

¹⁸ Cf. Osborne 1985, 58-64; Di Cesare 2015, 59-70.

¹⁹ Além de Plutarco, cf. Paus. 1.17.6; 3.3.7. Sobre a função deste episódio na propaganda de Címon, cf. Podlecki 1971; Fell 2004, esp. 49-53; Di Cesare 2015, 77-81.

Graças à fortuna da sua família e aos bens acumulados durante as campanhas, o general também se pode permitir a realização de atos de munificência excepcionalmente generosos para impressionar e cativar o público ateniense (*Cim.* 10.1-3; também *Per.* 9.2)²⁰. Além de oferecer roupa e dinheiro aos idosos e aos pobres, Címon abre os seus campos e a sua casa aos cidadãos, convidando-os a tirarem fruta e a comerem na sua mesa. Também deixa a sua marca no espaço público da cidade, proporcionando os meios para concretizar grandes projetos de construção (*Cim.* 13.5-7)²¹. O raciocínio político por trás dessas iniciativas é resumido numa lúcida observação de Górgias, dizendo que Címon adquiriu dinheiro para gastá-lo e que o gastou para ser honrado (*Cim.* 10.5)²². Em comparação com esta interpretação funcional, a avaliação de Plutarco é muito mais entusiasta, julgando os benefícios do protagonista superiores mesmo à hospitalidade e à filantropia dos avós e designando enfaticamente a casa dele de *prytaneion*, ou seja, de residência pública, para os cidadãos (*Cim.* 10.6-7)²³.

²⁰ Sobre Teopompo como fonte deste passo, *vide infra*, pp. 33-34. Cf. também Petruzzella 2009, 52-55 sobre os paralelos entre a prática de Címon e a tradição comunitária espartana. Sobre as fontes de riqueza da sua família, cf. Davies 1971, 310-312.

²¹ Cf. também *Mor.* 818D (*Praecepta gerendae rei publicae*) e, além disso, *Anthologia Palatina* 6.144.3-4, com a interpretação de Müller 2007, 230-236. Sobre o contexto histórico do programa de construção, cf. as referências citadas *infra*, na n. 61, e, em particular, sobre a forma de financiamento, Di Cesare 2015, 27-29.

²² Cf. a análise detalhada de Musti 1984.

²³ Cf. também *Luc.* 44(1).5-6; *Mor.* 667D (*Quaestiones convivales*). É notável que Plutarco use o termo *prytaneion* também em relação à casa de Luculo (*Luc.* 42.2). Sobre as conotações políticas do conceito em *Cim.* 10.7, cf. Ferretto 1984, 25-26.

Esta análise é ainda reforçada pela indicação de que Címon foi injustamente criticado por praticar demagogia e bajulação do povo (*Cim.* 10.8). É significativo que Plutarco aduza, neste contexto, um argumento partidário, afirmando que o seu herói perseguiu, de forma consistente, uma política de orientação aristocrática e que, portanto, se opôs àqueles que procuraram agradar à multidão, sendo ele um homem incorruptível. Não há dúvida de que esta interpretação reflete, em grande medida, os interesses e as convicções do próprio biógrafo como representante da aristocracia grega do período imperial, que, na *Vida de Címon*, deseja apresentar um modelo imitável de evergetismo²⁴. É interessante, de resto, que, na *Vida de Péricles*, a reconstrução dos mesmos acontecimentos seja muito diferente, sugerindo que, no início da sua carreira, Péricles foi superado pela demagogia de Címon (*Per.* 9.2: *katadêmagôgoumenos*)²⁵.

Além dos motivos de Plutarco, é preciso dar-se conta de que a rivalidade entre os dois políticos também tem uma dimensão estrutural que diz respeito ao elemento de igualdade no discurso político da democracia ateniense. Nesta perspetiva, a prática de Címon representa um desafio fundamental a um sistema que não admite a afirmação aberta de interesses particulares ao lado daqueles do *dêmos* e que, portanto, é contrário à exposição de façanhas individuais e de relações de patrocínio²⁶.

²⁴ Cf. Lombardi 1995, 222-224 e 230-231 com especial atenção aos ecos aristotélicos na avaliação da prática do protagonista; também Roskam 2014, 519-520.

²⁵ Cf. também *Ath. pol.* 27.3: Péricles pretendeu *antidêmagôgein* contra a riqueza de Címon. Sobre as diferenças entre as versões relatadas na *Vida de Címon* e nos capítulos 9 e 10 da *Vida de Péricles*, cf. Stadter 1989, xlix-li.

²⁶ Cf. Millett 1989; também Mann 2007, 154-164, assim como as objeções de Alwine 2016, 6-8, que classifica como “non-threatening” as relações pessoais cultivadas por Címon, não dissemelhantes, no fundo,

É evidente que emerge aqui um imenso campo de conflito entre ele e aqueles que o criticaram por transgredir as regras da ordem democrática²⁷.

Em contraste com a narração relativamente detalhada da carreira militar de Címon, Plutarco dá poucas informações sobre o papel do protagonista na política interna ateniense. Procurando enfatizar a popularidade do seu herói e as honras recebidas por ele, o biógrafo mostra-se relutante em dar voz aos adversários de Címon, mencionando apenas de passagem algumas calúnias sobre excessos na bebida, sobre o suposto incesto com a sua irmã Elpinice e, mais em geral, sobre a sua atitude pró-espartana, que deve ter criado cada vez mais ressentimentos por parte dos seus concidadãos (*Cim.* 4.4-10; 15.3-4; 16.3). É significativo que, contrariamente a esta perspectiva, Plutarco apresente o filolaconismo do protagonista como elemento positivo, relacionando-o com o seu carácter honesto e generoso (*Cim.* 10.8; 14.4) e, ao mesmo tempo, usando-o para desenvolver o tema da concórdia entre os gregos (16.1-3 e *passim*)²⁸. Esta interpretação é de grande interesse também

daquelas estabelecidas mais tarde por Péricles (cf. também Zelnick-Abramovitz 2000, 72). Além disso, é instrutiva a análise das diferenças entre as concepções económico-sociais dos dois rivais em Mosconi 2005, 91-108, ainda que ignore os aspectos inovadores da prática de Címon, considerando-a inteiramente tradicional.

²⁷ É interessante que o evergetismo de Címon seja associado à tirania tanto em *Ath. pol.* 27.3 como em *Athen.* 12.533A (entre dois fragmentos de Teopompo: *FGrH* 115 F 135 e F 89), onde se afirma que ele imitou a prática de Pisístrato. Cf. Domingo Gyax 2002 e, numa perspectiva mais ampla de sociologia histórica, *idem* 2016, 139-144; também Ferretto 1984, 42-45. Na opinião de Kiechle 1967, 292-304, a munificência do general não estava em conflito com o sistema democrático, mas com o princípio de igualdade entre os representantes da elite aristocrática.

²⁸ Cf. Gómez Cardó 2007, 72-79.

porque parece em parte conservar e em parte reelaborar algumas conotações culturais de um conceito que, provavelmente, só com o sucessivo agravamento do antagonismo entre Atenas e Esparta assumiu a sua dimensão política num sentido subversivo e antidemocrático²⁹.

Ademais, são conspícuas as frequentes comparações favoráveis entre Címon e outros líderes gregos, principalmente os vencedores das grandes batalhas das Guerras Persas, ou seja, o seu pai Milcíades, o seu rival Temístocles e também o espartano Pausânias³⁰. Como se trata, porém, de observações genéricas sobre as qualidades e prestações dos estadistas, não emerge com clareza o significado político destas oposições³¹. Além disso, este elemento de competição contrasta com a tendência geral, visível tanto na *Vida de Címon* como nas outras biografias relacionadas com as Guerras Persas, de pôr em destaque o clima de concórdia e cooperação entre os vários líderes³². Deste modo, o escritor de Queroneia pode apresentar o mundo político de Címon como um ambiente marcado por paixões moderadas no interesse do bem comum (*Cim.* 17.9)³³.

²⁹ Cf. Zaccarini 2011.

³⁰ Milcíades e Temístocles: *Cim.* 5.1; 8.1; só este último: 5.5-6; 9.1; 12.2; 18.6-7; Pausânias: 6. Segundo Piccirilli 1999, esta técnica de contraposição é inspirada em Íon de Quios. Cf. também 13.3 sobre o maior brilho da vitória do Eurimedonte em comparação com aquelas de Salamina e de Plateias. Em contraste, a importância dos sucessos de Temístocles, de Pausânias e de Leotíquidas é sublinhada em *Luc.* 46(3).4.

³¹ Cf. Seager 2008, 351 e 359; também Muccioli 2012, 154-156.

³² Cf. Marincola 2010; também Seager 2008, 348-351 e 358-359.

³³ É interessante confrontar esta visão com *Pel.* 4.3, onde Plutarco ressalta as relações harmoniosas entre Pelópidas e Epaminondas pelo contraste com as rivalidades entre os estadistas atenienses do séc. V, Címon e Péricles incluídos.

O facto de Plutarco não prestar muita atenção aos conflitos da política interna ateniense deixa o leitor perplexo perante a erosão do poder de Címon e a consequente decisão de o exilar no fim da década de 460³⁴. Em particular, é notável que o biógrafo não mencione alguns reveses políticos e militares, entre os quais avultam a destruição da cleruquia de *Ennea Hodoi* e o facto de o assédio a Tasos, uma operação liderada por Címon, ter sido muito prolongado (Thuc. 1.100.2-101.3)³⁵. Não há dúvida de que estes fracassos deixaram vulnerável a posição do general na política ateniense, permitindo aos seus adversários acusá-lo de corrupção. Contudo, apesar de Plutarco dedicar algumas alíneas ao processo contra o protagonista, não se entendem muito bem as circunstâncias da sua absolvição, que foi decidida supostamente com o consenso de Péricles (*Cim.* 14.3-15.1; *Per.* 10.6)³⁶.

Seja como for, não é menos complicado reconstruir os acontecimentos subsequentes relacionados com o banimento, que foi imposto a Címon sob a acusação de ser amigo de Esparta e inimigo do povo (*Per.* 9.5: *philolakôn* e *misodêmos*;

³⁴ Segundo a opinião comum, o banimento ocorreu em 461; *contra* Deane 1972, 52-60, que sugere a data de 458; também Unz 1986, 79, n. 48.

³⁵ Sobre a importância da *débâcle* de Drabescos, que resultou na aniquilação da cleruquia, para a propaganda contra Címon, cf. Bearzot 1994, 25-31, ainda que seja pouco claro o contexto histórico (cf. Badian 1988, 298-300 / 1993, 81-86 com a hipótese de o desastre ter ocorrido mais tarde, em 453/2). Além disso, cf. Strauss 2000, 320-323 sobre a relação entre a tática naval de Címon (Plu. *Cim.* 12.2) e crescentes baixas entre os hoplitas. Segundo Vanotti 2011, 69-87, os silêncios de Plutarco podem dever-se ao uso de material proveniente da autodefesa do político nos procedimentos levantados contra ele.

³⁶ Em contraste, *Ath. pol.* 27.1 sugere que Péricles se destacou nos procedimentos contra Címon.

também *Cim.* 17.3)³⁷. É natural relacionar isto com as reformas constitucionais introduzidas em 462/1, ou seja, num momento em que o general estava ausente por liderar uma expedição destinada a ajudar os espartanos durante uma crise interna³⁸, com a consequência de transferir certos poderes do Areópago para os órgãos do povo. Plutarco indica que Címon tentou, sem sucesso, desfazer esta mudança depois de ter voltado à cidade (*Cim.* 15.3), mas é difícil formar uma imagem concreta dos argumentos e debates a favor e contra as reformas³⁹. Além disso, não é possível estabelecer com precisão a inter-relação entre os acontecimentos em Atenas e a decisão dos espartanos de mandarem o contingente ateniense para casa⁴⁰.

³⁷ Neste contexto, também não se deve subestimar a importância dos rumores sobre as relações incestuosas com Elpinice, confirmada pelo *ostrakon* Brenne 2002, T1/67: “Címon, filho de Milcíades, deve levar Elpinice e ir-se embora.” Cf. Plu. *Cim.* 15.3-4 (com um fragmento de Êupolis [= *PCG* V, p. 427, F 221]); Andoc. 4.33; Schol. Aristid., p. 515 Dindorf (citando Dídimos [= p. 324, F 5 Schmidt]). Piccirilli 1984 vê nisso uma acusação de ‘filolaconismo privado’ (cf. também *idem* 1990, 260-261). Sobre as conotações sexuais atribuídas às tendências pró-espartanas de Címon, cf. também Zaccarini 2011, 295-301.

³⁸ *Pace* Barns 1953 e Scharf 1955, cuja reconstrução implica que Címon estava a conduzir uma expedição (não atestada) a Chipre, tal como foi sugerido por V. Domaszewski 1925, 11 com base em Plu. *Cim.* 15.2 (Címon “saiu velejando”). Cf. também Sordi 1971. Rejeitando totalmente a cronologia comumente aceita, Schreiner 1976, 38-54; *idem* 1997, 38-49 até conjectura que se trata da campanha que culminou na batalha do Eurimedonte.

³⁹ Cf. Piccirilli 1988, 23-32; *idem* 1990, 258-259; *idem* 2000, 50-54 com a sugestão de que o processo contra Címon, a sua missão a Esparta e o seu ostracismo formam parte de uma manobra estratégica de Efilates e de Péricles. Segundo Mariggiò 2011, 301-304, o propósito de abalar o poder de Címon deve ter sido determinante, desde o princípio, para a carreira de Péricles.

⁴⁰ A maioria dos estudiosos (por exemplo, Fornara / Samons 1991, 127-129) supõe, com base em Thuc. 1.102.3, que os espartanos tiveram

Há dificuldades parecidas, na década posterior, em relação ao regresso de Címon a Atenas, que talvez tenha a ver com a exigência de negociar a paz com Esparta depois da batalha de Tânagra, se bem que as fontes não permitam nem sequer determinar com certeza o ano em que acabou o exílio do general⁴¹. Quanto ao período seguinte, a questão essencial é se ou em que

medo de que os atenienses, depois das reformas democráticas, perturbassem a situação (cf. também Plu. *Cim.* 17.3; Diod. 11.64.2; Paus. 1.29.8; 4.24.6). Explicações alternativas têm sido propostas por Cole 1974, em cuja opinião os espartanos cumpriram o desejo de Címon de regressar a Atenas para ele poder reagir à mudança constitucional; Badian 1988, 304-310 e 316-317, n. 38 / 1993, 89-96, que segue Plu. *Cim.* 16.8-17.3 ao identificar duas expedições a Esparta (cf., com análise detalhada, Luginbill 2016; também Buonocore 1982, 97-118) e que atribui o cancelamento ao facto de a ajuda dos atenienses não ter sido muito eficaz do ponto de vista militar; e Bloedow 2000, 96-101, que, à falta de melhor, especula sobre motivos radicados na política interna espartana. Por outro lado, cf. Lang 1967, 267-269 = 2011, 19-21, que considera o pedido original dos espartanos uma manobra para distrair algumas forças atenienses do assédio a Tasos.

⁴¹ Segundo Teopompo, *FGrH* 115 F 88, Címon voltou no quinto ano do banimento para concluir a paz (cf. também Nep. *Cim.* 3.3 e, com alguma confusão, Andoc. 3.3-4), mas é difícil conciliar isso com Thuc. 1.112.1 sobre uma trégua entre Atenas e Esparta estabelecida provavelmente em 451 (*contra* Raubitschek 1955, que sugere a data de 458/7 tanto para o regresso de Címon como para o acordo entre as duas cidades; também Unz 1986, 76-82, que prefere a data de 454 para estes eventos). Cf. Connor 1968, 24-30 com a conclusão de que Teopompo deve ter apresentado o fim do exílio de Címon e os acontecimentos posteriores em sequência imediata, mas sem implicar proximidade cronológica; também Buonocore 1982, 77-89, que considera enganosa a ligação entre o regresso do general e o acordo de paz com Esparta. Muitos estudiosos (como Meiggs 1972, 111 com 422-423, n. 9) presumem que Címon passou mais do que cinco anos no exílio ou até rejeitam completamente a tradição sobre o seu regresso antecipado (por exemplo, Fornara / Samons 1991, 138-139 e, com uma revisão detalhada das fontes, Marshall 2002; cf. também Scheidel / Siewert 1988 com a hipótese pouco provável de Teopompo ter alterado a versão enigmática

medida ele pretendeu desenvolver, de novo, uma agenda política independente. É possível que houvesse um entendimento com Péricles, que, segundo diz Plutarco (*Cim.* 17.8; *Per.* 10.4), tomou a iniciativa de chamá-lo de volta, mas os termos de colaboração entre os dois políticos, dando a Címon um novo comando contra os persas e garantindo o poder de Péricles nos assuntos internos da cidade, são referidos pelo biógrafo com certas dúvidas (*Per.* 10.5: “alguns dizem que”)⁴².

Em vista dos sucessos militares e das dificuldades domésticas de Címon, tem sido sugerido que a apresentação de Plutarco corresponde, em linhas gerais, ao estereótipo, muito mais comum em Roma do que no mundo grego, do general perdido na política interna⁴³. Esta é uma ideia muito interessante do ponto de vista da comparabilidade entre as *Vidas* gregas e romanas, pois o biógrafo viu-se confrontado naturalmente com a exigência de estabelecer paralelos entre os ambientes históricos e culturais dos seus heróis. Contudo, há outros fatores que parecem não menos relevantes para entender o retrato político

de Andócides), enquanto Badian 1987, 12-13 / 1993, 17-19 conjectura que ele, ao voltar depois da batalha de Tânagra, obteve o estado de *atimia*.

⁴² Cf. também *Mor.* 812F (*Praecepta gerendae rei publicae*). Segundo Antístenes, *FGrH* 1004 F 7a (= *Athen.* 13.589E-F), a recompensa de Péricles foi o amor de Elpinice. Cf. Ferretto 1984, 52-53 com a sugestão de que Teopompo usou o episódio para revelar o carácter ‘demagógico’ do acordo entre os dois políticos. Há muitos investigadores que não aceitam a historicidade do entendimento (por exemplo, Podlecki 1998, 43-45), mas cf. também Mariggiò 2011, 308-312, que acredita num realinhamento pretendido por Péricles para realizar uma política de consenso e de continuidade. Na opinião de Sealey 1956, 237-239 e 243-247 = 1965, 62-64 e 68-71, Címon e Péricles nunca foram inimigos, mas colaboraram frequentemente já antes do banimento do primeiro.

⁴³ Cf. Pelling 1986, 175 / 2002, 218, no âmbito de uma discussão mais ampla sobre elementos gregos e romanos nas *Vidas paralelas*. Mário e Pompeio são exemplos muito evidentes deste paradigma.

de Címon: por um lado, é provável que Plutarco não dispusesse de informações muito amplas sobre a política interna ateniense daquelas décadas⁴⁴, já que a sua narração não só carece de detalhes importantes, mas também é bastante confusa a ligar e contextualizar diversos episódios e fragmentos.

Por outro lado, é evidente que uma apresentação mais pormenorizada das tensões existentes entre Atenas e outras póleis dentro e fora da Liga de Delos teria complicado a imagem da política benevolente de Címon, destinada a servir os interesses de todos os gregos. Esta orientação pan-helénica é obviamente fundamental para a comparação com Luculo, benfeitor dos gregos em geral e dos queroneus em particular, mas também constitui um elemento-chave da visão global de Plutarco sobre a história grega. Vivendo num mundo dominado pelo Império romano, o erudito de Queroneia está convencido de que a sua pátria perdeu a independência principalmente por causa de contínuas guerras e divisões internas⁴⁵. Não é por acaso, então, que ele salienta com insistência a dimensão histórica dos sucessos de Címon, que, a seu ver, representam o apogeu da Grécia livre e unida na luta contra os persas (*Cim.* 19.3-4 e *passim*)⁴⁶.

⁴⁴ Cf. Stadter 1989, 112-113: "Our information on the political activity of this period ... is very thin and often contradictory. We do not know that P[lutarch]'s was much better."

⁴⁵ Cf., por exemplo, *Flam.* 11.5-6, onde as grandes batalhas das Guerras Persas e as campanhas de Címon são mencionadas como únicas exceções.

⁴⁶ Cf. também o contraste estabelecido por Elpinice entre a subjugação dos sâmios por Péricles e as guerras contra inimigos externos conduzidas por Címon (*Plu. Per.* 28.6). Segundo Schreiner 1977, 21-29, a interpretação de Plutarco baseia-se substancialmente na narração de Calístenes, que, supostamente, apresentou Címon como precursor de

Se a reconstrução da vida política ateniense em Plutarco não é particularmente sofisticada, as restantes fontes também não ajudam muito a esclarecer o papel de Címon nos conflitos e debates da época. Entre estas, o texto mais importante é, sem dúvida, a retrospectiva sobre a *Pentecontaetia*, ou seja, o período entre a retirada dos persas e o início da Guerra do Peloponeso, na obra de Tucídides (1.89-117). Apesar de não prestar muita atenção à carreira de Címon, este excuro histórico é precioso por ser relativamente confiável e próximo dos acontecimentos e, em particular, por fornecer um quadro cronológico dos anos da expansão marítima de Atenas⁴⁷.

Em contraste, a *Constituição dos atenienses* atribuída a Aristóteles avança uma interpretação mais concreta do papel de Címon na política interna ateniense, apresentando-o como sucessor de Milcíades e de Aristides na função de encabeçar os nobres e ricos, em contraposição aos líderes do povo, ou seja, Temístocles, Efilates e Péricles (*Ath. pol.* 28.2). Ao mesmo tempo, este texto também descreve Címon como político jovem e inexperiente, até recusando chamá-lo de líder (*hégemon*), além de pôr em relevo o uso ‘demagógico’ da sua riqueza (26.1; 27.3)⁴⁸. No entanto, é importante dar-se conta do anacronismo desta síntese, pois a ideia de dois ‘partidos’ ou ‘fações’

Alexandre Magno. Contudo, não se deve subestimar a independência do biógrafo.

⁴⁷ Sobre a cronologia da *Pentecontaetia* cf., entre muitos outros, Gomme 1945, 389-413; Meritt *et al.* 1950, 158-180; Deane 1972; Badian 1988; também Heideking 1975 para uma revisão detalhada da bibliografia anterior. Além disso, cf. a reconstrução ‘antitucidiana’ de Schreiner 1997, com as observações críticas de Rhodes 2001.

⁴⁸ Cf. Micaella 1983; Rhodes 1981, 324-326 e 338-340. Lapini 2002 discute várias opções para emendar o passo sobre a ‘juventude’ de Címon. Sobre o escasso destaque concedido ao filho de Milcíades, cf. Berti 2012, 132-135.

com programas definidos consoante o esquema aristotélico das constituições (monarquia – aristocracia – democracia) não corresponde ao funcionamento da democracia ateniense em meados do séc. V, que foi marcado por competição entre políticos invariavelmente obrigados a mostrar respeito ao *dêmos* como árbitro final em qualquer assunto público⁴⁹.

Além disso, existe uma brevíssima *Vida de Címon* escrita por Cornélio Nepos, que é interessante comparar com alguns passos daquela de Plutarco⁵⁰. Em particular, é digno de nota que o biógrafo romano use os conceitos de *principatus*, *potestas* e *auctoritas* para caracterizar a posição de poder do protagonista (Nep. *Cim.* 2.1) e que exalte a sua liberalidade numa espécie de epitáfio (4)⁵¹. Para mais, a narração analítica de Diodoro, que segue, em grandes linhas, a obra de Éforo (*FGrH* 70), ajuda a reconstruir alguns detalhes da história da época, mesmo que não seja uma fonte muito confiável em termos de precisão cronológica. Outros textos relevantes são preservados apenas em fragmentos, que se encontram maioritariamente na biografia do próprio Plutarco⁵². De facto, apesar de a sua *Vida*

⁴⁹ Cf. Hölkeskamp 1998; também Gehrke 1984. Sobre a continuidade, do ponto de vista da comunicação política, entre os períodos antes e depois das reformas de 462/1, cf. Mann 2007, 45-74.

⁵⁰ Cf. os estudos de Lombardo 1934, 161-170 e de Ramón Palerm 1992, 113-134, que sublinham ambos as semelhanças entre as duas biografias, supondo que são devidas, principalmente, à influência da obra de Teopompo.

⁵¹ Cf. Anselm 2004, 89-91 e, sobre o capítulo final, Connor 1968, 34-35.

⁵² Para uma análise da imagem de Címon na tradição histórica grega, cf. Stein-Hölkeskamp 1999, 149-156; também Lombardo 1934, 143-170.

de Címon ser relativamente breve, as fontes nela citadas são bastante numerosas⁵³.

Entre os autores mencionados por Plutarco destacam-se dois contemporâneos de Címon: por um lado, Íon de Quios (*FGrH* 392, citado em *Cim.* 5.3; 9.1; 16.10), que parece ter apresentado o general sob uma luz muito favorável⁵⁴; por outro, Estesíbroto (*FGrH* 107 / 1002, citado em *Cim.* 4.5; 14.5; 16.1; 16.3), proveniente de Tasos, uma ilha que se revoltou contra os atenienses e depois foi conquistada por Címon, cujos fragmentos deixam transparecer uma atitude profundamente crítica em relação a Atenas⁵⁵. De resto, quanto ao evergetismo de Címon, parece que as observações de Plutarco (*Cim.* 10) têm como ponto de referência a exposição de Teopompo (*FGrH* 115, não mencionado na *Vida de Címon*) sobre os demagogos atenienses⁵⁶, que incluía, com alguma probabilidade, a caracterização negativa daquela prática como bajulação do vulgo (*Cim.* 10.8), visto que existem dois fragmentos em que este autor se mostra atento às implicações políticas

⁵³ Cf. Flacelière / Chambry 1972, 7-12; Blamire 1989, 4-10; Fuscagni 1989, 59-89; Piccirilli 1990, xxxv-xxxvii.

⁵⁴ Cf. Roques 2016 sobre a sua preferência pela Atenas de Címon sobre aquela de Péricles.

⁵⁵ Isto não significa necessariamente que ele desse uma avaliação globalmente negativa de Címon, que foi apresentado na sua obra como pró-espartano. Cf. Meister 1978, 278-281; também Vanotti 2011, esp. 86-87.

⁵⁶ Plu. *Cim.* 10.1-3 corresponde substancialmente a Teopompo, *FGrH* 115 F 89 (= Athen. 12.533A-C), com uma variante derivada de *Ath. pol.* 27.3. Sobre as diferenças de perspectiva entre estas fontes, cf. Ferretto 1984, 39-46; também Schmitt Pantel 1992, 180-186.

da generosidade de Címon (F 89 *fin.*) e o apresenta como expoente de corrupção (F 90)⁵⁷.

Considerando a abundância de citações por um lado e a escassez de fontes transmitidas diretamente por outro, não surpreende que a *Vida de Címon* se tornasse num objeto particularmente interessante para as conjeturas da *Quellenforschung*. Há um século atrás, Eduard Meyer escolheu esta biografia para demonstrar a suposta dependência de Plutarco de fontes intermédias, sugerindo que, no caso de Címon, o biógrafo seguiu principalmente a obra de Dídimos (citado em Schol. Aristid., p. 515 Dindorf), um estudioso alexandrino que, por sua vez, se deve ter baseado na tradição biográfica da época helenística⁵⁸. Hoje em dia, há poucos investigadores que consideram as *Vidas* uma mera compilação, sendo claro que a coleção é fruto de amplas pesquisas e de cuidadosa elaboração literária por parte do autor de Queroneia.

Quais são as implicações para a avaliação de Címon como figura histórica? A pesquisa das últimas décadas tem posto em questão dois elementos centrais da apresentação de Plutarco, ou seja, a agenda pan-helénica do herói na política externa e a sua orientação aristocrática no sistema democrático de Atenas.⁵⁹ Quanto ao primeiro aspecto, já tem sido indicado que o

⁵⁷ Cf. Connor 1963; *idem* 1968, 30-38; Ferretto 1984, 25-31; *contra* Musti 1984, 140-142, em cuja opinião os fragmentos não implicam uma avaliação negativa de Címon, sendo contestada a atribuição de F 90.

⁵⁸ Cf. Meyer 1899, 65-71 e *passim*.

⁵⁹ Sobre a argumentação que se segue, cf. sobretudo Stein-Hölkamp 1999, cujas conclusões se baseiam em parte na análise de Steinbrecher 1985, esp. 155-163 sobre Címon como campeão do 'imperialismo' ateniense (cf. também Boffo 1975), e Musti 1984, esp. 139 e 143-152 sobre o seu papel na política interna da cidade. Cf. ainda Mariggiò 2011, 312-316, que sublinha, além da rivalidade pessoal, a continuidade política entre Címon e Péricles.

general contribuiu de forma determinante para o surgimento e consolidação do Império marítimo ateniense nos anos 470 e 460, conduzindo numerosas campanhas e também suprimindo as primeiras revoltas dentro da Liga de Delos. Assim, apesar de a sua razão de ser ter consistido na luta contra os persas, a aliança transformou-se cada vez mais num instrumento de hegemonia nas mãos dos atenienses. Não há dúvida de que este processo se acelerou mais tarde sob a liderança de Péricles, mas é importante reconhecer que, já no período anterior, a política de Címon pretendeu, em primeiro lugar, ampliar o poder de Atenas⁶⁰.

Na política interna, os objetivos do filho de Milcíades também ultrapassaram de longe a defesa e promoção dos interesses da aristocracia. É evidente que ele soube apresentar as suas prestações de forma convincente perante o público, celebrando os seus sucessos ao serviço da pólis em monumentos e pinturas, particularmente nos Hermes erguidos depois da tomada de Éion, no santuário de Teseu, onde depositou os ossos do herói fundador, e na *Stoa Poikile*, um pórtico cujo programa decorativo comemorou vitórias míticas e históricas de maneira a aumentar a glória dos atenienses e da família de Címon (Paus. 1.15.1-3)⁶¹. Com o tempo, a sua autopromoção e o seu ever-

⁶⁰ Além das referências citadas na nota precedente, cf., numa perspectiva de *longue durée*, Kallet 2013 sobre elementos de continuidade no expansionismo ateniense do séc. VI ao apogeu do Império no séc. V.

⁶¹ Cf. Stein-Hölkeskamp 1989, 212-218; *eadem* 1999, 160-164, assim como o estudo exaustivo de arqueologia contextual de Di Cesare 2015; também Boersma 1970, 51-61; Delvoye 1975 e, com especial atenção ao testemunho de Plutarco, Marín Valdés 2008, 212-247. Fora de Atenas, é de destacar ainda um monumento relacionado com a vitória de Maratona em Delfos, onde Milcíades aparece junto a deuses e heróis (Paus. 10.10.1-2), o que reflete provavelmente uma reinterpretação do papel do general por parte de Címon, conforme a visão mais ampla das façanhas

getismo fizeram com que, por um lado, ele ganhasse apoio e popularidade em todos os sectores políticos e sociais e que, por outro lado, surgissem críticas e controvérsias acerca das suas práticas. De qualquer forma, Címon não foi protagonista de uma política ‘oligárquica’ ou ‘anti-democrática’, mas tentou afirmar-se dentro do sistema democrático existente.

Todavia, tudo isto não significa que a interpretação de Plutarco esteja ‘errada’ do ponto de vista histórico. De facto, não há motivos para concluir que o biógrafo procurou distorcer, em grande medida, o que tinha encontrado nas suas fontes, que não permitiam aparentemente uma reconstrução detalhada dos acontecimentos. Como faltavam informações mais abrangentes sobre o quadro cronológico e sobre as diversas vicissitudes da carreira de Címon, não é difícil entender que ele escolheu acentuar aqueles aspectos que melhor possibilitassem apresentar aos leitores o exemplo de um político aristocrático dedicado à causa pan-helénica.

LUCULO

Considerando que Luculo é famoso sobretudo pelos seus banquetes aparatosos e pelas *villae* pomposas que possuía, é notável que Plutarco trate da sua vida luxuosa (*tryphê*) só nalguns dos últimos capítulos da biografia (*Luc.* 39-41) assim como na *synkrisis* (44[1]), enquanto as campanhas da Terceira Guerra Mitridática e o filelenismo do protagonista atraem uma atenção muito mais pormenorizada. Este facto, juntamente com as afirmações do biógrafo sobre o desejo de honrar o ben-

da sua família apresentada na *Stoa Poikile*. Cf. Jung 2006, 96-125 e a bibliografia aí citada.

feitor da sua cidade natal com um monumento literário (*Cim.* 1-2)⁶², é frequentemente citado para comprovar a hipótese de ele pretender facultar uma apresentação parcial e distorcida da carreira e do carácter de Luculo⁶³.

Sem dúvida, Plutarco tem motivos literários e morais para desenvolver o tema da *tryphê* ao longo da biografia⁶⁴. Assim, no início não destaca a extravagância do protagonista, mas, pelo contrário, a sua sobriedade, que aparece em contraposição à ostentação de vários adversários, de algumas mulheres e dos soldados rodeados de todos os luxos⁶⁵. Mais tarde, porém, depois das campanhas no Oriente e do subsequente triunfo (*Luc.* 37.3-6), o biógrafo identifica uma mudança fundamental na conduta do seu herói (38.2-39.1), censurando-o por se retirar para uma vida de ócio e de folguedos. Contudo, apesar de a secção sobre o hedonismo de Luculo ser bastante breve, não se justifica a conclusão de que esta estrutura serve para poupá-lo, pois a crítica de Plutarco é inequívoca e muito severa. Em particular, o escritor de Queroneia assemelha a atitude do político reformado aos costumes do mundo bárbaro (*Luc.* 41.7; 44[1].5)⁶⁶, contrasta-a com a doutrina de Platão (44[1].2-3) e deixa claro que é contrária às exigências da velhice (*par' hêli-*

⁶² *Vide supra*, pp. 14-15.

⁶³ Cf. Swain 1992, esp. 312-316; também *idem* 1990, 143-145 = 1995, 259-264; Pelling 1997, 239-242 / 2002, 373-375; Duff 1999, 59-60; Sirinelli 2000, 306.

⁶⁴ Cf. Tröster 2004; *idem* 2008, 49-76.

⁶⁵ Cf. *Luc.* 1.1 (Cecília); 2.6-3.1 (Ptolemeu IX); 5.4 e 6.2-4 (Cetego e Précia); 7.1 e 30.5 (tropas romanas); 7.4-6 (tropas de Mitridates); 21 (Tigranes); 34.1 (Clódio e Clódia); 38.1 (Clódia e Servília).

⁶⁶ Também é relevante, neste contexto, a alcunha de *Xerxes togatus* (*vide infra*, p. 58). Sobre a *tryphê* como característica dos bárbaros em Plutarco, cf. Schmidt 1999, 107-139; também Nikolaidis 1986, 236-238.

kian), que, a seu ver, obrigam a continuar no serviço ao bem comum⁶⁷.

Em grande parte, o facto de Plutarco não dedicar mais espaço à *tryphê* do protagonista explica-se pelo carácter do material à sua disposição, que consiste essencialmente em anedotas e historietas curiosas, entre elas não poucas que também aparecem noutras obras suas⁶⁸. É significativo que vários dos episódios narrados contrastem a extravagância de Luculo com a temperança de Pompeio (e uma vez também de Crasso)⁶⁹, que foi o seu rival político a partir do conflito sobre as decisões tomadas no âmbito da guerra contra Mitridates⁷⁰. Portanto, parece muito provável que os inimigos de Luculo usassem e amplificassem acusações de avidez e de enriquecimento que já tinham surgido durante o seu comando no Oriente, com o objetivo de demonstrar a sua incompetência em assuntos públicos⁷¹. Há poucas dúvidas de que este foi o contexto em que

⁶⁷ Cf. o tratado *An seni sit gerenda res publica*, esp. 790C-791C; 793A-796C sobre o papel dos idosos na gestão dos assuntos públicos, com a discussão de Desideri 1986, 379-381 = 2012, 120-123; também Byl 1977, 113-123. Sobre o comportamento *par' hêlikian*, cf. Byl 1977, 110-113; Cacciari 1995, 377-380 e *passim*; Frazier 1996, 72-76.

⁶⁸ Cf. *Pomp.* 2.11-12; 46.6; 48.7; *Cat. Mi.* 19.8; *Mor.* 204B (*Regum et imperatorum apophthegmata*); 782F (*Ad principem ineruditum*); 785F-786A; 792B-C (*An seni sit gerenda res publica*).

⁶⁹ Pompeio: *Luc.* 39.4-5; 40.2 (cf. *Pomp.* 2.11-12; *Mor.* 204B; 786A); 41.4-7; Pompeio e Crasso: *Luc.* 38.5 (cf., sem menção de Crasso, *Pomp.* 48.7; *Mor.* 204B; 785F). Sobre o possível contexto político do convívio de Luculo com Pompeio e Cícero (*Luc.* 41.4-7), cf. Hillman 1994, com as reservas avançadas por Lundgreen 2019, 102, n. 83. Além disso, cf. Zecchini 1995, 599-607 com a hipótese de ter existido um contraste parecido entre Luculo e César, cuja autoapresentação combinou frugalidade privada com munificência pública.

⁷⁰ *Vide infra*, pp. 52-53.

⁷¹ Estes ataques são mencionados em *Plu. Luc.* 24.1; 33.5; 34.4; 35.5. *Cic. Sest.* 93 indica que a representação de uma *villa* luxuosa do general

nasceram tanto a ideia, exprimida num fragmento de Nicolau de Damasco (*FGrH* 90 F 77), de o general ter sido “o primeiro guia do luxo entre os romanos”⁷² como a tradição anedótica mais ampla sobre a sua *luxuria* proverbial, cujos vestígios se encontram em numerosos autores antigos⁷³.

Não surpreende que Plutarco siga, em linhas gerais, esta tradição difundida, interpretando o material à luz das suas próprias convicções políticas e morais. É interessante que, no caso dos *horti Lucullani*, ele até reforce os preconceitos refletidos nas fontes, dizendo que, ainda na altura da composição das *Vidas*, esta propriedade era contada entre os mais sumptuosos dos jardins imperiais (*Luc.* 39.2), sem se dar conta de que a zona tinha sido embelezada com muito zelo durante o reino de Cláudio, ou seja, em meados do séc. I d.C.⁷⁴ Enquanto não há dúvida de que os *horti* e os outros domicílios de Luculo eram luxuosos, o facto é que os dados literários e arqueológicos estão longe de sugerir que fossem sem igual⁷⁵.

foi usada para provocar a indignação de uma *contio* em Roma.

⁷² Citado em Athen. 12.543A e 6.274E-F. Cf. também Vell. 2.33.4. Zecchini 1995, 597-599 sugere que o fragmento é derivado das *Histórias* de Salústio.

⁷³ *Vide infra*, p. 56.

⁷⁴ Cf. Tac. *ann.* 11.1.1. É natural, então, que o material arqueológico encontrado no sítio seja principalmente do período imperial. Cf. Broise / Jolivet 1996 e a bibliografia aí citada. Apesar de o jardim estar associado, no pensamento antigo, à filosofia epicurista, não é lícito concluir que os proprietários dos grandes *horti* na Roma tardo-republicana quisessem invariavelmente expressar um certo distanciamento da vida política, como sugere Wallace-Hadrill 1998, 3-6; também Boatwright 1998, 73-75. Para uma interpretação ambivalente da função dos jardins de Luculo cf. Von Stackelberg 2009, 76-78.

⁷⁵ De facto, segundo Cic. *Leg.* 3.30, o próprio Luculo podia chamar a atenção para *villae* igualmente aparatosas de dois vizinhos de posição social inferior. Sobre os vários sítios em questão, cf. Jolivet 1987;

Como Plutarco supõe que o seu herói se entregou a uma vida ociosa e opulenta ao voltar do Oriente em 66, é natural que tenha muita dificuldade em entender algumas notícias sobre as continuadas atividades políticas dele (*Luc.* 42.4-8)⁷⁶. Na realidade, Luculo foi um dos adversários mais intransigentes da aliança entre Pompeio, César e Crasso nos conflitos do ano 59⁷⁷, mostrando-se particularmente ativo justamente no período em que Cícero se refere repetidamente a ele e a outros nobres como *piscinarii*⁷⁸. Por conseguinte, do ponto de vista histórico, é preciso interpretar o material anedótico sobre o hedonismo de Luculo como instrumento de luta política, não como informação factual ou como expressão autêntica de um desejo de sair das normas da aristocracia romana⁷⁹. Entretanto, ele mesmo deve ter visto os seus gastos de forma muito diferente, procurando distinção em mais um campo de concor-

também Van Ooteghem 1959, 178-193; Keaveney 1992, 144-150. Além disso, cf. Shatzman 1975, 378-381 sobre a sua fortuna total.

⁷⁶ Sobre a retirada de Luculo, cf. Hillman 1993 com a conclusão de que “Plutarch ... was unable to see past the well established and prejudicial tradition on Lucullus’ proverbial luxury” (p. 218).

⁷⁷ Cf. *Plu. Luc.* 42.5-6; *Pomp.* 46.5-6; 48.2-4; *Cat. Mi.* 31.1; 31.7; *Dio Cass.* 37.49.4-5; *App. BC* 2.9.32; *Vell.* 2.40.5; também *Suet. Iul.* 20.4.

⁷⁸ Cf. *Cic. Att.* 1.18.6 = 18.6 Shackleton Bailey; 1.19.6 = 19.6; 1.20.3 = 20.3; 2.1.7 = 21.7; 2.9.1 = 29.1; também *Macr. Sat.* 3.15.6. Portanto, Lundgreen 2019, 116-117 até põe em dúvida a inclusão de Luculo neste grupo.

⁷⁹ Cf., com conclusões semelhantes, Mastrosera 2016, 258-259; *pace* Landolfi 1990, 103-106; D’Arms 1999, 312-313; Leach 2004, 87-88; Schnurbusch 2011, 257-258. Além disso, cf. Ballesteros Pastor 1999, 338-343, que reconhece a função propagandística do material, mas não questiona a veracidade das notícias sobre a degeneração de Luculo.

rência, vale dizer o de *savoir-vivre*, entre os membros da elite republicana⁸⁰.

Adotando uma perspectiva romana, seria fácil ligar o tema da *tryphê* de Luculo àquele do seu filelenismo⁸¹. Na ótica de Plutarco, porém, estes aspectos estão rigorosamente separados, como emerge muito claramente de um passo em que se contrasta a extravagância do protagonista com o embaraço dos gregos convidados para sua casa (*Luc.* 41.2). Assim, os excessos de Luculo na vida privada, considerados como característicos do mundo bárbaro, impedem que continue a cumprir a função de benfeitor filelénico, que tinha desempenhado de forma tão exemplar durante os anos dos seus sucessos políticos e militares⁸².

Em geral, o nível de educação grega e a atitude perante a cultura grega são importantes critérios aplicados por Plutarco para julgar os protagonistas das *Vidas romanas*⁸³. Nesta perspectiva, Luculo é um bom exemplo do líder romano educado pela filosofia grega, que sabe refrear a sua ambição (*philotimia*) no momento justo (*Luc.* 1.6; também 38.3-4) e que se deixa guiar pela doutrina platónica em assuntos políticos, citando a

⁸⁰ Cf. Lundgreen 2019, 94-112 com a hipótese estimulante de considerar Luculo como precursor (“Wegbereiter”) em vez de marginal (“Aussteiger”).

⁸¹ Cf. Petrochilos 1974, 85: “In Lucullus, the material and intellectual side of Greek culture were conspicuously united.” Sobre a preocupação de evitar esta ligação em Plutarco, cf., em geral, Swain 1990, 126-128 = 229-233.

⁸² Sobre a apresentação do seu filelenismo cf., com interpretações divergentes, Swain 1990, 143-145 = 1995, 259-264; *idem* 1992; também García Moreno 2002, 272-275 por um lado e Tröster 2008, 27-47 por outro.

⁸³ Cf. Swain 1990; também *idem* 1996, 139-144; García Moreno 1995, 136-147; *idem* 2002.

autoridade de Platão ao dar leis aos cireneus (2.4-5) e fazendo Antíoco de Ascalão seu amigo e companheiro (42.3)⁸⁴. Mesmo depois da sua suposta retirada, ele continua a promover a erudição grega no ambiente das suas bibliotecas, hospedando estudiosos e políticos gregos em sua casa (42.1-2)⁸⁵.

Anteriormente, durante as campanhas no Oriente, o filelismo de Luculo parece sobrepor-se a qualquer outra consideração, irritando tanto os soldados, que reclamam constantemente mais despojos e um tratamento mais severo das cidades gregas (*Luc.* 14.2-3; 19.4-5; 33.3-4), como os publicanos e usurários, que não perdoam ao procônsul as medidas introduzidas por ele para reduzir as dívidas da província da Ásia (7.7; 20)⁸⁶. Ao mesmo tempo, Plutarco acentua os benefícios do seu herói pelo contraste com a política supostamente anti-helénica de Mitridates e sobretudo de Tigranes (*Luc.* 18; 21 e *passim*)⁸⁷. Assim,

⁸⁴ Cf. a conclusão de Swain 1990, 143 = 1995, 261; *idem* 1992, 314: “Hellenism is the key to Lucullus’ moral outlook.” Sobre a importância da *paideia* para controlar a *philotimia*, cf. Pelling 1989 *passim*; Swain 1990, 131-134 = 1995, 239-243; também Duff 1999, 72-89.

⁸⁵ Cf. Zadorojnyi 2013, 387-389: “a mini-Athens ‘recreated’ ... in the bosom of Latium” (p. 388); também Too 2010, 42 e 227-231. Sobre a grande biblioteca de Luculo em Túsculo cf. Dix 2000, mas é mais provável que Plutarco se refira a outro sítio na cidade de Roma. Cf. Frampton 2016, 121-123.

⁸⁶ Cf. também App. *Mith.* 83.376. A oposição dos publicanos e outros grupos do sector financeiro é frequentemente considerada um fator determinante na decisão de substituir Luculo no comando. Cf., por exemplo, Cobban 1935, 115-122 e *passim*, mas é evidente que eles não constituíram o único grupo interessado na transferência das províncias (*vide infra*, pp. 47-48, e cf. Brunt 1988a, 152-153 com 516, n. 2; também Twyman 1972, 864-866; *contra* Keaveney 1992, 114-115 com 236-237, n. 31; também Badian 1972, 98-99 com 151, n. 84).

⁸⁷ Sobre a apresentação negativa dos dois reis por parte do biógrafo, cf., respetivamente, Ballesteros Pastor 2011 e Pulci Doria Breglia 1973/74.

graças aos seus atos de filelenismo e de filantropia, Luculo acaba por ser amado pelos gregos, que organizam festas para lhe mostrar a sua gratidão (*Luc.* 23.2) e que o honram como benfeitor e fundador (29.5).

É evidente que esta apresentação das relações entre o general e o mundo grego é fortemente idealizada, mas isto não implica necessariamente que a narração de Plutarco reflita simplesmente o desejo de prestar homenagem ao benfeitor de Queroneia. De facto, a mesma linguagem elogiosa encontra-se tanto em numerosas inscrições honoríficas da Grécia e da Ásia Menor como nalguns passos da tradição histórica representada por Apiano, que menciona outorgas de liberdade a Amiso e Sinope (*Mith.* 83.370; 374) assim como jogos celebrados pelos habitantes de Cízico em honra de Luculo até ao período imperial (76.330)⁸⁸. Portanto, é razoável concluir que os benefícios filelénicos constituem um elemento central não só na caracterização biográfica de Plutarco, mas também na autoapresentação e na política adotada pelo general com os objetivos de aumentar o seu prestígio e poder pessoal e de obter o apoio dos gregos no conflito com os reis orientais⁸⁹.

⁸⁸ Inscrições: IG IX 2.38 = SIG³ 743; Inscriptions de Délos 1620; Inschr. Ephesos 2941; TAM V 2.918; MAMA IV 52; BE 1970, no. 441; Ferrary 2000, 339-340 = SEG 49, 1999, 1508; IG II-III² 3.4104; 4105 e, para a sua filha, 4233; também Ameling 1989 = SEG 39, 1989, 881. Cf. Canali de Rossi 2001, 62-63. De resto, algumas cidades introduziram eras luculianas. Cf. Marek 1985, 144-152; Leschhorn 1993, 157-169 e 478-481 (catálogo). Segundo Cic. *Flacc.* 85, Luculo também recebeu abundantes legados da província da Ásia. Sobre a gratidão continuada diante dele no período imperial, cf. Jones 2001, 12-15.

⁸⁹ Em contraste, Bernhardt 1971, 134-143 considera os benefícios principalmente como expressão de um filelenismo autêntico (p. 139: "Im wesentlichen aber wurzelte das Verhalten Lukulls in einem echten Philhellenismus und einem bißchen Eitelkeit").

Além disso, o escritor de Queroneia afirma com insistência que Luculo se dedicou às letras, escrevendo uma história da Guerra Social em grego (*Luc.* 1.7-8 / *FRHist* 23) e participando ativamente em debates filosóficos (42.3)⁹⁰. É muito provável que esta apresentação seja influenciada pelos *Academica Priora* de Cícero, mencionados explicitamente pelo biógrafo (*Luc.* 42.4), em que Luculo aparece como representante da filosofia acadêmica⁹¹. Sem dúvida, o retrato traçado na introdução a esta obra é enganoso na medida em que o general assume o papel de estudioso profissional, visto que o próprio Cícero deixa transparecer, na sua correspondência privada, que os interlocutores do diálogo não eram peritos em filosofia, explicando desta forma a decisão de substituí-los na segunda edição dos *Academica*⁹². Não obstante, os interesses culturais e intelectuais de Luculo não representam meramente uma componente superficial da sua imagem pública, mas constituem, de facto, uma parte integral da sua autodefinição como membro da elite romana⁹³. Assim, foi perfeitamente natural para ele, durante a sua vida toda, circundar-se de eruditos e conselhei-

⁹⁰ A obra histórica escrita em grego também é atestada por *Cic. Att.* 1.19.10 = 19.10 Shackleton Bailey. A propósito das observações de Plutarco sobre Luculo como filósofo, cf. Gucker 1978, 380-390; Jones 1982; Barnes 1989, 90-92; Fladerer 1996, 186-187.

⁹¹ Além das referências citadas na nota precedente, cf. Stadter 2010 / 2015, 130-138 a favor da hipótese de Plutarco ter conhecido o tratado em primeira mão.

⁹² Cf. *Att.* 13.12.3 = 320.3 Shackleton Bailey; 13.16.1 = 323.1; 13.19.5 = 326.5.

⁹³ Cf. a avaliação equilibrada de Keaveney 1992, 9-12, que contrasta com o veredicto severo de Crawford 1978, 205: “Lucullus’ real philistinism can be inferred from Cicero’s desperate protestations to the contrary”.

ros do mundo grego como Antíoco de Ascalão e Árquias de Antioquia⁹⁴.

Enquanto Plutarco dedica muito espaço às campanhas e aos benefícios filelénicos do protagonista, as informações fornecidas sobre o seu papel na política romana são exíguas⁹⁵. Os primeiros capítulos da biografia põem em destaque a forte ligação pessoal entre Luculo e Sula⁹⁶, contrastando, porém, a doçura do primeiro com a severidade do segundo na administração da província da Ásia (*Luc.* 4.1). A partir da morte do ditador, Plutarco apresenta as ambições do seu herói em oposição àquelas de Pompeio (*Luc.* 4.5; 5.2-3), transferindo para os anos 70 um conflito que, na realidade, parece ter surgido só uma década mais tarde, ou seja, na sequência da passagem do comando no Oriente⁹⁷. Tendo chegado ao consulado em 74, o protagonista luta não só para conter o poder de Pompeio, mas também para frustrar as iniciativas do demagogo Quíncio e para receber,

⁹⁴ Ambos escreveram sobre as campanhas de Luculo. *Vide infra*, p. 55. Sobre o *entourage* do general, cf. Tröster 2008, 136-137.

⁹⁵ Cf. Tröster 2008, 77-104.

⁹⁶ Cf. também *Mor.* 805E-F (*Praecepta gerendae rei publicae*). Não é improvável que Luculo seja o questor que ficou leal a Sula quando este último marchou para Roma à frente do seu exército em 88 (*App. BC* 1.57.253). Cf. Badian 1962, 54-55 = 1964, 220; *contra* Schütz 1994, 54-58; Thonemann 2004, dado que ambos preferem a data de 87 para a questura de Luculo.

⁹⁷ Cf. também *Pomp.* 15.3; 20.2. Sobre a reinterpretação de Plutarco, cf. Hillman 1991. A apresentação dos objetivos de Pompeio em 74 amplifica alguns elementos elaborados na carta dele ao Senado em Sall. *hist. frg.* 2.98 Maurenbrecher = 2.82 McGushin. Mais em geral, sobre a função narrativa da rivalidade entre os dois políticos em Plutarco, cf. Seager 2008, 327-332.

com o apoio do enigmático Cetego, o encargo de comandar as operações contra Mitridates (*Luc.* 5.4-6.5)⁹⁸.

Apesar da pobreza do material sobre este período, Luculo é frequentemente considerado como membro de um pequeno círculo de políticos ‘ultraconservadores’, determinados a defender até às últimas consequências a ordem estabelecida por Sula⁹⁹. Contudo, esta hipótese é muito duvidosa, baseando-se apenas em inferências prosopográficas, enquanto os episódios narrados por Plutarco deixam supor que, na verdade, o cônsul de 74 adotou uma atitude mais flexível para ganhar apoio no meio político e no público em geral, com o objetivo pragmático de promover a própria carreira¹⁰⁰. De qualquer maneira, é evidente que as aspirações de Luculo não podem ser entendidas à luz de um rígido esquema de fações, que constituiu outrora o modelo preferido pelos historiadores para analisarem o sistema político romano¹⁰¹.

⁹⁸ Conflito com Quíncio: cf. Sall. *hist. frg.* 3.48.11 Maurenbrecher = 3.34.11 McGushin e, em relação a acontecimentos posteriores, 4.71 = 4.68; Plu. *Luc.* 33.6; colaboração com Cetego: cf. Cic. *parad.* 40.

⁹⁹ Cf. sobretudo Schütz 1994, 96-106 e, de forma ainda mais esquemática, Rossi 1965, 150-152; também Keaveney 1982, 208-209 = 2005, 172-173; *idem* 1984, 148-149; *idem* 1992, 47-48. Em contraste, Twyman 1972, 850-854 e *passim*; também Hillman 1989, 96-98 e *passim* identificam Luculo como membro de uma facção liderada por Pompeio junto aos *Metelli*, o que parece ainda menos convincente.

¹⁰⁰ Cf. Badian 1968, 37-39 com a conclusão de que Luculo “was not a conservative noble, but a man remarkably free from traditional restraints” (p. 38).

¹⁰¹ Cf., em geral, Meier 1966, esp. 163-190; Brunt 1988b. Sobre o modelo tradicional de partidos aristocráticos (*Adelsparteien*), cf. Höllkeskamp 2001 com avaliação crítica e bibliografia. Rejeitando estas categorias no contexto da herança política de Sula, Santangelo 2014 propõe uma leitura mais intrincada e complexa, focalizada em assuntos particulares, da década de 70.

Após a longa estadia do protagonista no Oriente, de onde regressou em 66, Plutarco tende a minimizar a dimensão das suas atividades políticas para se concentrar no tema da *tryphê*. Neste contexto, o biógrafo parece ignorar o facto de o general ter sido forçado a esperar três anos antes de poder celebrar um triunfo (Cic. *ac. pr.* 3) e também não sabe explicar muito bem o significado mais amplo da disputa sobre a ratificação das medidas tomadas por ele e por Pompeio na guerra contra Mitridates (*Luc.* 42.5-6)¹⁰². Em vez disso, as poucas informações proporcionadas sobre os conflitos deste período são interpretadas por Plutarco segundo a sua própria visão da política romana, que é marcada por uma divisão fundamental entre Senado (*boulê*) e povo (*dêmos*)¹⁰³. Assim, Luculo aparece como campeão do Senado e da aristocracia, mesmo que rejeite a oferta de uma posição de primeiro plano (*Luc.* 38.2; 42.4-5), enquanto os seus adversários são caracterizados como demagogos ou aliados de demagogos¹⁰⁴. Por conseguinte, é quase impossível para o leitor entender as linhas de conflito dentro da classe dirigente, que deve ter estado muito dividida sobre a questão do poder acumulado por Luculo durante o seu

¹⁰² Desafiando a opinião comum de que esta controvérsia foi um fator crítico para a formação do chamado Primeiro Triunvirato, Rising 2013 pretende demonstrar que, na realidade, não houve uma intensa confrontação entre Pompeio e a maioria do Senado no respeitante a esta questão.

¹⁰³ Cf. Pelling 1986, 165-187 / 2002, 211-225; também De Blois 1992 *passim*; Mazza 1995, esp. 264-268; Sion-Jenkis 2000, 66-69.

¹⁰⁴ Cf. *Luc.* 20.5 (publicanos e usurários); 24.1 (demagogos anónimos); 33.5-6 (Quíncio); 34.1-5 (Clódio); 35.9 (Pompeio); 37.1-2 (Mémio). Consoante a apresentação de Plutarco, muitos estudiosos, seguindo Syme 1939, 29, descrevem Luculo como 'general do Senado', em contraposição a Pompeio, o 'general do povo'.

comando, sobretudo depois da decisão fatídica de alargar a guerra à Arménia¹⁰⁵.

Embora o biógrafo insista em salientar a orientação aristocrática do protagonista assim como as suas dificuldades em comunicar com a multidão, não há dúvida de que Luculo conseguiu, durante muito tempo, mobilizar o apoio de uma parte considerável do público para a sua agenda política. Além dos sucessos eleitorais, há várias indicações nas fontes que deixam transparecer a sua capacidade para persuadir os concidadãos através do discurso ou para conquistar o favor deles por meio de benefícios, o que era, de facto, indispensável para se afirmar no sistema político romano¹⁰⁶. Assim, Luculo granjeou uma ótima reputação de orador (*Luc.* 33.3; também Cic. *Brut.* 222) e de organizador de eventos, convidando, por exemplo, os habitantes da cidade e das povoações vizinhas para um grande convívio no âmbito do seu triunfo (*Luc.* 37.6)¹⁰⁷. Nesta perspetiva, também é preciso reinterpre-

¹⁰⁵ Neste contexto, é significativa a observação em *Luc.* 33.2 sobre a incapacidade de Luculo para colaborar com os seus pares. Além de Plutarco, há vários outros autores que mencionam reservas em relação ao poder do general. Cf. Sall. *hist. frg.* 4.70 Maurenbrecher = 4.69 McGushin, citado *infra*, na n. 130; Dio Cass. 36.2.1-2; também 36.16.1; App. *Mith.* 90.411. Sobre o carácter pessoal da decisão de fazer guerra à Arménia, cf. Sherwin-White 1984, 174-176; *idem* 1994, 239-240; também Manandian 1963, 75-100; Liebmann-Frankfort 1969, 229-236; *pace* Keaveney 1992, 99-104 e 112-113, segundo o qual Luculo tentou evitar um conflito militar e, de resto, teve autorização legal para forçar a entrega de Mitridates.

¹⁰⁶ Cf., entre muitos outros, Hölkeskamp 1995; Pina Polo 1996, 94-150; Laser 1997; Morstein-Marx 2004; também Yakobson 1999, 211-225 e, com conclusões problemáticas sobre o carácter 'democrático' da República, Millar 1998.

¹⁰⁷ Cf. também Plin. *Nat.* 14.96. Outro exemplo é o dos jogos organizados por ele, juntamente com o seu irmão, na função de edil.

tar as numerosas notícias sobre a extravagância das suas *villae*, que não só serviram como símbolos de posição social, mas também desempenharam importantes funções na interação com o público¹⁰⁸. É interessante que, sob este aspecto, o caso de Luculo se assemelhe de perto àquele de Címon¹⁰⁹, ainda que Plutarco prefira destacar a diferença entre os seus heróis em termos de acessibilidade (*Luc.* 44[1].5-6).

Na narração do escritor de Queroneia, o tema das relações tensas entre Luculo e a multidão é elaborado sobretudo no que respeita à liderança militar¹¹⁰. Apesar de atingir grandes sucessos no campo de batalha, o general não consegue satisfazer, de forma suficiente, os desejos materiais e emocionais dos seus soldados, que se mostram cada vez mais recalcitrantes. No início da campanha contra Mitridates, Luculo ainda aparece como líder eficaz e competente (*Luc.* 7.1-3)¹¹¹, enquanto os problemas de disciplina são atribuídos principalmente à atitude dos legionários. Contudo, a partir do momento descrito como mudança de fortuna na carreira do protagonista (*Luc.* 33.1), Plutarco não deixa dúvidas de que a falta é, em grande parte, do próprio general por ser incapaz de ganhar o favor dos seus soldados.

Assim, o biógrafo desenvolve dois motivos já presentes na tradição histórica a partir de Salústio¹¹². Por um lado, sublinha

Cf. Plu. *Luc.* 1.8-9; *Mor.* 484D-E (*De fraterno amore*); Cic. *off.* 2.57; Val. Max. 2.4.6; Plin. *Nat.* 8.19; Gran. Licinian. 36.6; *vir. ill.* 74.1 (referindo-se, erroneamente, à questura).

¹⁰⁸ Cf. Tröster 2009.

¹⁰⁹ *Vide supra*, pp. 21-24.

¹¹⁰ Cf. Tröster 2008, 105-126 e, sobre o tema mais amplo da interação com o *plêthos*, *idem* 2008a.

¹¹¹ Cf. também Sall. *hist. frg.* 3.19 Maurenbrecher = 3.9 McGushin (de contexto incerto).

¹¹² Cf., sobre os soldados, Sall. *hist. frg.* 5.10 Maurenbrecher = 4.70 McGushin (= Plu. *Luc.* 33.3) e, possivelmente sobre Luculo, 4.73 = 4.77

o espírito rebelde dos legionários, ávidos por pilharem cidades e tesouros, insaciáveis a ponto de impedir o cumprimento de objetivos militares e, ao mesmo tempo, sempre dispostos a questionarem a estratégia do general e a se queixarem das exigências da campanha¹¹³. Incitados pelo jovem patrício Clódio (*Luc.* 34.1-5)¹¹⁴, que é caracterizado como demagogo e “amigo dos soldados” (*philostratiôtês*), eles acabam por ignorar as ordens de Luculo, até ridicularizando-o num combate imaginário contra um inimigo inexistente (35.7-8). Por outro lado, Plutarco não poupa o seu herói na análise da comunicação falhada com as tropas, criticando-o severamente por não conseguir afirmar-se como líder dos seus soldados (*Luc.* 33.2; 36.5)¹¹⁵ e dizendo que, nesta perspetiva, ele foi claramente inferior a Címon (45[2].3-5). Aos olhos do biógrafo, que sempre dá muita importância a qualidades de liderança e ao domínio das paixões da multidão¹¹⁶, esta falta é realmente grave, por muito nobres que fossem as intenções do general, que suscita a

(de contexto incerto); também, de teor semelhante, Dio Cass. 36.16. A avidez e desobediência das tropas de Luculo eram tão notórias que podiam servir de motivo literário em Hor. *epist.* 2.2.26 ss.

¹¹³ Reivindicação de despojos: *Luc.* 14.2-3; 19.4; 24.6; também 35.5; avidez em batalha: 17.6-8; crítica da estratégia militar: 8.3; 14.4; ressentimentos pela dureza do serviço: 33.3-4.

¹¹⁴ Cf. também Sall. *hist. frg.* 5.11-12 Maurenbrecher = 5.9-10 McGushin; Cic. *har.* 42; Dio Cass. 36.14.4. Sobre o contexto narrativo e histórico do discurso de Clódio cf. Tatum 1991; *idem* 1999, 44-49; também Mulroy 1988, 157-165, que pretende demonstrar que o relato de Plutarco é fictício.

¹¹⁵ É interessante constatar a diferença entre *Luc.* 36.4-5 e *Pomp.* 31.9, onde é sublinhada a renitência dos legionários, não a incapacidade do general.

¹¹⁶ Sobre o tema da liderança militar nas *Vidas*, cf. Gazzano / Traina 2014, 350-358 e, mais especificamente, naquelas romanas De Blois 1992, 4590-4599.

animosidade dos legionários também pelo tratamento benigno dispensado à população grega no teatro de guerra¹¹⁷.

O estilo de comando de Luculo é frequentemente contrastado com aqueles do seu sucessor Pompeio e sobretudo de César, que soube criar uma ligação especial com as suas tropas¹¹⁸. Contudo, seria injusto considerá-lo totalmente inepto na arte da liderança, pois há, de facto, não poucas notícias sobre episódios em que Luculo conseguiu inspirar os seus soldados através de palavras e ações, tratando-os como *commilitones* e partilhando com eles os perigos do combate¹¹⁹. Noutras ocasiões, a sua retórica fracassou, mesmo que ele tivesse recorrido a apelos emocionais, reforçando os seus argumentos com súplicas e lágrimas (*Luc.* 35.4; também 32.4)¹²⁰. Para mais, quanto à remuneração dos legionários, há indicações de que, ao

¹¹⁷ *Vide supra*, p. 42.

¹¹⁸ Pompeio: cf. *Plu. Luc.* 34.4-6; também *Pomp.* 39.2; Dio Cass. 36.16.3. César: cf., por exemplo, Harmand 1967, 454 e *passim*; Nicolet 1976, 180-181. Ao contrário da maioria dos estudiosos, Aigner 1974, 29-41 opina que os problemas de Luculo são devidos exclusivamente à atitude dos soldados, não àquela do comandante. Sobre as chamadas legiões fimbrianas, cf. Wolff 2013; também Mulroy 1988, 159-161, ambos com a sugestão de que elas, malgrado a sua reputação, não foram particularmente sediciosas.

¹¹⁹ Discursos: *Luc.* 8.3-4; 9.3; 14.5-8; 24.7; também *Sall. hist. frg.* 4.58 Maurenbrecher = 4.59 McGushin; *Liv. per.* 94.1; combate: *Luc.* 15.6; 28.1-4; 31.8; *Mor.* 203A-B (*Regum et imperatorum apophthegmata*); também *Sall. hist. frg.* 4.7 = 4.5 (de contexto incerto); *App. Mith.* 85.385-386; *Mémnon*, *FGrH* 434 F 38.5.

¹²⁰ A propósito das lágrimas de Luculo cf. Flaig 1997, 42-45; *idem* 2003, 110-115: “Zu weinen hieß jedoch, die habitualisierte Selbstkontrolle weitgehend zu suspendieren. Das war ein Beweis größter Vertrautheit, einer quasifamilialen Nähe und hoher affektiver Bindung” (p. 113); também Veyne 1976, 408-409 com 505, n. 108; *pace* Harmand 1967, 282, n. 279, em cuja opinião o episódio reflete a propaganda de Pompeio.

lado dos despojos adquiridos, eles receberam donativos consideráveis (*Luc.* 29.4; 37.6)¹²¹. Assim, confirmam-se no domínio militar as conclusões gerais tiradas sobre a capacidade de comunicação de Luculo no âmbito político, não obstante existirem certas diferenças entre os soldados em campanha, que exigiam empatia e motivação de modo permanente, e as multidões em Roma, que se mobilizavam em ocasiões específicas¹²².

A maior parte do exército de Luculo continuou a lutar contra Mitridates sob as ordens de Pompeio, que assumiu o comando depois de ter afastado a crescente ameaça dos piratas numa rápida campanha conduzida em todo o Mediterrâneo¹²³. Anulando as decisões do seu predecessor e da comissão senatorial responsável pela organização da província do Ponto, o novo comandante favoreceu geralmente pessoas cuja lealdade fosse

¹²¹ Segundo De Callataÿ 1997, 365, a distribuição depois da tomada de Tigranocerta deve ter sido um pagamento de atrasos, mas não há nada para comprovar esta hipótese. Neste contexto, também são relevantes as referências à *tryphê* e ao bem-estar dos soldados: *Luc.* 7.1-3 (sobre o período anterior ao comando de Luculo); 30.5; Dio Cass. 36.14.3; 36.16.3; também Sall. *hist. frg.* 5.9 Maurenbrecher = 5.8 McGushin.

¹²² Cf., talvez com esquematismo excessivo, Harmand 1967, 304: “Aux diverses raisons personnelles ... de son échec psychologique près du soldat, ne faudrait-il pas ajouter une incapacité, chez ce spécialiste de l’*eloquentia* urbaine, à se faire aux exigences mentales d’un *exercitus* de rustres?”.

¹²³ Pompeio é frequentemente considerado o verdadeiro autor da decisão de transferir o comando de Luculo para Glabrião (*cos.* 67). Cf., por exemplo, Cobban 1935, 115-126; Gruen 1974, 131: “master plan”; Keaveney 1992, 120-121; também Seager 1979, 32 = 2002, 43 e, após reconsideração, 2002, 175. Contudo, é improvável que Pompeio pudesse ter antecipado os acontecimentos subsequentes na altura da substituição de Luculo. Cf. Williams 1984; também Twyman 1972, 864-873; Kallet-Marx 1995, 312-315. Segundo Vervaeke 2011, 278-283, Glabrião até deve ter obtido um comando de três anos.

devida exclusivamente a ele mesmo¹²⁴. Com efeito, a rivalidade entre os dois generais – dado que ambos reivindicaram para si a glória de ter vencido Mitridates e o poder de satisfazer a própria *clientela* – afetou diretamente um grande número de amigos deles no Oriente e, no caso de Árquias, que foi obrigado a defender a sua cidadania em tribunal, mesmo em Roma¹²⁵. Entre aqueles que foram castigados por isso figura o avô do geógrafo Estrabão, que se tinha juntado a Luculo com quinze cidadelas pônticas mas acabou por não receber a recompensa prometida (Strab. 12.3.33)¹²⁶. Também é interessante considerar a situação nalgumas cidades da Cilícia que obtiveram benefícios de ambos os comandantes, pois parece que Pompeio substituiu, em grande parte, Luculo como patrono, sendo honrado abundantemente em inscrições e através da instituição de eras locais¹²⁷.

¹²⁴ Cf. *Luc.* 36.1; 36.4; *Pomp.* 31.2; 31.9; também Dio Cass. 36.46.2; 37.49.5, com os estudos de Dingmann 2007, 294-306 e de Tröster 2008, 143-148; *pace* Wirth 1983, esp. 12-14, em cuja opinião as decisões de Pompeio foram determinadas exclusivamente por motivos de estratégia militar; também Arrayás Morales 2013, 199-202, que sublinha a continuidade entre as medidas adotadas pelos dois comandantes. Sobre o conflito com a comissão senatorial, cf. Broughton 1946, 40-43.

¹²⁵ Sobre o significado político do processo contra o poeta, cf. Taylor 1952; Gruen 1974, 267-268; Haley 1983; *pace* Van Ooteghem 1959, 171-172. Além disso, cf. Damon 1997, 268-276 sobre o papel limitado de Luculo na defesa do seu cliente; também Coşkun 2010, 87-89.

¹²⁶ Sobre a família de Estrabão e as suas relações com Roma, cf. Engels 1999, 17-21; Dueck 2000, 5-7.

¹²⁷ Benefícios de Luculo: Plu. *Luc.* 29.5; também Strab. 11.14.15; de Pompeio: Strab. 14.3.3; 14.5.8; App. *Mith.* 96.444; 115.562; Plu. *Pomp.* 28.6; Dio Cass. 36.37.6; Mela 1.71, assim como Inscriptions of Side 101; IGRom III 869. Cf., com especial atenção às eras, Ziegler 1993, esp. 214-219.

Ora, o facto de Plutarco apenas aludir às profundas implicações deste conflito tem a ver, sem dúvida, com as limitações das suas fontes, já que, ao escrever a *Vida de Luculo*, ele ainda não dispunha aparentemente do material detalhado sobre o período em questão que usou mais tarde para a *Vida de Pompeio* e outras *Vidas* tardo-republicanas¹²⁸. Em contraste, as fontes consultadas para a biografia anterior devem-se ter concentrado nas campanhas contra Mitridates e Tigranes, sem fornecerem informações muito ricas sobre os anos posteriores¹²⁹. Em particular, a narração de Plutarco parece basear-se, em grande medida, nas *Histórias* de Salústio (citadas em *Luc.* 11.6; 33.3), cujos fragmentos deixam transparecer uma avaliação equilibrada de Luculo como comandante eficaz mas ambicioso demais¹³⁰. Outras obras, como aquela de Lívio (citado

¹²⁸ Cf. Pelling 1979, esp. 74-80 e 84-85 / 2002, 1-7 e 12-13 com a hipótese de Plutarco ter descoberto uma fonte importante sobre os últimos anos da República só depois de ter composto a *Vida de Luculo* (e aquela de Cícero). Isto reflete-se sobretudo nas apresentações do encontro entre Luculo e Pompeio na Galácia (*Luc.* 36.2-4; *Pomp.* 31.3-13) e da confrontação durante o consulado de César em 59 (*Luc.* 42.6-8; *Pomp.* 47.1-48.7).

¹²⁹ Sobre estas fontes, cf. Peter 1865, 106-109; Villoresi 1939, 217-218; Van Ooteghem 1959, 215-218; Flacelière / Chambry 1972, 49-52; Scardigli 1979, 104-105; *eadem* 1989, 254-255, 262-267 e 284; Piccirilli 1990, xxxvii-xxxviii.

¹³⁰ Cf. sobretudo *hist. frag.* 4.70 Maurenbrecher = 4.69 McGushin: *imperii prolatandi percupidus habebatur, cetera egregius*, embora não se tenha a certeza absoluta de que o fragmento se refira a Luculo. Sobre a atitude de Salústio perante o general, cf. Schur 1934, 277-279; Van Ooteghem 1959, 210-211; Rizzo 1963, 29; Syme 1964, 202-203; La Penna 1968, 287-290 e 294; Scardigli 1979, 104-105; *eadem* 1989, 263-264; McGushin 1994, 200-203; *pace* Wirth 1984, 576-578; *idem* 2006, 394-395. Ash 2006, 364-374 avança a hipótese muito interessante de a apresentação das campanhas orientais de Corbulão em Tac. *ann.* 13-15 ser inspirada naquela 'clássica' das operações de Luculo em Salústio.

em *Luc.* 28.8; 31.9), podem ter servido como fontes suplementares¹³¹. Além disso, não é improvável que a biografia seja influenciada, direta ou indiretamente, pelo poema elogioso de Árquias (*FGrH* 186) sobre as campanhas do seu patrono no Oriente¹³².

Quanto às outras fontes sobreviventes sobre a carreira de Luculo, elas também se concentram nos acontecimentos da Terceira Guerra Mitridática¹³³. Enquanto Apiano de Alexandria dá relevo sobretudo aos primeiros anos da campanha contra o rei do Ponto¹³⁴, a obra de Dión Cássio é preservada só a partir da fase crítica da guerra na Arménia. Para mais, existem largos excertos da história local de Mémnon de Heracleia (*FGrH* 434), que apresenta uma perspectiva complementar àquela da tradição principal, bem como um número substancial de inscrições que atestam os benefícios de Luculo¹³⁵. Cícero também fala sobre a guerra no Oriente, atribuindo, porém, um papel bastante limitado ao general, especialmente no discurso a favor

¹³¹ Cf. as referências citadas *supra*, na n. 129, assim como Rizzo 1963, 40-45 sobre a proximidade de Plutarco relativamente à tradição liviana.

¹³² Cf. Cic. *Arch.* 21; também *Att.* 1.16.15 = 16.15 Shackleton Bailey. Sobre Árquias como fonte de Plutarco, cf. Reinach 1890, 49-54; *idem* 1895, 425 e 442-443; Rizzo 1963, 40 e 79-81; Hillard 1987, 37-47; também Coarelli 1981, 254-257 = 1996, 410-414; *idem* 1987, 157-159. De resto, o biógrafo cita, no contexto da batalha de Tigranocerta, uma obra de Antíoco de Ascalão sobre os deuses (*Luc.* 28.8). Cf. também Cic. *ac. pr.* 4: as façanhas de Luculo *ferre sunt et Graecis litteris celebrata et Latinis*.

¹³³ Cf. Villosesi 1939, 207-221; Van Ooteghem 1959, 208-220.

¹³⁴ Sobre a apresentação de Luculo no *Mithridateios* de Apiano cf. Goukowsky 2001, liii-lvii.

¹³⁵ Além do material epigráfico referido *supra*, na n. 88, cf. também Sayar *et al.* 1994 = SEG 44, 1994, 1227, assim como CIL I² 1, p. 196 = InscrIt XIII 3.84 = ILS 60.

da *lex Manilia*, que transferiu o comando para Pompeio¹³⁶. Finalmente, são muito numerosos os autores que abordam de passagem várias facetas da riqueza e extravagância de Luculo, da magnificência das suas *villae* às delícias servidas nos seus banquetes¹³⁷.

É evidente que a narração de Plutarco se distingue das restantes fontes pela elaboração de alguns temas relevantes para os seus interesses e experiências particulares. Assim, emergem muito claramente, por exemplo, o contraste entre os benefícios filélicos de Luculo e a política anti-helénica dos reis orientais ou a antítese entre a atitude aristocrática do protagonista e os métodos demagógicos dos seus rivais políticos. Contudo, apesar de Plutarco assumir uma perspetiva explicitamente benévola perante o benfeitor de Queroneia, é notável que a biografia também contenha muitos elementos críticos da sua atuação, sobretudo as deficiências na liderança política e militar, a suposta retirada da vida pública e a propensão para a extravagância no ambiente privado.

No que concerne à balança entre os aspectos positivos e negativos no retrato de Luculo, alguns estudiosos assemelham a *Vida* a um encómio “descaradamente favorável” ao protagonista¹³⁸, enquanto outros a consideram essencialmente

¹³⁶ Cf. Steel 2001, 148-154. Sobre os *Academica Priora*, *vide supra*, p. 44.

¹³⁷ Cf. Tröster 2008, 66-69 e, numa perspetiva mais ampla de memorização histórica, Mastroiosa 2016, ambos com referências e análise mais aprofundada.

¹³⁸ Cf., além das referências citadas *supra*, nas nn. 6, 63 e 82, Swain 1992a, 183: “unashamedly favourable presentation of Lucullus in the face of some quite contrary evidence”, assim como Reinach 1895, 451; Asdourian 1911, 173-175; Van Ooteghem 1959, 103 e *passim*; Manandian 1963, 81 e *passim*; Carcopino 1968, 77; Ballesteros Pastor 1996, 239 e 247; *idem* 1999, 331-332.

equilibrada¹³⁹. Nesta questão, é fácil, mas não injusto, tirar a conclusão de que Plutarco segue, em linhas gerais, as afirmações programáticas do próêmio, dedicando muita atenção às virtudes e proezas de Luculo, mas sem ignorar os seus defeitos e insucessos, tentando assim respeitar a verdade. É significativo, porém, que estes termos sejam, de facto, negociados constantemente ao longo da biografia, convidando o leitor a refletir sobre a relação entre autor e sujeito, sobre as implicações da verdade histórica e sobre a coexistência do bem e do mal na condição humana¹⁴⁰. Ao analisar a valorização global do protagonista, é natural, então, que os investigadores continuem a chegar a interpretações muito variadas e divergentes.

Ora, aos olhos dos modernos, a presença de Luculo na série das *Vidas paralelas* seria bastante surpreendente se não houvesse uma ligação especial entre Plutarco e o benfeitor de Queroneia¹⁴¹. De facto, não há dúvida de que ele foi incluído principalmente por este motivo, mas seria demasiado simples atribuir isto ao acaso. Durante muitos anos, o general desempe-

¹³⁹ Cf. Flacelière / Chambry 1972, 3-4 e 46-49; Scardigli 1979, 104-105; *eadem* 1989, 278-279; Piccirilli 1990, xvi-xx e *passim*; Lavery 1994; Schütz 1994, 60, n. 38; Wylie 1994, 109; Tröster 2005. Também é interessante a análise quantitativa dos elementos da *synkrisis* em Mora 2007, 166, com a sugestão de que o biógrafo quis criar, neste caso, um “equilíbrio storiografico, moderatamente positivo, ... tra Greci e Romani” (p. 178, n. 96).

¹⁴⁰ Cf. Tröster 2008, 149-151; também, a propósito da *Vida de Címon*, García Valdés 1983 com a conclusão de que “se deja ver una lucha constante del autor entre objetividad y subjetividad” (p. 324).

¹⁴¹ Assim, Luculo é frequentemente considerado uma figura secundária. Cf., por exemplo, Keaveney 1992, 174; também Schütz 1994, 5-9, em cuja opinião Luculo se distingue dos outros heróis plutarquianos da mesma época por encarnar o tipo do nobre tardo-republicano *par excellence*, assim como a avaliação extremamente negativa de Wylie 1994, esp. 118-119.

nhou um papel de primeiro plano na política romana em geral e na expansão do poder da República no Oriente em particular, procurando fama e sucesso pessoal e estabelecendo uma rede extensa de ligações com amigos e clientes¹⁴². É notável que, sob este aspecto, as suas ambições se assemelhem àquelas dos mais destacados protagonistas das Guerras Civis Romanas, com os quais também tem em comum o desejo de emular as façanhas de Alexandre Magno¹⁴³. Contudo, em vez de ser comparado ao grande rei macedónio, Luculo acabou por ser alcunhado de *Xerxes togatus* em vista da dimensão desmesurada das suas piscinas¹⁴⁴, o que reflete a imagem projetada pela propaganda dos seus adversários.

Considerando os resultados da presente análise, é lícito concluir que, na verdade, o cônsul de 74 foi muito mais ativo e eficaz na liderança política e militar do que sugere a avaliação negativa das fontes principais¹⁴⁵. Não obstante, é incontestável que ele encontrou grandes dificuldades nesta área, o que tem a ver não só com a sua personalidade, mas também com as pressões resultantes da ‘crise’ do sistema político romano,

¹⁴² Cf. Tröster 2008, 127-148, que rejeita a tendência difundida de comparar desfavoravelmente as medidas tomadas por Luculo com a ordem mais estável instituída por Pompeio (cf., por exemplo, Wirth 1983, 5-11; Wylie 1990, 447-448; Baltrusch 2002, 255 e, em contraste com isso, o elogio exagerado ao “grand design” de Luculo em McDougall 1991, 66-71).

¹⁴³ Cf. Ballesteros Pastor 1998, suplementado por Biffi 2011; também Coarelli 1981, 254-257 = 1996, 410-414; *idem* 1987, 157-159.

¹⁴⁴ Cf. Plu. *Luc.* 39.3; Vell. 2.33.4; Plin. *Nat.* 9.170. Sobre as conotações desta alcunha, cf. Tröster 2008, 63.

¹⁴⁵ Cf., numa perspetiva de cultura política, as conclusões semelhanças de Lundgreen 2019, 112-120, que sublinha, acertadamente, a diferença entre a avaliação dos contemporâneos de Luculo e aquela, tendencialmente unidimensional, da posteridade.

que foi marcada por volatilidade e instabilidade crescentes num período de rápida expansão¹⁴⁶. Isto também foi reconhecido por Plutarco, que relaciona a carreira do seu herói com a ‘doença’ da República¹⁴⁷.

¹⁴⁶ Sobre esta crise cf. a síntese de Morstein-Marx / Rosenstein 2006 e, para maior aprofundamento, Hölkeskamp 2009.

¹⁴⁷ Cf. *Luc.* 5.5; 38.2; 44(1).1; também 45(2).7. Mais em geral, sobre a ‘doença’ da *res publica* em Plutarco, cf. Sion-Jenkis 2003; Pelling 2004, 322-324.

(Página deixada propositadamente em branco)

OBRAS CITADAS

- Aigner, H. (1974). *Die Soldaten als Machtfaktor in der ausgehenden römischen Republik*. Innsbruck: H. Kowatsch.
- Alwine, A.T. (2016). Freedom and Patronage in the Athenian Democracy. *JHS*, 136, 1-17.
- Ameling, W. (1989). Lucius Licinius in Chios. *ZPE*, 77, 98-100.
- Anselm, S. (2004). *Struktur und Transparenz: Eine literaturwissenschaftliche Analyse der Feldherrnvitae des Cornelius Nepos*. Stuttgart: Steiner.
- Arrayás Morales, I. (2013). Piratería, deportación y repoblamiento: La Anatolia meridional en el marco de las guerras mitridáticas. *Klio*, 95, 180-210.
- Asdourian, P. (1911). *Die politischen Beziehungen zwischen Armenien und Rom von 190 v.Chr. bis 428 n.Chr.: Ein Abriss der armenischen Geschichte in dieser Periode*. Venedig: Mechitaristen-Buchdruck.
- Ash, R. (2006). Following in the Footsteps of Lucullus? Tacitus's Characterisation of Corbulo. *Arethusa*, 39, 355-375.
- Badian, E. (1962). Waiting for Sulla. *JRS*, 52, 47-61 (= (1964). *Studies in Greek and Roman History*. Oxford: Blackwell, 206-234).
- _____ (1968). *Roman Imperialism in the Late Republic* (2a ed.). Ithaca, N.Y.: Cornell University Press.
- _____ (1972). *Publicans and Sinners: Private Enterprise in the Service of the Roman Republic*. Oxford: Blackwell.
- _____ (1987). The Peace of Callias. *JHS*, 107, 1-39 (versão revista em Badian 1993, 1-72).

- _____ (1988). Towards a Chronology of the Pentekontaetia down to the Renewal of the Peace of Callias. *EMC*, 7/32, 289-320 (versão revista em Badian 1993, 73-107).
- _____ (1993). *From Plataea to Potidaea: Studies in the History and Historiography of the Pentecontaetia*. Baltimore, Md.: Johns Hopkins University Press.
- Ballesteros Pastor, L. (1996). *Mitridates Eupátor, rey del Ponto*. Granada: Universidad de Granada.
- _____ (1998). Lucio Licinio Lúculo: Episodios de *imitatio Alexandri*. *Habis*, 29, 77-85.
- _____ (1999). Aspectos contrastantes en la tradición sobre L. Licinio Lúculo. *Gerión*, 17, 331-343.
- _____ (2011). El relato sobre Hipsicratea (*Pomp.* 32.7-8) y la imagen de Mitridates en Plutarco. In J.M. Candau Morón, F.J. González Ponce, & A.L. Chávez Reino (Eds.). *Plutarco transmisor: Actas del X Simposio internacional de la Sociedad española de Plutarquistas*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 113-122.
- Baltrusch, E. (2002). Auf dem Weg zum Prinzipat: Die Entwicklung der republikanischen Herrschaftspolitik von Sulla bis Pompeius (88-62 v.Chr.). In J. Spielvogel (Ed.). *Res publica reperta: Zur Verfassung und Gesellschaft der römischen Republik und des frühen Prinzipats. Festschrift für Jochen Bleicken zum 75. Geburtstag*. Stuttgart: Steiner, 245-262.
- Barnes, J. (1989). Antiochus of Ascalon. In M. Griffin & J. Barnes (Eds.). *Philosophia togata: Essays on Philosophy and Roman Society*. Oxford: Clarendon Press, 51-96.
- Barns, J. (1953). Cimon and the First Athenian Expedition to Cyprus. *Historia*, 2, 163-176.
- Bearzot, C. (1994). Cimone, il disastro di Drabesco e la svolta democratica del 462/1: A proposito di Aristotele, *AP* 27.1. *AncSoc*, 25, 19-31.

- Becchi, F. (2009). La notion de *philanthrôpia* chez Plutarque: Contexte social et sources philosophiques. In J.R. Ferreira, D. Leão, M. Tröster, & P.B. Dias (Eds.). *Symposion and Philanthropia in Plutarch*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 263-273.
- Beck, M. (2007). The Story of Damon and the Ideology of Euergetism in the *Lives of Cimon and Lucullus*. *Hermathena*, 182, 53-69.
- Bernhardt, R. (1971). *Imperium und eleutheria: Die römische Politik gegenüber den freien Städten des griechischen Ostens*. Diss. Hamburg.
- Berti, M. (2012). *Salvare la democrazia: L'egemonia dell'Areopago ad Atene 480-461 a.C.* Tivoli: Tored.
- Biffi, N. (2011). L'*imitatio Alexandri* di Lucullo: Un'aggiunta. *InvLuc*, 33, 7-11.
- Blamire, A. (1989). Introduction e Commentary. In Idem (Ed.). *Plutarch: Life of Kimon*. London: Institute of Classical Studies, 1-20 e 79-189.
- Bloedow, E.F. (2000). Why Did Sparta Rebuff the Athenians at Ithome in 462 B.C.? *AHB*, 14, 89-101.
- Boatwright, M.T. (1998). Luxuriant Gardens and Extravagant Women: The *Horti* of Rome between Republic and Empire. In M. Cima & E. La Rocca (Eds.). *Horti Romani: Atti del convegno internazionale*. Roma: L'Erma di Bretschneider, 71-82.
- Boersma, J.S. (1970). *Athenian Building Policy from 561/0 to 405/4 B.C.* Groningen: Wolters-Noordhoff.
- Boffo, L. (1975). Cimone e gli alleati di Atene. *RIL*, 109, 442-450.
- Bosworth, A.B. (1990). Plutarch, Callisthenes and the Peace of Callias. *JHS*, 110, 1-13.
- Brenne, S. (2002). Die Ostraka (487-ca. 416 v.Chr.) als Testimonien (T1). In P. Siewert (Ed.). *Ostrakismos-Testimonien I: Die Zeugnisse antiker Autoren, der Inschriften und Ostraka über das*

- athenische Scherbengericht aus vorhellenistischer Zeit (487-322 v.Chr.)*. Stuttgart: Steiner, 36-166.
- Broise, H. & Jolivet, V. (1996). Horti Lucullani. *LTUR*, 3, 67-70.
- Broughton, T.R.S. (1946). Notes on Roman Magistrates. *TAPhA*, 77, 35-43.
- Brunt, P.A. (1988). *The Fall of the Roman Republic and Related Essays*. Oxford: Clarendon Press.
- _____ (1988a). The Equites in the Late Republic. In Idem 1988, 144-193.
- _____ (1988b). Factions. In Idem 1988, 443-502.
- Buonocore, M. (1982). Ricerche sulla terza guerra messenica. *Ottava miscellanea greca e romana*, Roma, 57-123.
- Byl, S. (1977). Plutarque et la vieillesse. *LEC*, 45, 107-123.
- Cacciari, A. (1995). Plutarco. In U. Mattioli (Ed.). *Senectus: La vecchiaia nel mondo classico*. Bologna: Pàtron, vol. 1: *Grecia*, 361-395.
- Canali De Rossi, F. (2001). *Il ruolo dei patroni nelle relazioni fra il mondo greco e Roma in età repubblicana ed augustea*. München: Saur.
- Carcopino, J. (1968). *Jules César* (5a edição, revista e ampliada com a colaboração de P. Grimal). Paris: Presses universitaires de France.
- Carrière, J.-C. (1977). A propos de la *Politique* de Plutarque. *DHA*, 3, 237-251.
- Coarelli, F. (1981). Alessandro, i Licinii e Lanuvio. In X. Lafon & G. Sauron (Eds.). *L'art décoratif à Rome: A la fin de la République et au début du Principat*. Rome: École française de Rome, 229-281 (= (1996). *Revixit ars: Arte e ideologia a Roma: Dai modelli ellenistici alla tradizione repubblicana*. Roma: Quasar, 382-417).

- _____ (1987). *I santuari del Lazio in età repubblicana*. Roma: La Nuova Italia Scientifica.
- Cobban, J.M. (1935). *Senate and Provinces, 78-49 B.C.: Some Aspects of the Foreign Policy and Provincial Relations of the Senate during the Closing Years of the Roman Republic*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Cole, J.R. (1974). Cimon's Dismissal, Ephialtes' Revolution and the Peloponnesian Wars. *GRBS*, 15, 369-385.
- Connor, W.R. (1963). Theopompos' Treatment of Cimon. *GRBS*, 4, 107-114.
- _____ (1968). *Theopompus and Fifth-Century Athens*. Washington, D.C.: Center for Hellenic Studies.
- Coşkun, A. (2010). *Cicero und das römische Bürgerrecht: Die Verteidigung des Dichters Archias: Einleitung, Text, Übersetzung und historisch-philologische Kommentierungen*. Göttingen: Edition Ruprecht.
- Crawford, M.H. (1978). Greek Intellectuals and the Roman Aristocracy in the First Century B.C. In P.D.A. Garnsey & C.R. Whittaker (Eds.). *Imperialism in the Ancient World*. Cambridge: Cambridge University Press, 193-207.
- Damon, C. (1997). *The Mask of the Parasite: A Pathology of Roman Patronage*. Ann Arbor, Mich.: University of Michigan Press.
- D'Arms, J.H. (1999). Performing Culture: Roman Spectacle and the Banquets of the Powerful. In B. Bergmann & C. Kondoleon (Eds.). *The Art of Ancient Spectacle*. Washington, D.C.: National Gallery of Art, 301-319.
- Davies, J.K. (1971). *Athenian Propertied Families, 600-300 B.C.* Oxford: Clarendon Press.
- Deane, P. (1972). *Thucydides' Dates, 465-431 B.C.* Don Mills, Ont.: Longman.

- De Blois, L. (1992). The Perception of Politics in Plutarch's Roman 'Lives'. *ANRW*, 2.33.6, 4568-4615.
- De Callatay, F. (1997). *L'histoire des guerres mithridatiques vue par les monnaies*. Louvain-la-Neuve: Université catholique de Louvain.
- Delvoye, C. (1975). Art et politique à Athènes à l'époque de Cimon. In J. Bingen, G. Cambier, & G. Nachtergaele (Eds.). *Le monde grec: Pensée – littérature – histoire – documents: Hommages à Claire Préaux*. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles, 801-807.
- De Romilly, J. (1979). *La douceur dans la pensée grecque*. Paris: Les belles lettres.
- De Sanctis, G. (1939). *Storia dei greci dalle origini alla fine del secolo V*, 2 vols. Firenze: La Nuova Italia.
- Desideri, P. (1986). La vita politica cittadina nell'Impero: Lettura dei *Praecepta gerendae rei publicae* e dell'*An seni res publica gerenda sit*. *Athenaeum*, 64, 371-381 (= Desideri 2012, 111-123).
- _____ (1992). La formazione delle coppie nelle 'Vite parallele'. *ANRW*, 2.33.6, 4470-4486 (= Desideri 2012, 229-245).
- _____ (2012). *Saggi su Plutarco e la sua fortuna*, ed. Angelo Casanova. Firenze: Firenze University Press.
- Di Cesare, R. (2015). *La città di Cecrope: Ricerche sulla politica edilizia cimoniana ad Atene*. Atene: Scuola archeologica italiana di Atene.
- Dingmann, M. (2007). *Pompeius Magnus: Machtgrundlagen eines spätrepublikanischen Politikers*. Rahden, Westf.: Leidorf.
- Dix, T.K. (2000). The Library of Lucullus. *Athenaeum*, 88, 441-464.
- Domingo Gyax, M. (2002). Peisistratos und Kimon: Anmerkung zu einem Vergleich bei Athenaios. *Hermes*, 130, 245-249.
- _____ (2016). *Benefaction and Rewards in the Ancient Greek City: The Origins of Euergetism*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Dueck, D. (2000). *Strabo of Amasia: A Greek Man of Letters in Augustan Rome*. London: Routledge.
- Duff, T.E. (1999). *Plutarch's Lives: Exploring Virtue and Vice*. Oxford: Clarendon Press.
- Ellinger, P. (2005). Plutarque et Damon de Chéronée: Une histoire, un mythe, un texte, ou autre chose encore? *Kernos*, 18, 291-310.
- Engels, J. (1999). *Augusteische Oikumenegeographie und Universalhistorie im Werk Strabons von Amaseia*. Stuttgart: Steiner.
- Fell, M. (2004). Kimon und die Gebeine des Theseus. *Klio*, 86, 16-54.
- Ferrary, J. (2000). Les inscriptions du sanctuaire de Claros en l'honneur de romains. *BCH*, 124, 331-376.
- Ferretto, C. (1984). *La città dissipatrice: Studi sull'excursus del libro decimo dei Philippika di Teopompo*. Genova: Il melangolo.
- Flacelière, R. & Chambry, E. (1972). Notices (*Vie de Cimon / Vie de Lucullus*). In *Idem* (Eds.). *Plutarque: Vies*, vol. 7. Paris: Les belles lettres, 2-13 e 43-56.
- Fladerer, L. (1996). *Antiochos von Askalon: Hellenist und Humanist*. Horn: Berger.
- Flaig, E. (1997). Zwingende Gesten in der römischen Politik. In R. Van Dülmen, E. Chvojka, & V. Jung (Eds.). *Neue Blicke: Historische Anthropologie in der Praxis*. Wien: Böhlau, 33-50.
- _____ (2003). *Ritualisierte Politik: Zeichen, Gesten und Herrschaft im Alten Rom*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- Fornara, C.W. & Samons, L.J. II (1991). *Athens from Cleisthenes to Pericles*. Berkeley, Cal.: University of California Press.
- Frampton, S.A. (2016). What to Do with Books in the *De finibus*. *TAPhA*, 146, 117-147.
- Franco, C. (2003). Anni difficili: Plutarco e Damone di Cheronea (*Cim.* 1-2.2). In B. Virgilio (Ed.). *Studi ellenistici*, vol. 15. Pisa: Giardini, 191-213.

- Frazier, F. (1996). *Histoire et morale dans les Vies parallèles de Plutarque*. Paris: Les belles lettres.
- Fuhrmann, F. (1964). *Les images de Plutarque*. Paris: C. Klincksieck.
- Fuscagni, S. (1989). Introduzione (*Cimone*). In Eadem, B. Scardigli, & B. Mugelli (Eds.). *Plutarco: Vite Parallele: Cimone – Lucullo*. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 35-134.
- García Moreno, L.A. (1995). Roma y los protagonistas de la dominación romana en Grecia en las *Vidas paralelas* de Plutarco. In E. Falque & F. Gascó (Eds.). *Graecia capta: De la conquista de Grecia a la helenización de Roma*. Huelva: Universidad de Huelva, 129-147.
- (2002). Filohelenismo y moderación: Garantías según Plutarco de una dominación estable del mundo griego por Roma. In J.R. Ferreira (Ed.). *Actas do Congresso 'Plutarco. Educador da Europa'*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 261-280.
- García Valdés, M. (1983). Aproximación a la *Vida de Cimón* de Plutarco. In Sociedad española de estudios clásicos (Ed.). *Unidad y pluralidad en el mundo antiguo: Actas del VI Congreso español de estudios clásicos*. Madrid: Gredos, vol. 2, 317-324.
- Gazzano, F. & Traina, G. (2014). Plutarque, historien militaire? *Ktèma*, 39, 347-370.
- Gehrke, H.-J. (1984). Zwischen Freundschaft und Programm: Politische Parteiung im Athen des 5. Jahrhunderts v.Chr. *HZ*, 239, 529-564.
- Geiger, J. (1981). Plutarch's *Parallel Lives*: The Choice of Heroes. *Hermes*, 109, 85-104 (= B. Scardigli (Ed.) (1995). *Essays on Plutarch's Lives*. Oxford: Clarendon Press, 165-190).
- Gelzer, M. (1926). L. Licinius Lucullus [104]. *RE*, 13.1, 376-414.
- Glucker, J. (1978). *Antiochus and the Late Academy*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.

- Goldhill, S. (2002). *Who Needs Greek? Contests in the Cultural History of Hellenism*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gómez Cardó, P. (2007). 'Laconismo' como virtud en la Atenas del s. V a.C.: A propósito de la *Vida de Cimón* de Plutarco. *Myrtia*, 22, 69-81.
- Gomme, A.W. (1945). *A Historical Commentary on Thucydides*, vol. 1. Oxford: Clarendon Press.
- Goukowsky, P. (2001). Notice. In Idem (Ed.). Appien: *Histoire romaine*, vol. 7: Livre XII: *La guerre de Mithridate*. Paris: Les belles lettres, vii-clxxxiv.
- Gruen, E.S. (1974). *The Last Generation of the Roman Republic*. Berkeley, Cal.: University of California Press.
- Haley, S.P. (1983). Archias, Theophanes, and Cicero: The Politics of the *Pro Archia*. *CB*, 59, 1-4.
- Harmand, J. (1967). *L'armée et le soldat à Rome de 107 à 50 avant notre ère*. Paris: A. et J. Picard.
- Heideking, J. (1975). Forschungsbericht. In E. Bayer & J. Heideking (Eds.). *Die Chronologie des Perikleischen Zeitalters*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 93-180.
- Hillard, T.W. (1987). Plutarch's Late-Republican *Lives*: Between the Lines. *Antichthon*, 21, 19-48.
- Hillman, T.P. (1989). *The Reputation of Cn. Pompeius Magnus among His Contemporaries from 83 to 59 B.C.* Diss. New York.
- _____ (1991). The Alleged *Inimicitiae* of Pompeius and Lucullus, 78-74. *CPh*, 86, 315-318.
- _____ (1993). When Did Lucullus Retire? *Historia*, 42, 211-228.
- _____ (1994). *Hodie apud Lucullum Pompeius cenat*: Neglected History at Plutarch, *Lucullus* 41, 4-7. In C. Deroux (Ed.). *Studies in Latin Literature and Roman History*, vol. 7. Bruxelles: Latomus, 190-201.

- Hirsch-Luipold, R. (2002). *Plutarchs Denken in Bildern: Studien zur literarischen, philosophischen und religiösen Funktion des Bildhaften*. Tübingen: Mohr Siebeck.
- Hölkeskamp, K.-J. (1995). *Oratoris maxima scaena*: Reden vor dem Volk in der politischen Kultur der Republik. In M. Jehne (Ed.). *Demokratie in Rom? Die Rolle des Volkes in der Politik der römischen Republik*. Stuttgart: Steiner, 11-49 (= (2004). *Senatus populusque Romanus: Die politische Kultur der Republik – Dimensionen und Deutungen*. Stuttgart: Steiner, 219-256).
- _____ (1998). Parteiungen und politische Willensbildung im demokratischen Athen: Perikles und Thukydides, Sohn des Melesias. *HZ*, 267, 1-27.
- _____ (2001). Fact(ions) or Fiction? Friedrich Münzer and the Aristocracy of the Roman Republic – Then and Now. *IJCT*, 8, 92-105.
- _____ (Ed.). (2009). *Eine politische Kultur (in) der Krise? Die 'letzte Generation' der römischen Republik*. München: Oldenbourg.
- Humble, N. (Ed.) (2010). *Plutarch's Lives: Parallelism and Purpose*. Swansea: The Classical Press of Wales.
- Jolivet, V. (1987). *Xerxes togatus*: Lucullus en Campanie. *MEFRA*, 99, 875-904.
- Jones, C.P. (1966). Towards a Chronology of Plutarch's Works. *JRS*, 56, 61-74 (= B. Scardigli (Ed.) (1995). *Essays on Plutarch's Lives*. Oxford: Clarendon Press, 95-123).
- _____ (1982). Plutarch, *Lucullus* 42, 3-4. *Hermes*, 110, 254-256.
- _____ (2001). Memories of the Roman Republic in the Greek East. In O. Salomies (Ed.). *The Greek East in the Roman Context*. Helsinki: Finnish Institute at Athens, 11-18.
- Jung, M. (2006). *Marathon und Plataiai: Zwei Perserschlagten als 'lieux de mémoire' im antiken Griechenland*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.

- Kaesser, C. (2004). Tweaking the Real: Art Theory and the Borderline between History and Morality in Plutarch's *Lives*. *GRBS*, 44, 361-374.
- Kallet, L. (2013). The Origins of the Athenian Economic *Arche*. *JHS*, 133, 43-60.
- Kallet-Marx [Morstein-Marx], R.M. (1995). *Hegemony to Empire: The Development of the Roman Imperium in the East from 148 to 62 B.C.* Berkeley, Cal.: University of California Press.
- Keaveney, A. (1982). *Sulla: The Last Republican*. London: Croom Helm (edição revista, London: Routledge, 2005).
- _____ (1984). Who Were the Sullani? *Klio*, 66, 114-150.
- _____ (1992). *Lucullus: A Life*. London: Routledge.
- Kiechle, F. (1967). Athens Politik nach der Abwehr der Perser. *HZ*, 204, 265-304.
- Landolfi, L. (1990). *Banchetto e società romana: Dalle origini al I sec. a.C.* Roma: Edizioni dell'Ateneo.
- Lang, M.L. (1967). A Note on Ithome. *GRBS*, 8, 267-273 (= (2011). *Thucydidean Narrative and Discourse*, edd. J.S. Rusten & R. Hamilton. Ann Arbor, Mich.: Michigan Classical Press, 19-25).
- La Penna, A. (1968). *Sallustio e la 'rivoluzione' romana*. Milano: Feltrinelli.
- Lapini, W. (2002). Aristotele, *Athenaion Politeia* 26, 1. *SIFC*, 20, 87-94.
- Larmour, D.H.J. (1992). Making Parallels: *Synkrisis* and Plutarch's 'Themistocles and Camillus'. *ANRW*, 2.33.6, 4154-4200.
- Laser, G. (1997). *Populo et scaenae serviendum est: Die Bedeutung der städtischen Masse in der späten römischen Republik*. Trier: Wissenschaftlicher Verlag Trier.

- Lavery, G.B. (1994). Plutarch's *Lucullus* and the Living Bond of Biography. *CJ*, 89, 261-273.
- Leach, E.W. (2004). *The Social Life of Painting in Ancient Rome and on the Bay of Naples*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Leschhorn, W. (1993). *Antike Ären: Zeitrechnung, Politik und Geschichte im Schwarzmeerraum und in Kleinasien nördlich des Tauros*. Stuttgart: Steiner.
- Liebmann-Frankfort, T. (1969). *La frontière orientale dans la politique extérieure de la République romaine: Depuis le traité d'Apamée jusqu'à la fin des conquêtes asiatiques de Pompée (189/8-63)*. Bruxelles: Palais des Académies.
- Lombardi, M. (1995). Memoria aristotelica e ideale evergetico in Plutarco *Per. 16.7. RCCM*, 37, 221-241.
- Lombardo, G. (1934). *Cimone: Ricostruzione della biografia e discussioni storiografiche*. Roma: Istituto poligrafico dello Stato.
- Luginbill, R.D. (2016). Cimon and Athenian Aid to Sparta: One Expedition or Two? *RhM*, 159, 135-155.
- Lundgreen, C. (2019). Lucullus und die politische Kultur der römischen Republik: Konkurrenz und Distinktion zwischen Feldherren, Feinschmeckern und Fischteichbesitzern. In K.-J. Hölkeskamp & H. Beck (Eds.). *Verlierer und Aussteiger in der 'Konkurrenz unter Anwesenden': Agonalität in der politischen Kultur des antiken Rom*. Stuttgart: Steiner, 81-126.
- Ma, J. (1994). Black Hunter Variations. *PCPhS*, 40, 49-80.
- Mackay, C.S. (2000). Damon of Chaeronea: The Loyalties of a Boeotian Town during the First Mithridatic War. *Klio*, 82, 91-106.
- Manandian, H. (1963). *Tigrane II et Rome: Nouveaux éclaircissements à la lumière des sources originales* (edição francesa). Lisbonne: Imprensa Nacional.

- Mann, C. (2007). *Die Demagogen und das Volk: Zur politischen Kommunikation im Athen des 5. Jahrhunderts v.Chr.* Berlin: Akademie Verlag.
- Marek, C. (1985). Katalog der Inschriften im Museum von Amasra. Mit Anhang: Die Inschriften von Amastris und die angebliche Pompeianische Ära der Stadt. *EA*, 6, 133-154.
- Marigliò, V.A. (2011). La competizione tra Pericle e Cimone: Storia di una rivalità. *Ktèma*, 36, 297-317.
- Marín Valdés, F. (2008). *Plutarco y el arte de la Atenas hegemónica.* Oviedo: Universidad de Oviedo.
- Marincola, J. (2010). Plutarch, 'Parallelism' and the Persian-War *Lives*. In Humble 2010, 121-143.
- Marshall, B. (2002). The Return of Kimon (Once Again): An Event in the 'First' Peloponnesian War. *AH*, 32, 144-160.
- Martin, H. Jr. (1960). The Concept of *Praotes* in Plutarch's *Lives*. *GRBS*, 3, 65-73.
- (1961). The Concept of *Philanthropia* in Plutarch's *Lives*. *AJPh*, 82, 164-175.
- Mastrososa, I.G. (2016). Lucullus en 'clair-obscur': Mérites et extravagances d'un citoyen de la Rome républicaine durant l'époque impériale. In S. Benoist, A. Daguet-Gagey, & C. Hoët-Van Cauwenberghe (Eds.). *Une mémoire en actes: Espaces, figures et discours dans le monde romain.* Villeneuve d'Ascq: Presses universitaires du Septentrion, 243-263.
- Mazza, M. (1995). Plutarco e la politica romana: Alcune riconsiderazioni. In I. Gallo & B. Scardigli (Eds.). *Teoria e prassi politica nelle opere di Plutarco: Atti del V Convegno plutarcheo.* Napoli: M. D'Auria, 245-268.
- McDougall, J.I. (1991). From Sulla to Pompey: The Transformation of the Attitude of the East towards Rome. *CEA*, 26, 59-71.

- McGushin, P. (1992/1994). Commentary. In Idem (Ed.). *Sallust: The Histories*. Oxford: Clarendon Press, vol. 1 (1992), 64-259 e vol. 2 (1994), 64-236.
- Meier, C. (1966). *Res publica amissa: Eine Studie zu Verfassung und Geschichte der späten römischen Republik*. Wiesbaden: Steiner (1980. edição ampliada, Frankfurt/Main: Suhrkamp).
- Meiggs, R. (1972). *The Athenian Empire*, Oxford: Clarendon Press.
- Meister, K. (1978). Stesimbrotos' Schrift über die athenischen Staatsmänner und ihre historische Bedeutung (*FGrHist* 107 F 1-11). *Historia*, 27, 274-294.
- (1982). *Die Ungeschichtlichkeit des Kalliasfriedens und deren historische Folgen*. Wiesbaden: Steiner.
- Meritt, B.D., Wade-Gery, H.T., & McGregor, M.F. (1950). *The Athenian Tribute Lists*, vol. 3. Princeton, N.J.: American School of Classical Studies at Athens.
- Meyer, E. (1899). Die Biographie Kimons. In Idem: *Forschungen zur Alten Geschichte*, vol. 2: *Zur Geschichte des 5. Jahrhunderts v. Chr.* Halle/Saale: Niemeyer (reimpr. Hildesheim: Olms 1966), 1-87.
- Micalella, D. (1983). Cimone nell'*Athenaion politeia* e l'età del politico in Aristotele. *PP*, 38, 113-123.
- Millar, F. (1998). *The Crowd in Rome in the Late Republic*. Ann Arbor, Mich.: University of Michigan Press.
- Millett, P. (1989). Patronage and Its Avoidance in Classical Athens. In A. Wallace-Hadrill (Ed.). *Patronage in Ancient Society*. London: Routledge, 15-47.
- Mora, F. (2007). Greci e romani nelle *Vite parallele*. *Polifemo*, 7, 135-192.
- Morstein-Marx, R. (2004). *Mass Oratory and Political Power in the Late Roman Republic*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Morstein-Marx, R. & Rosenstein, N. (2006). The Transformation of the Republic. In Rosenstein & Morstein-Marx (Eds.). *A Companion to the Roman Republic*. Malden, Mass.: Blackwell, 625-637.
- Mosconi, G. (2005). Prima di Iscomaco, Pericle: La terra da bene di sussistenza e di prestigio a fonte di reddito. *MediterrAnt*, 8, 63-118.
- Muccioli, F. (2012). *La storia attraverso gli esempi: Protagonisti e interpretazioni del mondo greco in Plutarco*. Milano: Mimesis.
- Müller, C.W. (2007). Kimon und der Akademie-Park: Zum Epigramm *Anthologia Palatina* 6,144,3f. *RhM*, 150, 225-238.
- Mulroy, D. (1988). The Early Career of P. Clodius Pulcher: A Re-examination of the Charges of Mutiny and Sacrilege. *TAPhA*, 118, 155-178.
- Musti, D. (1984). Il giudizio di Gorgia su Cimone in tema di XPHMATA. *RFIC*, 112, 129-153.
- Nicolet, C. (1976). *Le métier de citoyen dans la Rome républicaine*. Paris: Gallimard.
- Niebergall, A. (2008). Rom und die griechischen Eliten im Ersten Mithradatischen Krieg. In A. Coşkun (Ed.). *Freundschaft und Gefolgschaft in den auswärtigen Beziehungen der Römer (2. Jahrhundert v.Chr.-1. Jahrhundert n.Chr.)*. Frankfurt/Main: Lang, 65-89.
- Nikolaidis, A.G. (1986). ΕΛΛΗΝΙΚΟΣ – ΒΑΡΒΑΡΙΚΟΣ: Plutarch on Greek and Barbarian Characteristics. *WS*, 99, 229-244.
- (2005). Plutarch's Methods: His Cross-References and the Sequence of the *Parallel Lives*. In A. Pérez Jiménez & F. Titchener (Eds.). *Historical and Biographical Values of Plutarch's Works: Studies Devoted to Professor Philip A. Stadter by the International Plutarch Society*. Málaga: Universidad de Málaga, 283-323.

- Osborne, R. (1985). The Erection and Mutilation of the *Hermai*. *PCPhS*, 31, 47-73.
- Panagopoulos, C. (1977). Vocabulaire et mentalité dans les *Moralia* de Plutarque. *DHA*, 3, 197-235.
- Pelling, C.B.R. (1979). Plutarch's Method of Work in the Roman *Lives*. *JHS*, 99, 74-96 (versão revista em Pelling 2002, 1-44).
- _____ (1986). Plutarch and Roman Politics. In I.S. Moxon, J.D. Smart, & A.J. Woodman (Eds.). *Past Perspectives: Studies in Greek and Roman Historical Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 159-187 (versão revista em Pelling 2002, 207-236).
- _____ (1989). Plutarch: Roman Heroes and Greek Culture. In M. Griffin & J. Barnes (Eds.). *Philosophia togata: Essays on Philosophy and Roman Society*. Oxford: Clarendon Press, 199-232.
- _____ (1997). Is Death the End? Closure in Plutarch's *Lives*. In D.H. Roberts, F.M. Dunn, & D. Fowler (Eds.). *Classical Closure: Reading the End in Greek and Latin Literature*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 228-250 (versão revista em Pelling 2002, 365-386).
- _____ (2002). *Plutarch and History: Eighteen Studies*. Swansea: The Classical Press of Wales and Duckworth.
- _____ (2004). Plutarch on the Outbreak of the Roman Civil War. In H. Heftner & K. Tomaschitz (Eds.). *Ad fontes! Festschrift für Gerhard Dobesch zum 65. Geburtstag*. Wien (auto-edição), 317-327.
- Peter, H. (1865). *Die Quellen Plutarchs in den Biographieen [!] der Römer*. Halle/Saale: Verlag der Buchhandlung des Waisenhauses (reimpr. Amsterdam: Hakkert 1965).
- Petrochilos, N. (1974). *Roman Attitudes to the Greeks*. Athens: Char. Kovanis.
- Petruzzella, M. (2009). Le elargizioni di Cimone nell'Atene del V secolo a.C. *RFIC*, 137, 41-55.

- Piccirilli, L. (1984). Il filolaconismo, l'incesto e l'ostracismo di Cimone. *QS*, 10(19), 171-177 (= (1987). *Temistocle, Aristide, Cimone, Tucidide di Melesia fra politica e propaganda*. Genova: Il melangolo, 86-89).
- _____ (1988). *Efialte*, Genova: Il melangolo.
- _____ (1990). Introduzione e Commento. In C. Carena, M. Manfredini, & L. Piccirilli (Eds.). *Plutarco: Le Vite di Cimone e di Lucullo*. Milano: Fondazione Lorenzo Valla / Arnoldo Mondadori, ix-xxxviii e 203-345.
- _____ (1999). Cimone in Ione di Chio. *QS*, 25(49), 267-271.
- _____ (2000). Opposizione e intese politiche in Atene: I casi di Efialte-Cimone e di Pericle-Tucidide di Melesia. In M. Sordi (Ed.). *L'opposizione nel mondo antico*. Milano: Vita e pensiero, 49-73.
- Pina Polo, F. (1996). *Contra arma verbis. Der Redner vor dem Volk in der späten römischen Republik*. Stuttgart: Steiner.
- Podlecki, A.J. (1971). Cimon, Skyros and 'Theseus' Bones'. *JHS*, 91, 141-143.
- _____ (1998). *Perikles and His Circle*. London: Routledge.
- Pulci Doria Breglia, L. (1973/74). Plutarco e Tigrane II ΦΙΛΕΛΛΗΝ. *AFLN*, 16, 37-67.
- Ramón Palerm, V. (1992). *Plutarco y Nepote: Fuentes e interpretación del modelo biográfico plutarqueo*. Zaragoza: Universidad de Zaragoza.
- Raubitschek, A.E. (1955). Kimons Zurückberufung. *Historia*, 3, 379-380.
- Reinach, T. (1890). *De Archia poeta*. Diss. Paris.
- _____ (1895). *Mithradates Eupator. König von Pontos* (edição alemã, revista e ampliada pelo autor). Leipzig: Teubner (reimpr. Hildesheim: Olms 1975).
- Rhodes, P.J. (1981). *A Commentary on the Aristotelian Athenaion Politeia*. Oxford: Clarendon Press (edição ampliada, 1993).

- _____. (2001). Recensão a Schreiner 1997. *Gnomon*, 73, 175-177.
- Rising, T. (2013). Senatorial Opposition to Pompey's Eastern Settlement: A Storm in a Teacup? *Historia*, 62, 196-221.
- Rizzo, F.P. (1963). *Le fonti per la storia della conquista pompeiana della Siria*. Palermo: Banco di Sicilia.
- Roques, L. (2016). De Cimon à Périclès: Un regard insulaire. In L. Gilhaus, S. Kirsch, I. Mossong, F. Reich, & S. Wirz (Eds.). *Elite und Krise in antiken Gesellschaften / Élités et crises dans les sociétés antiques*. Stuttgart: Steiner, 47-57.
- Roskam, G. (2014). Philanthropy, Dignity, and Euergetism. In M. Beck (Ed.). *A Companion to Plutarch*. Chichester: Wiley-Blackwell, 516-528.
- Rossi, R.F. (1965). Sulla lotta politica in Roma dopo la morte di Silla. *PP*, 20, 133-152.
- Säid, S. (2005). Plutarch and the People in the *Parallel Lives*. In L. De Blois, J. Bons, T. Kessels, & D.M. Schenkeveld (Eds.). *The Statesman in Plutarch's Works: Proceedings of the Sixth International Conference of the International Plutarch Society*, vol. 2: *The Statesman in Plutarch's Greek and Roman Lives*. Leiden: Brill, 7-25.
- Samons, L.J. II (1998). Kimon, Kallias and Peace with Persia. *Historia*, 47, 129-140.
- Santangelo, F. (2007). *Sulla, the Elites and the Empire: A Study of Roman Policies in Italy and the Greek East*. Leiden: Brill.
- _____. (2014). Roman Politics in the 70s B.C.: A Story of Realignments? *JRS*, 104, 1-27.
- Sayar, M.H., Siewert, P., & Taeuber, H. (1994). Asylie-Erklärungen des Sulla und des Lucullus für das Isis- und Sarapisheiligtum von Mopsuestia (Ostkilikien). *Tyche*, 9, 113-130.
- Scardigli, B. (1979). *Die Römerbiographien Plutarchs: Ein Forschungsbericht*. München: Beck.

- _____ (1989). Introduzione (*Lucullo*). In S. Fuscagni, B. Scardigli, & B. Mugelli (Eds.). *Plutarco: Vite Parallele: Cimone – Lucullo*. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 245-299.
- Scharf, J. (1955). Die erste ägyptische Expedition der Athener: Ein Beitrag zur Geschichte der Pentekontaetie. *Historia*, 3, 308-325.
- Scheidel, W. & Siewert, P. (1988). Friedensschlüsse des 5. Jahrhunderts zwischen Athen und Sparta bei Andokides und Theopomp. *Tyche*, 3, 163-170.
- Schmidt, T.S. (1999). *Plutarque et les barbares: La rhétorique d'une image*. Louvain: Peeters.
- Schmitt Pantel, P. (1992). *La cité au banquet: Histoire des repas publics dans les cités grecques*. Rome: École française de Rome.
- Schnurbusch, D. (2011). *Convivium: Form und Bedeutung aristokratischer Geselligkeit in der römischen Antike*. Stuttgart: Steiner.
- Schrader, C. (1976). *La paz de Calias: Testimonios e interpretación*. Barcelona: Universidad de Barcelona.
- Schreiner, J.H. (1976). Anti-Thukydidian Studies in the Pentekontaetia. *SO*, 51, 19-63.
- _____ (1977). More Anti-Thukydidian Studies in the Pentekontaetia. *SO*, 52, 19-38.
- _____ (1997). *Hellanikos, Thukydides and the Era of Kimon*. Aarhus: Aarhus University Press.
- Schur, W. (1934). *Sallust als Historiker*. Stuttgart: Kohlhammer.
- Schütz, G. (1994). *L. Licinius Lucullus: Studien zu den frühen Jahren eines Nobilis (117-75 v. Chr.)*. Diss. Regensburg.
- Seager, R. (1979). *Pompey: A Political Biography*. Oxford: Blackwell (edição actualizada, 2002).
- _____ (2008). Individual Rivalries in Plutarch's Late Republican Lives. In F. Cairns (Ed.). *Papers of the Langford Latin Seminar*, vol. 13. Cambridge: Francis Cairns, 315-364.

- Sealey, R. (1956). The Entry of Pericles into History. *Hermes*, 84, 234-247 (= (1965). *Essays in Greek Politics*. New York: Manyland Books, 59-74).
- Shatzman, I. (1975). *Senatorial Wealth and Roman Politics*. Bruxelles: Latomus.
- Sherwin-White, A.N. (1984). *Roman Foreign Policy in the East, 168 B.C. to A.D. 1*. London: Duckworth.
- _____ (1994). Lucullus, Pompey and the East. *CAH²*, 9, 229-273.
- Sion-Jenkis, K. (2000). *Von der Republik zum Prinzipat: Ursachen für den Verfassungswechsel in Rom im historischen Denken der Antike*. Stuttgart: Steiner.
- _____ (2003). La crise de la République romaine: Le point de vue de Plutarque. In S. Franchet D'Espèrey, V. Fromentin, S. Gotte-land, & J.-M. Roddaz (Eds.). *Fondements et crises du pouvoir*. Bordeaux: Ausonius, 293-303.
- Sirinelli, J. (2000). *Plutarque de Chéronée: Un philosophe dans le siècle*, Paris: Fayard.
- Sordi, M. (1971). La vittoria dell'Eurimedonte e le due spedizioni di Cimone a Cipro. *RSA*, 1, 33-48.
- Stadter, P.A. (1989). *A Commentary on Plutarch's Pericles*. Chapel Hill, N.C.: University of North Carolina Press.
- _____ (1997). Plutarch's *Lives*: The Statesman as Moral Actor. In C. Schrader, V. Ramón, & J. Vela (Eds.). *Plutarco y la historia: Actas del V Simposio español sobre Plutarco*. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 65-81 (versão revista em Stadter 2015, 215-230).
- _____ (2000). The Rhetoric of Virtue in Plutarch's *Lives*. In L. Van der Stockt (Ed.). *Rhetorical Theory and Praxis in Plutarch: Acta of the IVth International Congress of the International Plutarch Society*. Leuven: Peeters, 493-510 (versão revista em Stadter 2015, 231-245).

- _____ (2010). Plutarch's Latin Reading: The Case of Cicero's *Lucullus*. In L. Van der Stockt, F. Titchener, H.G. Ingenkamp, & A. Pérez Jiménez (Eds.). *Gods, Daimones, Rituals, Myths and History of Religions in Plutarch's Works: Studies Devoted to Professor Frederick E. Brenk by the International Plutarch Society*. Logan, Utah: Utah State University, 407-418 / Plutarch's Latin Reading: Cicero's *Lucullus* and Horace's *Epistle* 1.6. In Stadter 2015, 130-148.
- _____ (2015). *Plutarch and His Roman Readers*. Oxford: Oxford University Press.
- Steel, C.E.W. (2001). *Cicero, Rhetoric, and Empire*. Oxford: Oxford University Press.
- Stein-Hölkeskamp, E. (1989). *Adelskultur und Polisgesellschaft: Studien zum griechischen Adel in archaischer und klassischer Zeit*. Stuttgart: Steiner.
- _____ (1999). Kimon und die athenische Demokratie. *Hermes*, 127, 145-164.
- Steinbrecher, M. (1985). *Der delisch-attische Seebund und die athenisch-spartanischen Beziehungen in der kimonischen Ära (ca. 478/7-462/1)*. Stuttgart: Steiner.
- Strauss, B.S. (2000). Democracy, Kimon, and the Evolution of Athenian Naval Tactics in the Fifth Century B.C. In P. Flensted-Jensen, T.H. Nielsen, & L. Rubinstein (Eds.). *Polis & Politics: Studies in Ancient Greek History Presented to Mogens Herman Hansen on His Sixtieth Birthday*. Copenhagen: Museum Tusulanum, 315-326.
- Swain, S. (1990). Hellenic Culture and the Roman Heroes of Plutarch. *JHS*, 110, 126-145 (= B. Scardigli (Ed.) (1995). *Essays on Plutarch's Lives*. Oxford: Clarendon Press, 229-264).
- _____ (1992). Plutarch's Characterization of Lucullus. *RhM*, 135, 307-316.

- _____ (1992a). Recensão a C. Carena, M. Manfredini, & L. Piccirilli (Eds.). Plutarco: *Le Vite di Cimone e di Lucullo*. Milano: Fondazione Lorenzo Valla / Arnoldo Mondadori. *CR*, 42, 182-183.
- _____ (1996). *Hellenism and Empire: Language, Classicism, and Power in the Greek World, A.D. 50-250*. Oxford: Clarendon Press.
- Syme, R. (1939). *The Roman Revolution*. Oxford: Clarendon Press.
- _____ (1964). *Sallust*. Berkeley, Cal.: University of California Press.
- Tatum, W.J. (1991). Lucullus and Clodius at Nisibis (Plutarch, *Lucullus* 33-34). *Athenaeum*, 69, 569-579.
- _____ (1999). *The Patrician Tribune: Publius Clodius Pulcher*. Chapel Hill, N.C.: University of North Carolina Press.
- Taylor, J.H. (1952). Political Motives in Cicero's Defense of Archias. *AJPh*, 73, 62-70.
- Thonemann, P.J. (2004). The Date of Lucullus' Quaestorship. *ZPE*, 149, 80-82.
- Thornton, J. (2001). *Lo storico, il grammatico, il bandito: Momenti della resistenza greca all'imperium Romanum* (2a ed.). Catania: Edizioni del Prisma.
- Too, Y.L. (2010). *The Idea of the Library in the Ancient World*. Oxford: Oxford University Press.
- Tröster, M. (2004). Aspetti della tecnica biografica di Plutarco: A proposito della ΤΡΥΦΗ di Lucullo. *Maia*, 56, 483-499.
- _____ (2005). Hellenism and *Tryphê* in Plutarch's *Life of Lucullus*. In L. De Blois, J. Bons, T. Kessels, & D.M. Schenkeveld (Eds.). *The Statesman in Plutarch's Works: Proceedings of the Sixth International Conference of the International Plutarch Society*, vol. 2: *The Statesman in Plutarch's Greek and Roman Lives*. Leiden: Brill, 303-313.
- _____ (2008). *Themes, Character, and Politics in Plutarch's Life of Lucullus: The Construction of a Roman Aristocrat*. Stuttgart: Steiner.

- _____ (2008a). Struggling with the *Plêthos*: Politics and Military Leadership in Plutarch's *Life of Lucullus*. In A.G. Nikolaidis (Ed.). *The Unity of Plutarch's Work: 'Moralia' Themes in the 'Lives', Features of the 'Lives' in the 'Moralia'*. Berlin: De Gruyter, 387-401.
- _____ (2009). Entre vida pública e *luxuria* privada: A propósito das *villae* de Luculo. In F. Oliveira, C. Teixeira, & P.B. Dias (Eds.). *Espaços e paisagens: Antiguidade clássica e heranças contemporâneas*, vol. 1: *Línguas e literaturas: Grécia e Roma*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 113-119.
- _____ (2014). Cimone come benefattore panellenico e campione di concordia: Una proiezione di Plutarco? *RSA*, 44, 9-28.
- Twyman, B. (1972). The Metelli, Pompeius and Prosopography. *ANRW*, 1.1, 816-874.
- Unz, R.K. (1986). The Chronology of the Pentekontaetia. *CQ*, 36, 68-85.
- Van Ooteghem, J. (1959). *Lucius Licinius Lucullus*. Bruxelles: Palais des Académies.
- Vanotti, G. (2011). Plutarco 'lettore' di Stesimbrotto di Taso (nota a *FGrHist* 107/1002 F 5 = Plutarco, *Cimone* XIV). In F. Gazzano, G. Ottone, & L. Santi Amantini (Eds.). *Ex fragmentis per fragmenta historiam tradere: Atti della seconda giornata di studio sulla storiografia greca frammentaria*, Tivoli: Tored, 61-87.
- Vervaet, F.J. (2011). Reducing Senatorial Control over Provincial Commanders: A Forgotten Gabinian Law of 67 BCE. In O. Hekster & T. Kaizer (Eds.). *Frontiers in the Roman World: Proceedings of the Ninth Workshop of the International Network Impact of Empire*, Leiden: Brill, 265-290.
- Veyne, P. (1976). *Le pain et le cirque: Sociologie historique d'un pluralisme politique*. Paris: Seuil.

- Villoresi, M. (1939). *Lucullo*. Firenze: Vallecchi.
- V. Domaszewski, A. (1925). *Die attische Politik in der Zeit der Pentekontaetie*. Heidelberg: Carl Winter.
- Von Stackelberg, K.T. (2009). *The Roman Garden: Space, Sense, and Society*. London: Routledge.
- Wade-Gery, H.T. (1940). The Peace of Kallias. In *Athenian Studies Presented to William Scott Ferguson*. *Harvard Studies in Classical Philology*, suppl. 1. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 121-156 (= (1958). *Essays in Greek History*. Oxford: Blackwell, 201-232).
- Wallace-Hadrill, A. (1998). *Horti* and Hellenization. In M. Cima & E. La Rocca (Eds.), *Horti Romani: Atti del convegno internazionale*. Roma: L'Erma di Bretschneider, 1-12.
- Williams, R.S. (1984). The Appointment of Glabrio (*cos.* 67) to the Eastern Command. *Phoenix*, 38, 221-234.
- Wirth, G. (1983). Pompeius – Armenien – Parther: Mutmaßungen zur Bewältigung einer Krisensituation. *BJ*, 183, 1-60.
- _____ (1984). Pompeius im Osten. *Klio*, 66, 574-580.
- _____ (2006). Sallust und Pompeius: Zur Geschichte einer Zwischenbilanz. In P. Amann, M. Pedrazzi, & H. Taeuber (Eds.), *Italo – Tusco – Romana: Festschrift für Luciana Aigner-Foresti zum 70. Geburtstag*. Wien: Holzhausen, 389-399.
- Wolff, C. (2013). Les légions de Fimbria. *Latomus*, 72, 338-349.
- Wylie, G.J. (1990). Pompey *Megalopsychos*. *Klio*, 72, 445-456.
- _____ (1994). Lucullus Daemoniac. *AC*, 63, 109-119.
- Yakobson, A. (1999). *Elections and Electioneering in Rome: A Study in the Political System of the Late Republic*. Stuttgart: Steiner.
- Zaccarini, M. (2011). The Case of Címon: The Evolution of the Meaning of Philolaconism in Athens. *Hormos*, 3, 287-304.

- _____ (2014). La battaglia all'Eurimedonte in Diodoro e Plutarco: Ricezione, modello e frammenti 'cumulativi' di storiografia di IV secolo. *RSA*, 44, 165-184.
- Zadorojnyi, A.V. (2013). Libraries and *Paideia* in the Second Sophistic: Plutarch and Galen. In J. König, K. Oikonomopoulou, & G. Woolf (Eds.). *Ancient Libraries*. Cambridge: Cambridge University Press, 377-400.
- Zecchini, G. (1995). Sallustio, Lucullo e i tre schiavi di C. Giulio Cesare (due nuovi frammenti delle *Historiae?*). *Latomus*, 54, 592-607.
- Zelnick-Abramovitz, R. (2000). Did Patronage Exist in Classical Athens? *AC*, 69, 65-80.
- Ziegler, R. (1993). Ären kilikischer Städte und Politik des Pompeius in Südostkleinasien. *Tyche*, 8, 203-219.

(Página deixada propositadamente em branco)

ABREVIATURAS DE COLECÇÕES E OBRAS DE REFERÊNCIA CITADAS

ANRW	Aufstieg und Niedergang der römischen Welt
BE	Bulletin épigraphique
CAH	The Cambridge Ancient History
CIL	Corpus Inscriptionum Latinarum
FGrH	Die Fragmente der griechischen Historiker
FRHist	The Fragments of the Roman Historians
IG	Inscriptiones Graecae
IGRom	Inscriptiones Graecae ad Res Romanas Pertinentes
ILS	Inscriptiones Latinae Selectae
InscrIt	Inscriptiones Italiae
LTUR	Lexicon Topographicum Urbis Romae
MAMA	Monumenta Asiae Minoris Antiqua
PCG	Poetae Comici Graeci
RE	Paulys Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft
SEG	Supplementum Epigraphicum Graecum
SIG	Sylloge Inscriptionum Graecarum
TAM	Tituli Asiae Minoris
TrGF	Tragicorum Graecorum Fragmenta

Para a abreviatura de revistas segue-se *L'année philologique*.

(Página deixada propositadamente em branco)

CÍMON

1. O adivinho Peripoltas, após ter conduzido o rei Ofeltes e o seu povo da Tessália para a Beócia, deixou uma descendência de renome que perdeu por várias gerações, a maior parte da qual se fixou em Queroneia, a primeira cidade que ocuparam uma vez expulsos os bárbaros. 2. A maioria dos membros desta família, aguerrida e corajosa por natureza, pereceu por altura das invasões persas e nos combates contra os gauleses, pois não foi prudente. Sobreviveu, contudo, uma criança, órfã de pai e mãe, de nome Dámon e de apelido Peripoltas. Sobressaía de entre os jovens da sua idade pela beleza do corpo e pela nobreza de espírito, não obstante a falta de instrução e o carácter rude. 3. Mal saíra da infância, um comandante romano de uma coorte que passava o inverno em Queroneia apaixonou-se por ele¹⁴⁸. Como, apesar das investidas e dos presentes, não o conseguisse seduzir, ficou evidente que não se ia abster de usar a força, tanto mais que, nessa altura, a nossa cidade atravessava uma situação penosa e era desprezada pela sua pequenez e pobreza. 4. Temendo essa possibilidade e furioso com as investidas de que era objeto, Dámon maquinou contra o homem e reuniu alguns dos seus companheiros – não muitos, para evitar fugas de informação. Certa noite, estes jovens – eram dezasseis ao todo – besuntaram os rostos de fuligem e, ao amanhecer, após terem ingerido vinho puro, atacaram o

¹⁴⁸ O episódio ocorreu em 88/87, durante a Primeira Guerra Mitridática, e tem sido alvo de múltiplas interpretações históricas e literárias (*vide* Introdução, pp. 11-14).

romano, enquanto este oferecia um sacrifício na ágora. Depois de o terem matado a ele e aos poucos que estavam à sua volta, abandonaram a cidade. 5. Na sequência da confusão gerada, o conselho de Queroneia reuniu e condenou-os à morte, em jeito de pedido de desculpas da cidade aos romanos. Contudo, à tarde, enquanto os arcontes jantavam uns com os outros, como de costume, Dámon e os seus cúmplices irromperam pelo palácio, mataram-nos e voltaram a fugir da cidade. 6. Calhou que, por aqueles dias, por um qualquer motivo, Lúcio Luculo estivesse de passagem com as suas tropas. Tendo interrompido a sua marcha, investigou os acontecimentos recentes e não considerou a cidade culpada de coisa alguma, mas antes vítima. Então, partiu com os seus soldados. 7. Quanto a Dámon, que atacava a região com pilhagens e incursões e ameaçava a cidade, os cidadãos atraíram-no com embaixadas e decretos favoráveis. Quando ele regressou, nomearam-no ginasiarca e, mais tarde, enquanto se ungia no caldário, mataram-no. 8. Durante muito tempo, como contam os nossos antepassados, foram vistos fantasmas e ouvidos gemidos naquele lugar, por isso cortaram o acesso ao caldário com muros. E os vizinhos ainda hoje acreditam que ocorrem aparições e sons perturbadores naquele lugar. 9. Os descendentes de Dámon (ainda existem alguns, principalmente perto de Estíris da Fócida, e usam o dialeto eólico) são conhecidos por “fuliginosos”, porque aquele se cobriu de fuligem para executar o crime.

2. Quando os orcoménios, vizinhos e rivais dos queroneus, contrataram um sicofanta romano, este citou a cidade, como teria citado uma pessoa singular, e acusou-a por causa do assassinato perpetrado por Dámon. O caso foi entregue ao pretor da Macedónia, pois os romanos ainda não enviavam pretores para a Grécia. Os defensores da cidade arrolaram Luculo como testemunha. Por isso, o pretor escreveu-lhe e ele atestou a ver-

dade. Deste modo a cidade, que corria risco extremo, escapou ao castigo. 2. Então, os cidadãos de outrora, salvos, erigiram, na ágora, uma estátua em pedra a Luculo, junto à de Dioniso. E, apesar de volvidas muitas gerações, cremos que o reconhecimento é extensivo também a nós que vivemos hoje. Porque consideramos que é muito mais bela uma imagem reveladora do carácter e da conduta do que a que reproduz o corpo e o rosto, pela escrita das *Vidas Paralelas*, evocaremos as ações deste homem, contando a verdade. 3. Com efeito, a gratidão da lembrança é o bastante e o próprio Luculo não teria julgado digno dos seus testemunhos verdadeiros receber como recompensa mentiras e uma narrativa fictícia sobre si. Da mesma maneira que consideramos apropriado que os que pintam belos e graciosos retratos não omitam totalmente pequenos defeitos que possam existir nem insistam neles (pois a insistência produz uma visão negativa e a omissão, uma inexata), também o biógrafo se deve apoiar nas boas ações para tornar a verdade mais credível, porque é difícil, talvez mesmo impossível, apresentar uma vida humana irrepreensível e imaculada. 5. Quanto aos erros e vícios que acompanham as ações por causa de uma paixão ou de uma necessidade política, considerem-se antes falhas de alguma virtude que delitos do mal. Não convém analisá-los na narrativa com complacência e ênfase, mas respeitando a natureza humana, que ainda não produziu nenhum carácter belo e imaculado nem indubitavelmente inclinado para a virtude¹⁴⁹.

3. Depois de uma cuidada reflexão, parece-me que Luculo é comparável a Címon. De facto, ambos foram talhados para a guerra e brilhantes contra os bárbaros, mas ponderados na atividade política, tendo, sobretudo, conseguido dar algum alívio

¹⁴⁹ Sobre as implicações da afirmação programática neste capítulo para a apresentação dos heróis *vide* Introdução, pp. 14-15.

das dissensões civis às suas pátrias, ao mesmo tempo que, no exterior, alcançavam vitórias célebres e erigiam troféus. 2. Na verdade, nenhum grego antes de Címon nem nenhum romano antes de Luculo avançou para tão longe em combate, a não ser que consideremos as façanhas de Hércules e Dioniso e que tenhamos por credíveis os feitos de Perseu contra os etíopes ou os de Jasão contra os medos e os arménios, feitos que, transmitidos pela memória da tradição, chegaram até nós desde tempos remotos. 3. De qualquer modo, ambos têm em comum o facto de não terem levado a termo as suas campanhas militares, já que cada um deles desgastou o inimigo, mas nenhum o aniquilou. Acima de tudo, é possível observar neles quer a mesma facilidade e abundância no que toca à hospitalidade e beneficência, quer a mesma exuberância e leviandade no estilo de vida. Talvez estejamos a omitir algumas outras semelhanças, que não serão difíceis de inferir a partir da própria narrativa.

4. Címon, filho de Milcíades, teve por mãe Hegesipila, de origem trácia, filha do rei Oloro, como se conta nos poemas de Arquelau¹⁵⁰ e Melântio¹⁵¹, dedicados ao próprio Címon. 2. Por isso, também o historiador Tucídides, parente consanguíneo de Címon, teve por pai um Oloro (o que sugere a homonímia com o antepassado) e possuiu minas de ouro na Trácia¹⁵². 3. Diz-se igualmente que morreu assassinado no bosque de Escapte, uma localidade dessa região. Os seus restos mortais foram levados para a Ática e o seu túmulo pode ser visto entre os da família de Címon, junto ao de Elpinice, irmã deste

¹⁵⁰ Filósofo do séc. V, aluno de Anaxágoras e supostamente mestre de Sócrates.

¹⁵¹ Poeta trágico do séc. V.

¹⁵² Cf. Thuc. 4.105.1.

último. Mas Tucídides era do demo de Halimunte e a família de Milcíades do de Laciadas.

Milcíades, tendo sido multado em cinquenta talentos e preso por causa da dívida, morreu na prisão. Então, Címon, ainda adolescente, ficou completamente sozinho com a irmã, que era igualmente uma rapariga solteira. De início tinha má fama na cidade e reputação de libertino e beberrão, semelhante, pela sua natureza, ao avô Címon, que, segundo se diz, tinha a alcunha de Patego por causa da sua idiotice. 5. Estesímbroto de Tasos¹⁵³, que nasceu mais ou menos na mesma altura, afirma que este não aprendeu música nem qualquer outra arte liberal comum entre os gregos e que era totalmente desprovido da veemência e da loquacidade do ateniense legítimo; que tinha, no entanto, um carácter muito nobre e sincero: a maneira de ser deste homem era bem mais peloponésia,

simples, rude e extremamente boa,

segundo o *Héacles* de Eurípides¹⁵⁴. Eis o que se pode acrescentar ao que foi escrito por Estesímbroto.

6. Quando ainda era jovem, foi acusado de praticar incesto com a irmã. Com efeito, dizem que Elpinice não foi uma rapariga particularmente virtuosa e que se envolveu com o pintor Polignoto. É essa a razão pela qual se afirma que, ao pintar as mulheres troianas no então chamado Pórtico de Pisíanax – hoje Pórtico Pintado¹⁵⁵ –, fez o rosto de Laódice com traços do de

¹⁵³ Historiador (*FGrH* 107 / 1002), autor de uma obra sobre os estadistas atenienses contemporâneos.

¹⁵⁴ Na tragédia *Licímnio*, obra hoje perdida: *TrGF* V, F 473 Kan-nicht (= p. 507, F 473 Nauck²).

¹⁵⁵ Sobre a *Stoa Poikile*, que celebrou a glória da Atenas cimonia através de pinturas de cenas míticas e históricas, cf. Paus. 1.15.

Elpinice. Polignoto não era um artesão assalariado nem pintou o pórtico à conta de um contrato de adjudicação, mas de graça, com o intuito de ser honrado pela cidade, como testemunham os historiadores e como diz o poeta Melântio deste modo:

A expensas próprias, embelezou os templos dos deuses
e a Ágora de Cécrops com as façanhas dos heróis.

8. Há quem diga que Elpinice não mantinha um caso secreto com Címon, mas coabitava com ele às claras, por, devido à pobreza, lhe faltar um noivo digno da sua estirpe. Quando Cálías, um dos ricos de Atenas, apaixonado, se aproximou disposto a pagar a multa ao erário público pelo pai, Elpinice deixou-se convencer e Címon deu a mão dela em casamento a Cálías. 9. Não obstante, parece que Címon era muito dado a aventuras amorosas com mulheres. Com efeito, o poeta Melântio recorda, em tom de gozo, numa elegia dedicada a Címon, uma Astéria oriunda de Salamina e uma Mnestra, cortejadas por ele. 10. É, no entanto, evidente que Címon também estava muito apaixonado por Isodice, filha de Euripatóleto, filho de Mégacles, com a qual era casado perante a lei. E suportou com dificuldade a sua morte, se é de fazer fé nas elegias que lhe foram dedicadas para consolo da dor, cujo autor o filósofo Panécio¹⁵⁶ suspeita ser o físico Arquelau, o que, a julgar pelas datas, não é absurdo.

5. Todos os outros traços de carácter de Címon eram nobres e dignos de admiração. Na verdade, não foi inferior a Milcíades em audácia nem a Temístocles em inteligência; foi reconhecidamente mais justo do que ambos e, não sendo inferior àque-

¹⁵⁶ Filósofo estoico do séc. II, membro do 'círculo' de Cipião Emiliano.

les no que respeita às qualidades bélicas, superou-os de modo extraordinário na ação política, apesar de ser jovem e inexperiente na guerra. 2. De facto, quando Temístocles, por ocasião da aproximação dos persas, convencia o povo a abandonar a cidade e a deixar o território para concentrar as armas nos barcos diante de Salamina e lutar por mar, muitos tiveram medo de tal cometimento. Címon, no entanto, foi o primeiro a ser visto avançando sereno em direção a Acrópole, pelo Ceramico, com os companheiros. Trazia nas mãos uma rédea de cavalo para consagrar à deusa, porque, naquele momento, a cidade não necessitava da cavalaria mas de homens que combatessem em barcos¹⁵⁷. 3. Depois de consagrar a rédea, de se apossar de um dos escudos pendurados à volta do templo e de proferir uma prece à deusa, desceu em direção ao mar, inspirando confiança a muitos. Como afirma o poeta Íon¹⁵⁸, a sua aparência era irrepreensível, era alto e tinha uma cabeleira abundante e encaracolada. 4. Mostrou-se brilhante e valente naquele combate e depressa obteve fama e afeição na cidade. Foram muitos os que se reuniram à sua volta pedindo que projetasse e levasse a cabo feitos dignos de Maratona. 5. Quando iniciou a carreira política, o povo acolheu-o feliz e, um pouco farto de Temístocles, elevou-o às mais altas honras e magistraturas na cidade, pois era cativante e amado pelas gentes, por causa da sua doçura e simplicidade. 6. Aristides, filho de Lisímaco, contribuiu em muito para a sua ascensão¹⁵⁹, pois reconheceu a

¹⁵⁷ O gesto de Címon é significativo também pelas implicações sociopolíticas da estratégia naval de Temístocles, que exigia a participação em massa das classes baixas como remadores.

¹⁵⁸ Poeta, filósofo e historiador (*FGrH* 392) do séc. V. Cf. *infra*, cap. 9 sobre a sua ligação pessoal a Címon.

¹⁵⁹ Cf. também *Mor.* 790F; 795C (*An seni sit gerenda res publica*).

excelência do seu carácter e fez dele o contrapeso da destreza e ousadia de Temístocles.

6. Depois que os persas fugiram da Hélade, foi enviado como estratego, quando os atenienses ainda não possuíam a hegemonia sobre o mar e ainda obedeciam a Pausânias e aos lacedemónios. Começou por manter sempre os cidadãos admiravelmente disciplinados e com um nível de zelo muito superior ao dos demais nas campanhas. 2. Mais tarde, enquanto Pausânias negociava a traição com os bárbaros e escrevia cartas ao Rei, ao mesmo tempo que tratava os aliados com aspereza e arrogância e se comportava de modo muito insolente devido à prepotência e a uma soberberia insensata, Címon acolhia os injustiçados com doçura e tratava-os com humanidade. Deste modo, conquistou a hegemonia da Grécia não pelo recurso às armas, mas por meio da palavra e do seu carácter, sem que ninguém se apercebesse. 3. Com efeito, a maior parte dos aliados, não suportando mais a rispidez e a soberba de Pausânias, aproximou-se daquele e de Aristides. Estes conseguiram cativá-los e, ao mesmo tempo, instaram os éforos a chamar Pausânias, por desdenhar de Esparta e provocar agitação entre os gregos¹⁶⁰. 4. Diz-se que, quando Pausânias mandou buscar uma jovem de Bizâncio, de família ilustre, chamada Cleonice, para a violentar, os pais entregaram a filha por necessidade e medo. Esta, depois de pedir aos guardas que estavam à porta do quarto que apagassem a luz, aproximou-se, em silêncio, na escuridão, da cama, onde Pausânias já dormia. Sem querer, caiu e derrubou o candelabro. 5. Assustado com o ruído, ele agarrou o punhal que tinha à cabeceira convencido de que estava a ser atacado

¹⁶⁰ Cf. *Arist.* 23.1-6, onde é sublinhado naturalmente o papel de Aristides.

por algum inimigo, e golpeou e derrubou a jovem, que morreu do ferimento. Ela não permitiu que Pausânias voltasse a ter paz; o seu fantasma aparecia-lhe à noite em sonhos e recitava com ira este verso épico:

Avança para o castigo: a violência é um grande mal para os homens.

6. Na sequência deste acontecimento, os aliados, incapazes de continuar a suportá-lo, destituíram-no, com a ajuda de Címon. Expulso de Bizâncio e, segundo se diz, perturbado pela aparição, recorreu a um templo onde se praticava necromancia em Heracleia. Depois de evocar o espírito de Cleonice, tentou aplacar a sua cólera. 7. Mas, quando lhe apareceu, ela disse-lhe que o seu sofrimento cessaria depressa, uma vez chegado a Esparta, fazendo, ao que parece, alusão, à sua morte iminente. Esta história é contada por muitos escritores.

7. Címon, depois de os aliados se lhe terem associado, navegou para a Trácia como estratega, ao ser informado de que nobres persas e parentes do Rei haviam tomado a cidade de Éion, situada junto ao rio Estrímon, e molestavam os gregos que viviam nas redondezas. 2. Primeiro venceu estes persas em combate e encerrou-os na cidade. Em seguida, expulsou os trácios que viviam do outro lado do Estrímon, de onde vinham os mantimentos para eles, e estabeleceu guarnições em toda a região. Colocou os sitiados numa múnua tal que Boges, o estratega do Rei, desesperado com a situação, ateou fogo à cidade, imolando-se com os companheiros e os bens. 3. Deste modo, ao tomar a cidade, não foi saqueado nada digno de registo, pois a maior parte das coisas ardera com os bárbaros. No entanto, Címon entregou o território envolvente, que era muito fértil e muito belo, aos atenienses para que o colonizas-

sem. 4. O povo permitiu-lhe que consagrasse uns Hermes em pedra¹⁶¹, no primeiro dos quais estava inscrito:

Eram certamente corajosos aqueles que, uma vez
aos filhos dos medos, em Éion, à volta das correntes do
[Estrímon,
trouxeram a fome ardente e o gélido Ares,
os primeiros a descobrir a impotência dos inimigos.

5. No segundo:

Os atenienses ofereceram estes Hermes aos generais como
[recompensa
pelo serviço prestado e pelos grandes benefícios.
Ao contemplá-los, os vindouros desejarão ainda mais
lutar pelo bem comum.

6. No terceiro:

Desta cidade, rumo à sagrada planície de Troia,
partiu outrora com os Atridas Menesteu,
o qual, certa vez, Homero disse ser superior, dentre os dânaos
[de sólidas
couraças, na liderança do combate.
Assim, não é inapropriado chamar aos atenienses
líderes de guerra e também de bravura.

8. Embora o nome de Címon não apareça em nenhuma delas, essas inscrições eram consideradas pelos contemporâ-

¹⁶¹ Os Hermes foram colocados no pórtico homónimo na zona da Ágora. Cf. Aeschin. 3.183-185.

neos uma manifestação de honra ao mais alto nível. É que nem Temístocles nem Milcíades tinham obtido algo parecido. E, quando este pediu uma coroa de oliveira, Sófanes de Decé-lia pôs-se de pé no meio da assembleia e replicou, proferindo uma frase indelicada, que agradou ao povo: “Milcíades, quando venceses os bárbaros num combate individual, serás digno de uma homenagem individual.” Então, por que motivo valorizaram tanto o feito de Címon? 2. Seria porque, sob o comando de outros estrategos, combatiam o inimigo para não sofrer, mas, sob o dele, foram capazes de causar dano, invadiram, eles próprios, o território alheio, e conquistaram algumas regiões, colonizando Éion e Anfípolis?

3. Colonizaram também Ciro, que Címon conquistou pela razão seguinte. Os dólopes habitavam esta ilha. Eram maus agricultores e piratas desde tempos remotos. Acabaram por não poupar sequer os estrangeiros que navegavam até eles e com os quais mantinham relações comerciais, mas aprisionaram e saquearam alguns comerciantes da Tessália que haviam atracado perto de Ctésio. 4. Quando estes homens, depois de terem escapado da prisão, obtiveram a condenação de Ciro pela Anfíctionia¹⁶², a população não quis ajudar a pagar com os bens públicos e chamou a restituí-los quem os tinha em sua posse por os ter roubado. Temerosos, os piratas enviaram uma carta a Címon, incitando-o a vir com os seus barcos tomar a cidade, que lhe seria entregue por eles. 5. Conquistada assim a ilha, Címon expulsou os dólopes e libertou o Egeu. Ao ouvir dizer que, na sua velhice, Teseu, filho de Egeu, fugira de Atenas para Ciro tendo sido assassinado, à traição, por medo, pelo rei

¹⁶² Formada à volta de um núcleo religioso, a Anfíctionia de Delfos também desempenhou importantes funções na área das relações políticas no mundo grego.

Licomedes, empenhou-se em encontrar o túmulo do herói. 6. É que havia um oráculo que ordenava aos atenienses que levassem os restos mortais de Teseu para a cidade e lhe prestassem as honras devidas a um herói. No entanto, ignoravam onde jazia e os ciros nem revelavam a sua localização nem deixavam procurá-la. 7. A sepultura acabou por ser descoberta com grande esforço. Címon, cheio de desejo de glória, levou os ossos e os outros objetos para a sua trirreme, adornou-os com magnificência e reconduziu-os à cidade depois de quase quatrocentos anos¹⁶³. Este foi o principal motivo da cordialidade do povo para com ele. Associa-se também à sua memória a decisão a propósito do concurso trágico, que se tornou célebre. 8. Quando Sófocles, ainda jovem, levou à cena a sua primeira peça, o arconte Apséfion¹⁶⁴, perante a querela e divergência dos espectadores, não sorteou os juízes do concurso. No entanto, quando Címon, ao entrar no teatro com os outros co-estrategos, fez as tradicionais libações a Dioniso, Apséfion não permitiu que se fossem embora e obrigou-os a fazer o juramento, a sentar e a escolher o vencedor, pois eram dez, um por tribo. 9. Devido ao prestígio dos juízes, a disputa foi mais acesa do que o habitual. Diz-se que, como Sófocles saiu vencedor, Ésquilo, incapaz de suportar essa grande mágoa, não ficou muito tempo em Atenas. Furioso, partiu para a Sicília onde morreu e foi sepultado em Gela.

9. Íon conta que, quando ainda jovem chegou a Atenas vindo de Quios, participou com Címon de um banquete em casa de Laomedonte. Após as libações, Címon foi convidado

¹⁶³ Os restos mortais de Teseu foram transferidos para o santuário dedicado ao herói fundador (*Theseion*), sobre o qual cf. Paus. 1.17.2-3; também Plu. *Thes.* 36.4.

¹⁶⁴ Em 469/8.

a cantar e cantou de forma aprazível¹⁶⁵; os presentes elogiaram-no, considerando-o mais hábil do que Temístocles, pois este costumava dizer que não tinha aprendido a cantar nem a tocar cítara, mas sabia tornar uma cidade grande e rica¹⁶⁶. 2. Mais tarde, como é natural quando se bebe, a conversa resvalou para os feitos de Címon, dos quais foram recordados os mais importantes. Ele próprio contou um dos seus estratagemas, que considerava o mais engenhoso. 3. Depois de terem aprisionado muitos bárbaros de Sesto e Bizâncio, os aliados atribuíram a Címon a sua divisão. Ele colocou de um lado os prisioneiros, do outro os adornos dos seus corpos. Os aliados, contudo, consideraram a divisão injusta. 4. Címon incitou-os a ficar com um dos lotes, que os atenienses ficariam satisfeitos com o que eles deixassem. Como Herófito de Samos os aconselhou a preferir os bens dos persas aos persas, tomaram para si os adornos e deixaram os prisioneiros para os atenienses. 5. Então Címon partiu, com fama de repartidor ridículo: enquanto os aliados levavam braceletes de ouro, colares, correntes, túnicas e púrpuras, os atenienses recebiam corpos nus e mal preparados para o trabalho. 6. Mas, pouco depois, os amigos e familiares dos cativos, vindos da Frígia e da Lídia, pagaram somas tão avultadas para resgatar cada um deles que Címon teve à sua disposição meios para manter as embarcações durante quatro meses e ainda sobrou não pouco ouro dos resgates para a cidade.

10. Agora que Címon havia enriquecido com os recursos da campanha – que parece ter obtido honrosamente dos inimigos – gastou-os ainda mais honrosamente com os cidadãos.

¹⁶⁵ Esta apreciação (cf. igualmente *Per.* 5.3) contrapõe-se ao desprezo de Estesíbroto pela suposta falta de educação helénica de Címon (cf. *supra*, cap. 4.5).

¹⁶⁶ Cf. *Them.* 2.4.

Com efeito, retirou as cercas dos seus campos para que fosse permitido não só aos estrangeiros, como também aos cidadãos mais necessitados colher sem medo os frutos. E, em casa dele, todos os dias se preparava uma refeição frugal, porém suficiente para muitos. Os pobres que quisessem podiam entrar e obter sustento sem trabalhar, ficando com tempo livre para se dedicarem exclusivamente às questões públicas. 2. Segundo afirma Aristóteles¹⁶⁷, não fornecia refeições a todos os atenienses que as quisessem, mas apenas aos do seu demo, o de Lacíadas. Acompanhavam-no jovens bem-vestidos: se algum cidadão mais velho e mal vestido encontrava Címon, cada um deles trocava de roupa com aquele. 3. Tal gesto revelava nobreza. Estes mesmos jovens levavam também dinheiro em abundância e quando, na Ágora, ficavam lado a lado com os pobres mais recatados, colocavam-lhes, em silêncio, moedas nas mãos. 4. O comediógrafo Cratino¹⁶⁸, em *Arquílocos*, parece recordar isso mesmo nos versos seguintes:

Também eu, escriba Metróbio,
com um homem divino e mui hospitaleiro,
o melhor e primeiro de todos os gregos,
com Címon, desejava passar uma velhice
esplêndida, a celebrar em banquetes.
Mas ele partiu primeiro, deixando-me.

5. Górgias de Leontinos¹⁶⁹ diz que Címon adquiriu a sua riqueza para a usar e que a usava para ser honrado. Já Crítias¹⁷⁰, que era um dos Trinta, deseja nas suas elegias:

¹⁶⁷ Cf. *Ath. pol.* 27.3.

¹⁶⁸ Poeta do séc. V.

¹⁶⁹ Sofista contemporâneo de Sócrates.

¹⁷⁰ Escritor e político do séc. V.

a riqueza dos Escópadas, a grandeza de Címon, as vitórias do espartano Arcesilau.

6. Na verdade, sabemos que Licas de Esparta se tornou célebre na Grécia apenas porque oferecia banquetes aos estrangeiros durante as Gimnopédias. Mas a generosidade de Címon superou até a ancestral hospitalidade e filantropia dos atenienses. 7. É que estes – nos quais a cidade tinha um justo orgulho – forneceram a semente do trigo aos gregos e deram a conhecer aos homens, que ainda não dominavam estas técnicas, a irrigação com água das fontes e a produção do fogo. Címon, ao transformar a sua casa em um prítaneu¹⁷¹ comum para os concidadãos e ao permitir que os estrangeiros colhessem e desfrutassem na sua propriedade dos primeiros frutos à disposição e de todos os bens quantos as estações produzem, de certo modo, trouxe de volta à vida a comunhão mítica do tempo de Cronos. 8. Aqueles que tentavam desacreditar estes atos¹⁷², apelidando-os de adulação das massas e demagogia, eram desmentidos pela restante conduta do homem, que era aristocrática e pró-lacedemónia. Na verdade, Címon opôs-se, com o apoio de Aristides, a Temístocles, que exaltava a democracia mais do que era devido. E, mais tarde, enfrentou Efiálfes, que pretendia abolir o conselho do Areópago para agradecer ao povo.

¹⁷¹ O termo *prytaneion*, que designa o local de reunião dos prítanes (magistrados que, em Atenas, actuavam como membros executivos do conselho), reaparece em *Luc.* 42.2.

¹⁷² Entre estes, figura, sem dúvida, Teopompo (*FGrH* 115), que se debruça sobre o evergetismo de Címon em F 89 (*vide* Introdução, pp. 33-34). É interessante que, aos olhos de Plutarco, qualquer intento demagógico resulte incompatível com a orientação aristocrática do protagonista. A interpretação avançada neste passo contrapõe-se, porém, à versão de *Per.* 9.2, onde Péricles se vê desafiado pela demagogia de Címon.

Ao ver que todos os outros, à exceção de Aristides e Efiltes, enriqueciam com os dinheiros públicos, mostrou-se imparcial e inacessível ao suborno na sua atividade política, e, tudo o que fez e disse, fê-lo gratuita e honestamente até ao fim¹⁷³. 9. Diz-se que um bárbaro, Resaces, apóstata do Rei, chegou a Atenas com muito dinheiro. Perseguido pelos sicofantas, refugiou-se junto de Címon e colocou no átrio dele duas taças, uma cheia de daricos de prata, outra, de ouro. Ao vê-los, Címon, esboçando um sorriso, perguntou ao indivíduo se preferia ter Címon como mercenário ou como amigo. Como aquele respondesse “Como amigo”, ele replicou: “Então, vai-te embora e leva isso contigo. Usá-lo-ei, quando precisar, depois de nos termos tornado amigos.”

11. Visto que os aliados pagavam os seus tributos, não forneciam homens nem embarcações como estipulado. Já estavam cansados das campanhas militares e não viam necessidade de guerra: desejavam apenas cultivar a terra e viver em paz. Como os bárbaros haviam partido e não os incomodavam, não equipavam os navios nem enviavam homens. Os outros estrategos atenienses obrigaram-nos a fazê-lo, levando a tribunal e punindo os infratores, e tornaram, assim, desprezível e odiosa a liderança de Atenas. 2. Címon, porém, seguiu o caminho contrário no seu mandato e não usou violência contra nenhum grego. Aceitou dinheiro e navios vazios dos que não queriam participar em campanhas militares e permitiu que aqueles que se sentiam seduzidos pelo sossego, se dedicassem aos afazeres domésticos e, por moleza e imprudência, deixassem de ser guerreiros e se tornassem agricultores e comerciantes pacíficos. Mas embarcou muitos dos atenienses por turnos com o intuito

¹⁷³ Esta afirmação contrasta frontalmente com o que diz Teopompo em F 90.

de os treinar para as expedições militares. Em pouco tempo, com o tributo e o dinheiro dos aliados, fez deles senhores dos que lhes pagavam. 3. Com efeitos, habituados a temer e a adular os que navegavam constantemente, sempre com as armas nas mãos, alimentados e treinados por causa da sua recusa de serviço militar, eles tornaram-se, sem se aperceberem, contriuintes e escravos, em vez de aliados¹⁷⁴.

12. Ninguém humilhou o grande Rei nem conteve a sua empáfia mais do que Címon, que não o deixou em paz nem depois de aquele se ter retirado da Grécia, perseguindo-o de perto, antes que os bárbaros pudessem recobrar o fôlego e reorganizar-se. Saqueou e destruiu umas cidades, sublevou e ganhou outras para os gregos, de modo que toda a Ásia desde a Iónia até à Panfília ficou livre das armas persas. 2. Informado de que os generais do Rei preparavam uma emboscada nos arredores da Panfília com um grande exército e muitos navios e querendo tornar-lhes inavagável e inacessível o mar daquele lado das ilhas Quelidónias, zarpou de Cnido e Triópio com trezentas trirremes. Estas tinham sido, desde o início, excelentemente equipadas por Temístocles para serem rápidas e manobráveis, mas Címon tornou-as então mais largas e acrescentou uma ponte entre os conveses de modo a que fossem utilizadas contra os inimigos de forma mais agressiva e por um maior número de hoplitas. 3. Tendo navegado em direção à cidade de Fasélis, que, apesar de ser grega, não acolheu a frota nem quis abandonar o Rei, devastou o seu

¹⁷⁴ Apesar de Plutarco sublinhar a atitude complacente de Címon perante os aliados, este capítulo deixa poucas dúvidas de que o seu papel foi, na realidade, determinante para tornar os atenienses donos da Liga de Delos. Sobre este processo, cf., com grande acuidade, Thuc. 1.99.

território e atacou as suas muralhas. 4. Os quios, que com ele navegavam e mantinham uma amizade ancestral com os faselitas, tentavam aplacar Címon, e ao mesmo tempo avisar os faselitas, enviando-lhes, por cima das muralhas, mensagens presas às flechas. Por fim, chegou a um acordo com eles, em virtude do qual, uma vez pagos dez talentos, deveriam segui-lo e lutar contra os bárbaros. 5. Éforo¹⁷⁵ diz que Titraustes comandava os navios do Rei e Ferendates, o exército. Calístenes¹⁷⁶, por seu turno, afirma que Ariomandes, filho de Góbricas, era o comandante supremo da armada e tinha ancorado os navios perto do Eurimedonte, não porque pretendesse atacar os gregos, mas por estar à espera de oitenta navios fenícios que navegavam de Chipre para se juntar a ele. 6. Címon, que queria antecipar-se-lhes, zarpou e preparou-se para obrigá-los a combater, caso não o fizessem de livre vontade. De início, para não serem forçados, os persas retiraram-se para o rio, mas, quando os atenienses os acoassaram, navegaram na sua direção com seiscentos barcos (como conta Fanodemo¹⁷⁷) ou com cento e cinquenta (na versão de Éforo). 7. No entanto, nenhuma ação digna de tal força foi levada a cabo por eles, pelo menos no mar: de imediato deram meia-volta para terra firme. Os primeiros saíram e buscaram refúgio junto das tropas que estavam estacionadas nas redondezas; os restantes foram capturados e pereceram com os navios. 8. Isto também revela quão numerosos eram os navios equipados para os bárbaros, pois, ao que parece, apesar de muitos terem

¹⁷⁵ Autor de uma história universal (*FGrH* 70) do séc. IV.

¹⁷⁶ Historiador (*FGrH* 124) do séc. IV, companheiro de Alexandre Magno.

¹⁷⁷ Historiador (*FGrH* 325) do séc. IV.

escapado e de muitos terem sido destruídos, os atenienses ainda capturaram duzentos.

13. Como as tropas se dirigiam para o mar, pareceu-lhe excessivo obrigar os gregos exaustos ao desembarque e conduzi-los contra tropas mais frescas e muito superiores em número. Mas, ao vê-los moralizados pela sua força militar e pelo orgulho da vitória e cheios de vontade de combater contra os bárbaros, desembarcou os hoplitas que se lançaram sobre o inimigo a gritar e a correr, ainda quentes do recontro naval. 2. Contudo, como os persas ofereceram resistência e os receberam com coragem, a batalha foi estrénuo. Morreram atenienses nobres, os primeiros em honra e distinção. Depois de uma luta violenta, puseram os bárbaros em fuga, massacraram-nos e também capturaram alguns com as respectivas tendas cheias de todo o tipo de riqueza. 3. Címon, como um grande atleta, venceu, no mesmo dia, duas provas, ultrapassando o triunfo de Salamina com uma batalha terrestre e o de Plateias com uma naval, e continuou a lutar por vitórias. Informado de que as oitenta trirremes fenícias, que não tinham chegado a tempo da batalha, se estavam a aproximar de Hidro, navegou para lá a toda a velocidade. Os comandantes da frota fenícia ainda não tinham tido notícias oficiais do destino da tão poderosa armada, pelo que estavam desconfiados e hesitantes. Por força do estado de espírito em que se encontravam, ficaram ainda mais surpreendidos: perderam todos os barcos e a maioria dos homens pereceu com eles.

4. Esta façanha esmoreceu de tal ordem o Rei que ele concluiu aquela famosa paz, segundo a qual iria manter-se sempre a uma jornada a cavalo do mar grego e não navegaria entre as ilhas de Ciâneas e Quelidónias com barcos grandes e de esporão de bronze. No entanto, Calístenes não diz que o bárbaro tenha acordado tais condições: agiu assim por causa do medo

inspirado por aquela derrota¹⁷⁸. E ficou tão longe da Grécia que Péricles (com cinquenta barcos) e Efiates (com apenas trinta) navegaram para lá das ilhas Quelidónias e não se encontraram com navios bárbaros. 5. Mas, nos decretos que Crátero¹⁷⁹ coligiu, existe uma cópia do tratado que atesta a sua celebração. Diz-se que, por causa deste acordo, os atenienses não só erigiram um altar à Paz como homenagearam Cálías, que tinha sido o seu embaixador, das mais diversas formas.

5. Uma vez vendido o produto do saque, a cidade reforçou a sua disponibilidade para satisfazer diversas necessidades e, com os amplos recursos daquela campanha, construiu a muralha sul da Acrópole. 6. Diz-se também que a construção das Longas Muralhas, a que chamam “Pernas”, foi concluída mais tarde, mas as primeiras fundações, visto que os trabalhos tinham lugar em zonas pantanosas e húmidas, foram implantadas com segurança graças a Címon, que providenciou e colocou à disposição os fundos para tornar o pântano compacto com seixos e pedras grandes. 7. Foi o primeiro a embelezar a cidade, com locais de entretenimento considerados nobres e elegantes, que pouco depois passaram a ser extraordinariamente apreciados. Plantou plátanos na Ágora, transformou a Academia, de árida e seca, num jardim irrigado, que adornou com pistas de corrida livres e passeios sombrosos¹⁸⁰.

14. Alguns persas não queriam abandonar o Quersoneso e pediram ajuda aos trácios do Norte, subestimando Címon, que navegara de Atenas com pouquíssimas trirremes. No entanto, ao atacá-los com os seus quatro navios, capturou treze dos

¹⁷⁸ Sobre a controvérsia que rodeia a Paz de Cálías, *vide* Introdução, n. 16.

¹⁷⁹ Historiador (*FGrH* 342) dos sécs. IV ou III.

¹⁸⁰ Cf. também *Mor.* 818D (*Praecepta gerendae rei publicae*).

deles, expulsou os persas, dominou os trácios e conquistou todo o Quersoneso para Atenas. 2. Depois disso, derrotou numa batalha naval os tásios, que se haviam rebelado contra Atenas, capturou trinta e três navios e sitiou a cidade. Conquistou ainda para os atenienses as minas de ouro situadas diante da ilha e tomou o território que os tásios controlavam¹⁸¹. 3. Dali, ao que parecia, era possível invadir facilmente a Macedónia e conquistar uma boa parte dela. Mas, como ele não quis, foi acusado de aceitar suborno do rei Alexandre e foi processado pelos inimigos que se aliaram contra ele. 4. Perante os juízes, alegou em sua defesa que não era, como outros, próxeno¹⁸² de iónios nem de tessálios ricos, para receber honras e dinheiro, e sim dos lacedemónios, dos quais imitava e apreciava a sobriedade e a moderação, que preferia a qualquer riqueza; e que se orgulhava de tornar a cidade mais rica às custas dos inimigos. 5. Ao recordar aquele processo, Estesímbroto afirma que Elpinice foi bater à porta de Péricles – pois era o mais veemente dos acusadores – para interceder por Címon e que ele lhe disse com um sorriso: “Estás velha, Elpinice, velha demais para te meteres em tais sarilhos.” No entanto, em tribunal, foi o mais brando para com Címon e levantou-se uma única vez para sustentar a acusação, como quem cumpre uma obrigação¹⁸³.

¹⁸¹ Plutarco dá a impressão de que Címon conduziu com sucesso todas estas operações no norte do Mar Egeu, sem mencionar a colonização falhada de *Ennea Hodoi* (Thuc. 1.100.3) e as dificuldades do assédio a Tasos, que se rendeu só no terceiro ano (1.101.3).

¹⁸² A função do próxeno (hóspede público) constituía um elemento importante na organização das relações entre as pólis assim como na formação das redes sociais no mundo grego.

¹⁸³ Sobre as relações entre Címon e Péricles, *vide* Introdução, pp. 23 e 26-29.

15. Desta vez, Címon foi absolvido. No resto da sua carreira política, desde que estivesse em Atenas, governava e refreava o povo, que atacava os aristocratas e tentava chamar a si toda a autoridade e poder. 2. Quando saiu de novo em expedição marítima¹⁸⁴, a populaça, finalmente deixada à solta, subverteu a ordem política estabelecida e os costumes ancestrais de acordo com os quais tinha vivido até então. Liderada por Efiltes, retirou toda a jurisdição ao conselho do Areópago (à exceção de um pequeno número de atribuições), fez-se senhora dos tribunais e mergulhou a cidade numa democracia pura¹⁸⁵. Nessa altura, Péricles já era influente e apoiava a causa popular¹⁸⁶. 3. Por isso, quando regressou, Címon indignou-se com a injúria à dignidade do conselho e tentou revogar as decisões e renovar a aristocracia do tempo de Clístenes. Os seus opositores, unindo-se contra ele, criaram um grande tumulto e incitaram o povo, reavivando os boatos sobre a irmã e acusando-o de laconismo. 4. A estas acusações fazem também alusão os famosos versos de Êupolis¹⁸⁷ sobre Címon:

Não era mau tipo, apesar de borracho e desleixado;
Às vezes dormia na Lacedemónia
E deixava Elpinice aqui sozinha¹⁸⁸.

¹⁸⁴ Trata-se muito provavelmente da expedição a Itome (*infra*, cap. 17.3), ainda que seja difícil acreditar que Címon chegasse lá por mar. É inútil especular, com base neste passo de Plutarco, sobre uma renovação das operações navais contra os persas (*vide* Introdução, n. 38).

¹⁸⁵ Não fica muito claro quais são as competências tiradas ao Areópago nessa altura. Cf. *Ath. pol.* 25.2.

¹⁸⁶ Cf. *Per.* 7.8; 9.5; *Mor.* 812C-D (*Praecepta gerendae rei publicae*), onde Péricles aparece como principal inspirador das reformas.

¹⁸⁷ Poeta cómico do séc. V.

¹⁸⁸ A relação entre Címon e Elpinice parece ter sido um fator de

5. Mas, se, negligente e bêbedo, conquistou tantas cidades e alcançou tantas vitórias, é evidente que caso se tivesse mantido sóbrio e se tivesse empenhado, nenhum grego antes ou depois dele teria ultrapassado os seus feitos.

16. Foi, desde o início, partidário dos lacedemónios: chamou a um dos filhos gémeos Lacedemónio e ao outro Eleio. Segundo Estesímbroto, tivera-os com uma mulher de Clitor¹⁸⁹, razão pela qual Péricles não perdia a oportunidade de censurar tal linhagem materna. Diodoro o Periegeta¹⁹⁰ afirma que estes e o terceiro filho de Címon nasceram de Isodice, filha de Euriptólemo, filho de Mégacles. 2. A sua ascensão política foi apoiada pelos lacedemónios, que já hostilizavam Temístocles e preferiam que aquele, sendo jovem, se tornasse influente e assumisse o poder em Atenas¹⁹¹. No princípio, os atenienses viram esta situação com bons olhos, pois tiravam não pouco partido da boa vontade dos espartanos para com ele. Com efeito, no princípio, enquanto ampliavam o seu poder e andavam ocupados com os assuntos dos aliados, não lhes incomodou a honra e o favorecimento de Címon. 3. A maior parte dos assuntos dos gregos passava por ele, pois tratava os aliados com doçura e os lacedemónios com simpatia. Depois que se tornaram mais poderosos, ao verem que Címon continuava não pouco dedicado aos espartanos, irritaram-

algum peso, não só segundo as fontes narrativas, mas também a julgar pelo *ostrakon* Brenne 2002, T1/67 (citado na Introdução, n. 37).

¹⁸⁹ Ou seja, conforme o mesmo Plutarco, da cidade de Clitor na Arcádia. Cf. *Per.* 29.2, onde o biógrafo precisa que Péricles, o autor da restritiva lei da cidadania, repreendeu os filhos de Címon pelos seus nomes e pela sua ascendência não ateniense. Note-se o trocadilho sexual Clitor – clítoris.

¹⁹⁰ Escritor (*FGrH* 372) ativo por volta de 300.

¹⁹¹ Cf. também *Them.* 20.4.

-se. É que ele, a cada passo, enaltecia os lacedemónios em detrimento dos atenienses, principalmente quando calhava censurá-los ou incentivá-los. Como afirma Estesímbroto, costumava dizer: “Mas os lacedemónios não são assim.” Deste modo atraiu a má vontade e uma certa hostilidade por parte dos concidadãos.

4. Das calúnias contra ele, a que alcançou maior crédito teve a seguinte origem. No quarto ano do reinado de Arquidamo, filho de Zeuxidamo, em Esparta, por causa do maior sismo de que havia até então memória, o território da Lacedemónia foi devastado por fissuras e alguns cumes do Taígeto estremecido foram derrubados. A própria cidade ruiu por completo, à exceção de cinco casas; o sismo destruiu todas as outras. 5. Diz-se que, enquanto os efébos e os meninos se exercitavam em conjunto no meio do pórtico, um pouco antes do sismo, apareceu uma lebre. Os meninos, como estavam ungidos com óleo, desataram a correr e perseguiram-na por gozo; o ginásio ruiu sobre os efébos que lá ficaram e matou-os a todos. Ainda agora se chama ao túmulo destes Sismacia. 6. Arquidamo depressa se apercebeu, pelo sucedido, do perigo iminente e, ao ver os cidadãos a tentar salvar das casas os objetos que mais estimavam, ordenou ao trompetista que soasse o sinal de ataque dos inimigos, de modo a que todos se reunissem à sua volta o mais depressa possível e com as armas. Esta única medida salvou Esparta nesse momento de crise. 7. Com efeito, os hilotas acorreram dos campos, vindos de todas as partes, para despojar os espartanos sobreviventes. Mas, quando os encontraram armados e alinhados para o combate, regressaram às suas cidades e encetaram uma guerra aberta, depois de terem convencido não poucos dos periecos a apoiar a sua causa, ao mesmo tempo que os messénios atacavam os espartanos.

8. Então os lacedemónios enviam Periclidas a Atenas para pedir ajuda. Aristófanes ridiculariza-o, dizendo que estava sentado

perto dos altares, pálido, vestido de púrpura e a pedir um exército¹⁹².

9. Efilates opôs-se e sustentou que não se devia ajudar nem salvar uma cidade rival de Atenas, mas permitir que o orgulho de Esparta ficasse no chão e fosse pisado. Crítias afirma que Címon privilegiou o benefício dos lacedemónios em detrimento do engrandecimento da pátria e convenceu o povo a partir com muitos hoplitas para ajudá-los¹⁹³. 10. Íon recorda a frase com a qual mais tocou os atenienses, exortando-os a não deixar a Grécia coxa nem a cidade privada da sua companheira de jugo¹⁹⁴.

17. Depois de ter ajudado os lacedemónios, regressou com o exército por Corinto. Lacarto acusou-o de introduzir as tropas na cidade antes de pedir autorização aos cidadãos: “É que, quando se bate à porta alheia, não se entra antes que o dono autorize.” 2. E Címon replicou: “No entanto, Lacarto, vocês não bateram às portas de Cleonas e de Mégara, antes partiram-nas e forçaram a entrada com armas, considerando justo que tudo esteja aberto para os mais poderosos.” Foi deste modo que respondeu ao coríntio com insolência e oportunidade e atravessou a cidade com o exército.

¹⁹² Cf. Aristoph. *Lys.* 1138-1141.

¹⁹³ Quatro mil hoplitas, segundo diz Aristoph. *Lys.* 1143.

¹⁹⁴ Quanto às metáforas usadas por Címon, cf., por um lado, o oráculo sobre a hegemonia ‘coxa’ dos espartanos (Diod. 11.50.4) e, por outro, o sonho sobre a tentativa falhada de pôr a Pérsia e a Grécia sob o mesmo jugo (Aeschyl. *Pers.* 181-199).

3. Os lacedemónios pediram, mais uma vez, ajuda aos atenienses contra os messénios e os hilotas em Itome¹⁹⁵. No entanto, mal aqueles chegaram, os espartanos, com medo da sua coragem e valor, mandaram-nos embora – apenas a eles dentre todos os aliados – por serem revolucionários¹⁹⁶. Os atenienses regressaram furiosos e de imediato começaram a hostilizar abertamente os partidários dos lacedemónios. E, com base num pretexto insignificante¹⁹⁷, votaram Címon ao ostracismo por dez anos – o tempo estabelecido para todos os ostracizados.

4. Nesse período, após terem libertado Delfos dos fócidas, os lacedemónios acamparam em Tânagra durante o regresso a casa. Os atenienses foram ao encontro deles para lutar. Címon apresentou-se armado junto da sua tribo Eneida, desejoso de afastar os lacedemónios com os concidadãos. 5. O Conselho dos Quinhentos foi informado e teve medo, pois os inimigos de Címon acusavam-no de querer perturbar a falange e conduzir os lacedemónios a Atenas, e, por isso, proibiu os estrategos de o acolherem. 6. Címon retirou-se e pediu a Eutipo, filho de Anaflisto, e aos outros companheiros que eram acusados principalmente de filolaconismo que lutassem vigorosamente contra os inimigos e refutassem, através dos atos, as acusações dos concidadãos. 7. Eles tomaram a sua armadura, colocaram-na no meio do batalhão, formaram uma massa coesa à sua volta e morreram os cem, corajosamente, deixando os atenienses, pelos quais tinham sido injustamente acusados, cheios de tristeza e remorsos. 8. Por isso, estes não mantiveram por muito tempo

¹⁹⁵ É pouco verosímil que Címon conduzisse duas expedições a Esparta, mas cf. as opiniões diferentes referidas na Introdução, n. 40.

¹⁹⁶ Sobre os motivos dos espartanos, *vide* Introdução, n. 40.

¹⁹⁷ Sobre as acusações proferidas contra Címon, *vide* Introdução, pp. 26-27.

a animosidade contra Címon, pois, por um lado, como é natural, recordavam os serviços por ele prestados, e, por outro, as circunstâncias ajudaram. Derrotados numa grande batalha em Tânagra e à espera de uma invasão dos lacedemónios na primavera seguinte, chamaram Címon do exílio. E ele regressou por decreto do próprio Péricles¹⁹⁸. 9 Naquele tempo, as divergências políticas eram assim: os ânimos eram moderados e cediam facilmente em prol do bem comum; a ambição, a mais poderosa de todas as paixões, curvava-se aos interesses da pátria¹⁹⁹.

18. Mal regressou, Címon pôs termo à guerra e reconciliou as cidades. Celebrada a paz²⁰⁰, apercebeu-se de que os atenienses não eram capazes de levar uma vida calma e queriam bulir e expandir-se com recurso a campanhas militares. Para que não importunassem os gregos – navegando em redor das ilhas ou do Peloponeso com muitos navios – e não atraíssem contra a cidade a acusação de provocar uma guerra civil nem os lamentos dos aliados, equipou trezentas trirremes para fazer outra expedição contra o Egipto e Chipre, com o intuito de exercitar os atenienses no combate contra os bárbaros e, ao mesmo tempo, tirar o justo proveito, levando para a Grécia a riqueza dos inimigos naturais. 2. Mas, quando tudo já estava preparado e o exército se encontrava junto aos navios, Címon teve um sonho. Parecia que um cão furioso lhe ladrava e que, por entre

¹⁹⁸ Há muitas dúvidas sobre a data e sobre as circunstâncias do regresso de Címon. *Vide* Introdução, p. 28.

¹⁹⁹ Plutarco idealiza aqui as relações políticas da idade ‘clássica’, passando em silêncio sobre o suposto acordo secreto entre Címon e Péricles, mencionado em *Per.* 10.5 e *Mor.* 812F (*Praecepta gerendae rei publicae*). *Vide* Introdução, p. 29.

²⁰⁰ Esta paz é comumente identificada com a trégua de cinco anos mencionada em Thuc. 1.112.1, apesar de a cronologia entrar em conflito com a tradição sobre o regresso antecipado de Címon. *Vide* Introdução, n. 41.

os latidos, emitia uma voz humana que dizia: 3. “Vai, pois serás bem-vindo para mim e para os meus cachorros.” Embora este sonho fosse de difícil interpretação, Astífilo de Posidónia, adivinho próximo de Címon, disse-lhe que a visão prenunciava a sua morte, explicando-a assim: o cão é inimigo do homem a quem ladra, e ninguém se pode tornar mais bem-vindo para o inimigo do que pela morte. A mistura da voz representa o inimigo persa, pois o exército persa é uma mescla de gregos e bárbaros. 4. Após esta visão, enquanto Címon oferecia um sacrifício a Dioniso, o adivinho abriu a vítima e muitas formigas, tomando o sangue coagulado, levaram-no aos bocadinhos até Címon e colocaram-no ao redor do dedo polegar do seu pé, passando despercebidas durante muito tempo. 5. No momento em que Címon se deu conta do que estava a acontecer, o sacerdote aproximou-se e mostrou-lhe o fígado, que não tinha cabeça. No entanto, como não podia desistir da expedição, enviou sessenta navios para o Egito e partiu, de novo, com as restantes. 6. Derrotou a esquadra do Rei, composta de navios fenícios e cilícios, reconquistou as cidades das redondezas e ficou de vigia aos acontecimentos no Egito, tendo em mente nada menos do que a destruição da hegemonia plena do Rei, sobretudo porque tomara conhecimento de que a fama e o poder de Temístocles entre os bárbaros eram grandes e que aquele prometera ao Rei, que preparava a guerra contra os gregos, ser o seu general. 7. Diz-se, no entanto, que Temístocles, sem esperanças na ação militar contra a Hélade (como se não fosse capaz de superar a boa sorte e a superioridade de Címon) se suicidou²⁰¹. Enquanto dava início a grandes combates e mantinha a frota reunida perto de Chipre, Címon enviou homens ao santuário de

²⁰¹ Cf. *Them.* 31.4-6. Segundo a opinião comum, Temístocles já estava morto na altura da última expedição de Címon.

Ámon²⁰² para obter uma profecia secreta do deus. Na verdade, ninguém sabe por que motivo foram enviados, nem o deus lhes proferiu um oráculo, mas, mal os enviados se aproximaram, ordenou-lhes que dessem meia-volta, pois o próprio Címon já estava com ele. 8. Ao ouvirem isto, os enviados desceram em direção ao mar e, quando chegaram ao acampamento grego, que ficava na costa do Egipto, foram informados de que Címon tinha morrido. Contando os dias desde o oráculo perceberam que a morte do homem fora anunciada, ao referir que já estava perto dos deuses.

19. Segundo a maioria dos autores, Címon morreu de doença enquanto cercava Cítio. Outros dizem que foi de uma ferida feita a combater contra os bárbaros. 2. Ao morrer, ordenou aos que estavam consigo que zarpassem imediatamente, de modo a ocultar a sua morte. Sucedeu que, como nenhum dos inimigos nem dos aliados se apercebeu, regressaram a salvo, sob o comando de Címon, como refere Fanodemo, embora estivesse morto há trinta dias.

3. Após a sua morte, nada de extraordinário contra os bárbaros foi levado a cabo por nenhum general dos gregos, que foram instigados uns contra os outros pelos demagogos e pelos fomentadores de guerra. E como ninguém se interpusesse, precipitaram-se numa guerra que permitiu a recuperação do fôlego aos assuntos do Rei, mas causou uma ruína inenarrável ao poderio grego. 4. Só muito mais tarde os homens de Agesilau levaram as armas para a Ásia e travaram uma breve guerra contra os generais do Rei ao longo da costa. No entanto, nada fizeram de espetacular ou relevante, já que, sofrendo outra vez com querelas entre os gregos e tumultos causados por outros

²⁰² Ou seja, o oráculo de Siwa, no deserto da Líbia.

motivos, acabaram por partir e deixar os cobradores de impostos persas no meio das cidades aliadas e amigas, onde, quando Címon era estratega, nem um mensageiro conseguia chegar nem um cavalo podia ser visto a menos de quatrocentos estádios da costa.

5. Que os restos mortais de Címon foram levados para a Ática, testemunham-no os monumentos fúnebres ainda hoje chamados túmulos dos Címones. Também os cítios honram um túmulo de Címon, como afirma o orador Nausícrates²⁰³, porque, numa ocasião de peste e fome, o deus lhes ordenou que não se esquecessem de Címon, mas que o honrassem e respeitassem como um ser superior. Tal foi o líder grego.

²⁰³ Trata-se provavelmente de Náucrates, orador do séc. IV.

LUCULO

1. Luculo tinha como avô um antigo cônsul²⁰⁴ e como tio materno, Metelo, alcunhado “Numídico”. Quanto aos progenitores, o pai foi condenado por malversação e a mãe, Cecília, gozou de má fama por não ter vivido com moderação.

2. O próprio Luculo, quando era jovem, antes de ingressar na vida política e de obter um qualquer cargo público, acusou o delator do seu pai, o áugure Servílio, ao surpreendê-lo a prejudicar o Estado. O gesto pareceu esplêndido aos romanos e aquele processo andou de boca em boca, como um gesto heroico. 3. De resto, acusar sem motivo não lhes parecia ser ignóbil e queriam mesmo ver os jovens a atacar os prevaricadores, como os cachorros de raça pura atacam os animais selvagens. No entanto, gerou-se tal alteração a propósito daquele processo que alguns foram feridos e mortos e Servílio foi absolvido.

4. Luculo esforçou-se por falar fluentemente as duas línguas, de tal ordem que Sula, quando escreveu as suas *Memórias*²⁰⁵, lhas dedicou enquanto aquele que melhor compilava e narrava a história. 5. De facto, o seu discurso não era adequado a uma única função e vulgar como o de outros, que, no fórum, é

“como um atum vigoroso a agitar o mar”,

²⁰⁴ O avô homónimo de Luculo foi cônsul em 151.

²⁰⁵ Cf. *infra*, cap. 4.5; *Sull.* 6.10. Segundo Suet. *gramm.* 12.2, a obra (*FRHist* 22) foi terminada por Epicado, um liberto de Sula.

contudo, fora, se torna

“árido, entorpecido por falta de cultura”.

Luculo teve, desde a adolescência, essa educação voltada para o Belo, chamada liberal. 6. Quando já estava com uma idade bastante considerável, como que depois de numerosos combates, permitiu que o seu pensamento se dedicasse à filosofia e descansasse, despertando o seu lado contemplativo, ao mesmo tempo que moderava e continha a sua ambição no momento oportuno²⁰⁶, após o diferendo com Pompeio. 7. Quanto ao seu amor pelas letras, além do que já foi dito, também se conta o seguinte: em novo, na sequência de uma brincadeira – que se tornou séria – com o advogado Hortênsio e com o historiador Sisena, concordou com o desafio de cantar a Guerra Mársica²⁰⁷ com um poema ou uma narrativa, em grego ou em latim, em função do sorteio. 8. E, ao que parece, a sorte ditou uma narrativa em grego, pois conserva-se uma história da Guerra Mársica em grego. Ainda que existam muitas provas do afeto pelo seu irmão Marco²⁰⁸, os romanos recordam sobretudo a primeira. 9. Com efeito, apesar de ser mais velho do que aquele, não quis exercer sozinho um cargo público e esperou que o irmão atingisse a idade necessária. Obteve assim o favor do povo, a ponto de ser eleito edil com ele, mesmo não estando presente.

²⁰⁶ Antecipando a questão da retirada de Luculo, Plutarco omite aqui a crítica formulada *infra*, a partir do cap. 38.5.

²⁰⁷ Ou seja, da Guerra Social entre Roma e os aliados itálicos (*FRHist* 22). Cf. também Cic. *Att.* 1.19.10 = 19.10 Shackleton Bailey.

²⁰⁸ Cf. também *Mor.* 484D-E (*De fraterno amore*).

2. 1. Embora fosse novo durante a Guerra Mársica, deu muitas provas de coragem e de inteligência. Por causa da sua firmeza e doçura, Sula trouxe-o para o seu lado e usou-o, do início ao fim, em questões de monta, de entre as quais também a gestão da moeda²⁰⁹. 2. A maior parte da moeda em circulação no Peloponeso durante a Guerra Mitridática foi cunhada por ele e recebeu, por isso, o nome de *luculeia*. Continuou a ser utilizada por muito tempo, adquirindo uma circulação rápida durante a guerra devido às necessidades militares. 3. Depois disto, em Atenas, quando Sula tinha o domínio da terra, mas estava privado do abastecimento por mar devido à supremacia marítima dos inimigos, enviou Luculo ao Egipto e à Líbia para trazer navios de lá. 4. Era o pino do inverno. Ele zarpou com três bergantins piratas gregos e outras tantas birremes ródias, expondo-se ao mar alto e aos navios do inimigo, que, muito superiores em poder, estavam por todo o lado. Não obstante, aportou em Creta e conquistou-a. Ocupou Cirene, convulsionada por sucessivos tiranos e guerras, restaurou nela ordem e estabeleceu a constituição, lembrando à cidade uma profecia de Platão, que o próprio anunciara aos seus antepassados. 5. Ao que parece, pediram-lhe que escrevesse leis e dotasse o seu povo de um tipo de constituição sábia. Ele retorquiu que era difícil legislar para os tão prósperos cireneus. De facto, nada é mais difícil de governar do que o homem que julga ser bem-sucedido, ou, pelo contrário, mais disposto a aceitar o domínio

²⁰⁹ Cf. também *Mor.* 805E-F (*Praecepta gerendae rei publicae*). Sobre a hipótese de Luculo ter participado na marcha do exército de Sula sobre Roma em 88, *vide* Introdução, n. 96. Em seguida, na altura da campanha contra Mitridates, o general encontrava-se em conflito com o governo na capital.

do que o humilhado pela sorte. Estas palavras tornaram os cironeus favoráveis para com o legislador Luculo²¹⁰.

6. Daí embarcou para o Egipto e perdeu a maior parte dos navios por causa de um ataque de pirata. Contudo escapou ileso e desembarcou com pompa e circunstância em Alexandria. 7. Toda a armada foi ao seu encontro, maravilhosamente adornada, como era habitual sempre que chegava um rei. E o jovem Ptolemeu deu-lhe outras provas de extraordinária afabilidade, bem como alojamento e comida no palácio real, onde nenhum general estrangeiro havia sido levado antes. 8. E não lhe ofereceu a mesma verba para despesas e subsídio que aos outros, mas facultou-lhe quatro vezes mais. Ele, porém, não aceitou nada mais do que o necessário, sequer recebeu um presente, apesar de aquele lhe ter enviado objetos no valor de oitenta talentos. 9. Diz-se que não foi a Mênfis nem visitou qualquer das outras famosas maravilhas do Egipto. Isso é para o turista que tem tempo livre e é dado a luxos²¹¹, não para quem, como ele, deixou o general acampado a céu aberto junto das trincheiras dos inimigos.

3. 1. Com medo da guerra, Ptolomeu abandonou a aliança, no entanto, forneceu-lhe navios de escolta até Chipre. No momento da partida, abraçou-o, cobriu-o de atenções e ofereceu-lhe uma valiosa esmeralda incrustada em ouro. De início, Luculo tentou declinar, mas, quando o rei lhe mostrou o relevo, que era a sua própria efígie, teve medo de recusar, não fosse aquele preparar-lhe uma emboscada no mar, pen-

²¹⁰ Cf. *Mor.* 779D (*Ad principem ineruditum*). É possível que Antíoco de Ascalão contribuisse para instituir reformas de inspiração ‘platónica’.

²¹¹ É de salientar que Luculo recusa aqui expressamente a *tryphê* que marcará o seu estilo de vida mais tarde.

sando que partia como inimigo. 2. Durante a viagem, foi reunindo uma grande quantidade de barcos das cidades costeiras, à exceção daqueles que participavam nos ataques piratas, até chegar a Chipre. Aí, soube que os inimigos estavam à espreita, ancorados no promontório. Pôs então todos os navios a seco e escreveu às cidades, pedindo abrigos de inverno e mantimentos, como se fosse esperar a primavera ali. 3. Em seguida, como soprasse um vento favorável, colocou inesperadamente os barcos na água e zarpou. Navegando, de dia, com as velas rizadas, mas, de noite, com o pano todo, chegou são e salvo a Rodes. Dado que os ródios lhe forneceram navios, convenceu os habitantes de Cós e de Cnido a abandonarem a causa do rei e a se lhe juntarem na expedição contra Samos. 4. Sozinho, expulsou de Quios as tropas do rei e libertou os colofônios, ao capturar o seu tirano, Epígono²¹². Aconteceu que, por essa altura, Mitridates já tinha abandonado Pérgamo e batido em retirada para Pítane. 5. Aí, como Fímbria²¹³ o tivesse sitiado por terra, o rei, contemplando o mar, mandou chamar e reuniu as frotas vindas de toda a parte, pois desistira de se encontrar e lutar com um homem tão corajoso e vitorioso quanto Fímbria. 6. Ao aperceber-se do plano, inferior em frota, enviou mensagem a Luculo, pedindo-lhe que viesse com a sua e ajudasse a subjugar o mais hostil e belicoso dos reis, para que o grande prémio, perseguido com muitos combates e trabalhos, não escapasse aos romanos. Mitridates estava nas suas mãos e tinha caído na rede: se ele fosse capturado, ninguém teria mais glória

²¹² É provável que as seguintes inscrições estejam relacionadas com a expedição naval de Luculo: *Inscriptions de Délos* 1620; Sayar *et al.* 1994 = SEG 44, 1994, 1227 (de Mopsuéstia); também Ameling 1989 = SEG 39, 1989, 881 (de Quios).

²¹³ General do governo no poder em Roma e, portanto, adversário de Sula.

do que aquele que lhe barrou o caminho da fuga e o impediu de escapar. Expulso de terra por este e escorraçado do mar por aquele, trará sucesso a ambos. E os romanos não mais darão valor às célebres proezas de Sula em Orcómeno e Queroneia. 7. E nada do que foi dito era absurdo, mas era evidente para todos que, se Luculo, que não estava longe, dando ouvidos a Fímbria, tivesse levado as naus para lá e bloqueado o porto com a frota, a guerra teria acabado e todos se teriam livrado de inúmeros males. 8. Porém não lhe deu ouvidos, quer porque antepusesse as suas obrigações para com Sula a qualquer benefício pessoal ou público, quer porque abominasse Fímbria por ser ignóbil e assassino recente de um estrategista seu amigo por sede de poder; quer porque, por vontade divina, estivesse a poupar Mitridates para conservá-lo como adversário. Consentiu, então, que Mitridates partisse por mar e zombasse do poder de Fímbria. Primeiro, derrotou, sozinho, os barcos do rei que apareceram ao largo de Lecto, na Tróade. E, então, ao aperceber-se de que Neoptólemo estava fundeado diante de Ténedos com uma força ainda maior, navegou ao seu encontro antes dos demais, numa pentarreme ródia, que era comandada por Damágoras, um indivíduo favorável aos romanos e grande especialista em combates marítimos. 9. Neoptólemo, por seu turno, avançou a toda a velocidade e ordenou ao piloto que investisse contra a proa. Damágoras, temendo o peso da embarcação real e a dureza do esporão de bronze, não ousou colidir proa com proa. Deu rapidamente meia-volta e ordenou que se aproximassem de popa. Atingido nesse ponto, o barco recebeu o embate, que incidiu nas partes submersas do barco, sem sofrer danos. Entretanto, como os aliados estivessem a aproximar, Luculo encorajou-os a voltar. Depois de terem empreendido muitos feitos valerosos, pôs os inimigos em fuga e perseguiu Neoptólemo.

4. Dali, foi ao encontro de Sula, que se preparava para cruzar o estreito no Quersoneso; garantiu a segurança da travessia e ajudou a transportar o exército. Celebrada a paz, Mitridates rumou ao Ponto Euxino, Sula impôs à Ásia uma multa de vinte mil talentos e incumbiu Luculo de recolher esse dinheiro e cunhar moeda. Parece que isso gerou para as cidades um alívio da rudeza de Sula, pois revelou-se não só honesto e justo, mas também moderado numa função tão séria e penosa²¹⁴.

2. Queria que os habitantes de Mitilene, que se tinham rebelado abertamente, fossem razoáveis e obtivessem uma sanção moderada por causa do mal feito a Mânio. No entanto, como os via possuídos por um espírito mau, navegou contra eles, venceu-os em combate e confinou-os às muralhas²¹⁵. Organizado o cerco, partiu de dia e à vista de todos para Eleia, mas voltou às ocultas para trás, escondeu-se perto da cidade e pôs-se à espreita. 3. Quando os habitantes de Mitilene saíram desordenadamente e com arrojo, como se fossem pilhar o acampamento abandonado, caindo sobre eles, capturou muitos com vida e matou quinhentos dos que se defenderam. Levou seis mil escravos e imensos despojos.

4. De nenhum modo tomou parte nos inúmeros e diversos males que Sula e Mário causaram às pessoas ao longo da Itália, pois, por vontade divina, ficou retido na Ásia devido a alguns

²¹⁴ Depois de ter sublinhado a lealdade de Luculo perante Sula (*supra*, cap. 2-3), Plutarco esforça-se neste capítulo por dissociar o seu herói da severidade do comandante supremo, tanto no tratamento da província da Ásia como nos acontecimentos subsequentes em Itália. A gratidão dos habitantes a Luculo reflete-se em várias inscrições, datáveis ao tempo da sua proquestura: *Inscr. Ephesos* 2941; *TAM V* 2.918 (de Tiatira); *MAMA IV* 52 (de Sínade).

²¹⁵ Plutarco tem muito cuidado em justificar este ataque de Luculo a uma cidade grega, supostamente realizado contra a sua vontade. Mitilene tinha entregado o legado romano Mânio Aquílio a Mitridates.

assuntos. 5. Nem por isso foi menos estimado por Sula do que os outros amigos: pelo contrário, como já foi dito, dedicou-lhe, por afeto, as suas *Memórias*. E, ao morrer, nomeou-o tutor do filho, deixando Pompeio de lado. Ao que parece, este foi para eles, que eram jovens e ávidos de glória, o primeiro motivo de discórdia e rivalidade²¹⁶.

5. Pouco depois da morte de Sula, por volta da 176^a Olimpíada²¹⁷, Luculo foi cônsul com Marco Cota. Como então muitos procurassem reacender a Guerra Mitridática, Marco disse que ela não estava terminada, mas adormecida. 2. Portanto, quando lhe tocou a província da Gália Cisalpina, que não lhe dava hipóteses de grandes feitos, Luculo ficou sentido. Contudo, o que mais o exasperava era a boa reputação que Pompeio granjeou na Ibéria, pois, fazia dele, como de nenhum outro, o general provável contra Mitridates, se a guerra na Ibéria acabasse. 3. Portanto, quando Pompeio pediu dinheiro e escreveu²¹⁸ que, se não lho enviassem, lideraria as tropas rumo à Itália, deixando em paz a Ibéria e Sertório, Luculo empenhou-se em enviar o dinheiro e em evitar o regresso daquele, sob qualquer pretexto, enquanto fosse cônsul. De facto, toda a cidade ficaria sob o seu poder, se viesse com tamanho exército. 4. É que Cetego, que então dominava a cena política²¹⁹, fazendo e dizendo tudo para agradar ao povo, tinha uma certa

²¹⁶ É provável que, na realidade, a inimizade entre os dois políticos surgisse mais tarde. *Vide* Introdução, p. 45.

²¹⁷ Em 74.

²¹⁸ Cf. Sall. *hist. frg.* 2.98 Maurenbrecher = 2.82 McGushin, sem referência às supostas ambições de Pompeio para obter o comando contra Mitridates.

²¹⁹ Não fica muito claro qual era a base do poder de Cetego, mas é provável que Plutarco exagere a sua influência para demonstrar a necessidade de solicitar a sua colaboração (*infra*, cap. 6.1-5).

inimizade por Luculo, que abominava a sua vida, repleta de amores vergonhosos, excessos e transgressões. 5. Luculo opôs-se-lhe abertamente, porém a Lúcio Quíncio, um outro demagogo, que se insurgia contra as medidas de Sula e tentava perturbar a ordem estabelecida, dissuadiu-o do seu propósito e acalmou a sua ambição, com muitos conselhos privados e advertências públicas. Deste modo, lidou com o início de uma grande doença da forma mais politicamente sábia e salutar possível.

6. Nessa altura foi anunciada a morte de Otávio, governador da Cilícia. Muitos desejaram o governo da província e adularam Cetego, que era o mais poderoso, para serem bem-sucedidos. Luculo, porém, não tinha a Cilícia em si mesma em grande conta, mas, pressentindo que, se a obtivesse, uma vez que era próxima da Capadócia, nenhum outro seria enviado para combater contra Mitridates, fez de tudo para que a província não fosse confiada a outrem. 2. E, por fim, contra a sua natureza, ousou, por necessidade, um expediente nem digno nem louvável, contudo eficaz para o seu objetivo²²⁰. Havia na cidade uma mulher chamada Précia, célebre pela sua beleza e petulância. Quanto ao resto, não era nada melhor do que uma cortesã, porque se servia de relacionamentos e conversas em prol das aspirações políticas dos seus amigos. Por acrescentar ao restante encanto a reputação de ser alguém dedicado ao seu amigo e eficaz, foi muitíssimo influente. 3. Quando seduziu Cetego, que então estava no auge da sua fama e governava a cidade, tornou-se sua amante e o poder político passou totalmente para ela. De facto, nada era oficialmente feito se Cetego

²²⁰ É interessante esta avaliação pragmática de um episódio que dificilmente se concilia com o retrato de Luculo como político íntegro e de princípios.

não tivesse interesse e se Précia não lho ordenasse. 4. Ora, Luculo, após cair nas suas boas graças com presentes e lisonjas (e, de certo modo, era uma grande recompensa para uma mulher orgulhosa e vã ser vista a dar apoio a Luculo), teve de imediato Cetego a elogiá-lo e a propô-lo para a Cilícia. 5. Mal a obteve, já não precisou de recorrer a Précia nem a Cetego: todos sem exceção lhe confiaram a Guerra Mitridática, como se não pudesse ser convenientemente levada a cabo por nenhum outro, visto que Pompeio ainda estava em guerra contra Sertório e Metelo tinha renunciado por velhice, eles que eram os únicos a rivalizar com Luculo na discussão do comando. 6. O seu colega Cota, todavia, depois de muito implorar ao Senado, foi enviado com barcos para proteger a Propôntide e defender a Bitínia.

7. Luculo, com uma legião que ele próprio recrutara em Itália, avançou para a Ásia. Aí assumiu o comando das outras forças, todas desde há muito corrompidas pelo luxo e pela ganância, e dos chamados “fimbrianos”, que, por causa da habituação à ausência de um comandante, se tornaram intratáveis. 2. Com efeito, estes eram aqueles que tinham matado Flaco, o seu cônsul e general, em conluio com Fímbria, e, em seguida, entregaram o próprio Fímbria a Sula. Eram homens prepotentes e sem lei, mas combativos e corajosos, com grande experiência de guerra. 3. No entanto, em pouco tempo, Luculo eliminou o atrevimento deles e converteu os demais. Ao que parece, experimentaram então, pela primeira vez, um verdadeiro comandante e líder²²¹: até aí, haviam sido conduzidos por demagogos, tendo se habituado a servir no exército a seu bel-prazer.

²²¹ Este elogio das qualidades de Luculo contrasta com a crítica à sua liderança apresentada a partir do cap. 33.

4. A situação dos inimigos era a seguinte: Mitridates, fanfarrão e arrogante de início, como a maioria dos Sofistas, opôs-se aos romanos com uma força inconsistente, porém esplêndida e pomposa na aparência. Então, depois de ter sido ridiculamente derrotado e advertido, quando se preparava para combater pela segunda vez, reduziu as forças para uma preparação verdadeira e eficaz²²². 5. Aboliu as multidões heterogêneas, as ameaças políglotas dos bárbaros e a construção de armas com ouro e pedras preciosas, pois eram espólio dos conquistadores e não constituíam uma proteção para os que as possuíam. Fez forjar espadas à maneira romana e construir escudos largos e pesados; reuniu cavalos treinados mais do que adornados, cento e vinte mil soldados de infantaria dispostos em falange romana, além de dezasseis mil cavaleiros, sem contar as quadrigas falcadas: essas eram cem. 6. Não mais preparou navios guarnecidos com cabines de telhado de ouro ou com banheiras para as concubinas e gineceus luxuosos, mas com grande quantidade de armas, dardos e víveres. Em seguida, invadiu a Bitúnia: não só estas cidades o receberam outra vez com agrado, como toda a Ásia, que passava pelo reavivar dos males antigos, pois sofria abusos intoleráveis às mãos dos usurários e publicanos. 7. A estes, que lhes roubavam a comida como harpias, expulsou-os Luculo mais tarde²²³: no entanto, naquela ocasião, tentou apenas torná-los mais moderados com admoestações e pôs fim às revoltas das cidades, nenhuma das quais era, por assim dizer, calma.

²²² Em contraste, a propaganda de Pompeio afirmou mais tarde que a reorganização das forças pânticas tinha ocorrido somente antes de o comando ter sido passado para a sua mão (*Pomp.* 31.10).

²²³ Cf. *infra*, cap. 20.

8. Enquanto Luculo se ocupava destes assuntos, Cota, considerando que era a sua oportunidade, preparava-se para lutar contra Mitridates. E como muitos anunciavam que Luculo já estava acampado na Frígia e vinha a caminho – convicto de que tinha o triunfo quase nas mãos –, apressou-se a atacar para que Luculo não participasse. 2. Contudo, foi derrotado ao mesmo tempo por terra e por mar, perdeu sessenta embarcações com as respectivas tripulações e quatro mil soldados de infantaria. Ele próprio, ao ficar bloqueado e sitiado na Calcedónia, depositou a sua esperança em Luculo. 3. Havia quem incitasse Luculo a ignorar Cota e a seguir em frente para conquistar o reino de Mitridates, que estava desprotegido. Este era sobretudo o argumento dos soldados irritados com o facto de, por causa de uma má decisão, Cota não só ter destruído a si e aos que estavam consigo, mas também ter sido um obstáculo a que eles fossem capazes de vencer sem combate. Luculo, porém, discursando diante deles na assembleia, disse que preferia salvar um único romano dos inimigos do que conquistar todas as suas riquezas. Como Arquelau, que tinha sido general de Mitridates na Beócia, mas mais tarde desertara e se juntara aos romanos, assegurasse que se Luculo fosse visto no Ponto, conquistaria tudo ao mesmo tempo, ele retorquiu que não seria mais covarde do que os caçadores, a ponto de, ao passar pelos animais, marchar contra os seus covis vazios. E, dito isto, avançou contra Mitridates com três mil soldados de infantaria e dois mil e quinhentos cavaleiros. No entanto, ao avistar o inimigo, admirado com a multidão, preferiu adiar a batalha e ganhar tempo. Contudo, como Mário, que Sertório tinha enviado para Mitridates desde a Ibéria no comando de um exército, avançasse contra ele e o provocasse, Luculo dispôs as tropas em ordem de combate. Estavam prestes a refregar quando, de repente, sem nenhuma alteração visível, o céu se fendeu e se viu um grande corpo fla-

mejante a cair entre os exércitos. A sua forma assemelhava-se muito à de um jarro largo de vinho, da cor da prata incandescente. Assim, o prodígio separou ambos os exércitos, que ficaram com medo. 6. Diz-se que este fenómeno ocorreu na Frígia, perto de um lugar chamado Ótris. Luculo, acreditando que, com o inimigo acampado à sua frente, nenhuma provisão humana ou riqueza poderia manter durante muito tempo tantos homens quantos os que Mitridates tinha, ordenou que fosse trazido um dos prisioneiros. Inquiriu, primeiro, com quantos companheiros de tenda vivia e, em seguida, quanta comida tinha deixado nela. 7. Mal o homem respondeu, mandou-o embora. Inquiriu de igual modo um segundo e um terceiro. Em seguida, confrontou a quantidade de comida disponível com a dos que tinham de se alimentar e percebeu que sobrava ao inimigo alimento para três ou quatro dias. Então confiou ainda mais no tempo e reuniu numerosas provisões no acampamento para apreciar a falta de recursos daqueles, enquanto ele próprio vivia com abundância.

9. Entretanto Mitridates conspirava contra os habitantes de Cízico, derrotados na batalha perto da Calcedónia, pois foram despojados de três mil homens e dez embarcações. Querendo não ser notado por Luculo, pôs-se em movimento imediatamente depois do jantar, com uma noite escura e chuvosa, e chegou à cidade, nas encostas do monte de Adrasteia, onde assentou o seu exército, mesmo ao amanhecer. 2. Luculo apercebeu-se e seguiu-o, no entanto, ficou satisfeito por não ter atacado o inimigo sem ter os seus próprios homens organizados. Instalou o exército junto de uma aldeia chamada Trácia, num lugar que era por natureza excelente para controlar as estradas e as localidades a partir das quais e através das quais era necessário que as provisões entrassem regularmente para o exército de Mitridates. 3. Por esse motivo, prevendo o que ia aconte-

cer, não o escondeu aos soldados e, mal assentaram arraiais e terminaram as tarefas, reuniu-os e anunciou-lhes com orgulho que em poucos dias lhes daria a vitória sem derramar sangue.

4. Mitridates, tendo cercado os habitantes de Cízico por terra com dez acampamentos e bloqueado por mar com navios o estreito que separa a cidade do continente, sitiou a cidade de um lado e do outro. Eles, porém, estavam corajosamente dispostos ao perigo e decididos a suportar qualquer dificuldade pelos romanos, mas, ignoravam onde Luculo estava e inquietavam-se por não saberem nada dele. 5. Apesar de o acampamento ser visível a olho nu, eram enganados pelos soldados de Mitridates. Com efeito, mostravam-lhes os romanos acampados no alto e diziam: “Vede aqueles: é um exército de arménios e medos, que Tigranes enviou para ajudar Mitridates.” 6. Eles estavam assustados com tamanha força espalhada à sua volta e não tinham esperança de que ainda houvesse hipótese de ajuda, mesmo que Luculo acudisse. Demónax, enviado por Arquelau, foi o primeiro a anunciar-lhes a presença de Luculo. Mas não acreditaram nele e julgaram que dizia invencionices em jeito de consolo. Chegou então um rapaz que tinha sido feito prisioneiro e escapado dos inimigos. 7. Quando lhe perguntaram onde achava que Luculo estava, riu-se pensando que estavam a brincar. Porém, como viu que estavam sérios, indicou com a mão o acampamento dos romanos e eles recobram a coragem. 8. Porque o lago Dascilitida era normalmente navegado por esquifes de tamanho considerável, Luculo pôs a seco o maior de todos, transportou-o para o mar num carro e embarcou tantos soldados quantos nele cabiam. Estes atravessaram durante a noite, sem serem notados, e entraram na cidade.

10. Parecia que também a divindade, admirando a sua coragem, incentivava os habitantes de Cízico com vários sinais evidentes. Como o festival de Perséfone estivesse a começar e eles

não tivessem um touro negro para o sacrifício, moldaram um de farinha e colocaram-no num altar. A vaca sagrada alimentada para a deusa estava no pasto, como os demais rebanhos dos habitantes de Cízico, do outro lado do estreito, contudo, naquele dia, separou-se deles, nadou sozinha até à cidade e apresentou-se ela própria ao sacrifício. 2. A deusa, aparecendo em sonhos ao escriba público, Aristágoras, disse: “Quanto a mim, estou aqui para guiar o flautista líbio contra o trompetista pôntico. Diz aos cidadãos para terem coragem.” 3. Ao amanhecer, enquanto os habitantes de Cízico ainda estavam atônitos com aquelas palavras, o mar ficou agitado por causa do vento que soprou impetuoso. Colocadas junto das muralhas, as máquinas de guerra do Rei, obras admiráveis do tessálico Nicónides, anteciparam, por meio de estrépitos e rangidos o que ia acontecer. Em seguida, o Noto irrompeu com uma força incrível e, em pouco tempo, desfez as diversas máquinas em pequenos bocados e, com um abanão, deitou abaixo a torre de madeira que era de cem cúbitos de altura. 4. Conta-se também que, em Ílion, Atena apareceu em sonhos a muitos habitantes, coberta de suor e exibindo uma parte do vestido esfarrapada, a dizer que tinha chegado naquele momento de socorrer os habitantes de Cízico. Os habitantes de Ílion mostravam uma estela que tinha decretos e inscrições acerca deste acontecimento.

11. E a Mitridates, enquanto não se apercebeu da fome no acampamento, enganado pelos próprios soldados, irritava-o que os habitantes de Cízico resistissem ao cerco. 2. Mas a sua ambição de glória e de vitória depressa se desvaneceu quando teve a percepção das dificuldades e da antropofagia que os soldados suportavam. Luculo não combatia de forma teatral nem com aparato, contudo, como se costuma dizer, “dava um murro no estômago” e maquinava todas as formas de lhes subtrair os meios de subsistência. 3. Por isso, como ele estivesse a sitiar

uma guarnição, Mitridates apressou-se a aproveitar a oportunidade e enviou para a Bitínia quase todos os cavaleiros com animais de carga e os soldados de infantaria incapacitados. Ao ser informado disso, Luculo regressou ainda de noite ao acampamento. De manhã cedo, não obstante o mau tempo, tomou dez coortes e a cavalaria e foi ao encalço deles, com neve e em circunstâncias tais que muitos dos soldados, desistindo por causa do frio, foram deixados para trás. No entanto, com os restantes, surpreendeu os inimigos perto do rio Ríndaco e infligiu-lhes tamanha derrota que as mulheres vindas de Apolónia saquearam as bagagens e espoliaram os mortos. 5. Como é natural, muitos sucumbiram; foram capturados seis mil cavalos, um número incalculável de animais de carga e quinze mil homens. Passou com todos eles junto do acampamento dos inimigos. 6. Admiro-me que Salústio afirme que naquela ocasião os camelos foram vistos pelos romanos pela primeira vez, como se acreditasse que nem os soldados que outrora venceram Antíoco com Cipião, nem os que combateram recentemente em Orcómeno e Queroneia com Arquelau tinham conhecido um camelo²²⁴.

7. Contudo, Mitridates decidiu fugir o mais depressa possível e, maquinando outra vez a resistência e uma manobra de diversão contra Luculo, enviou o almirante Aristonico até ao mar grego. Porém, quando este estava prestes a zarpar, Luculo capturou-o por traição, juntamente com mil moedas de ouro que aquele trazia para corromper uma parte do exército romano. 8. Depois disto, Mitridates fugiu por mar e os seus

²²⁴ Sobre as *Histórias* de Salústio como fonte de Plutarco, *vide* Introdução, p. 54. É interessante registar que, mais tarde, o discurso de Clódio se refere a camelos carregados das riquezas que Luculo foi acumulando no Oriente (*infra*, cap. 34.4).

generais levaram o exército por terra. Luculo, caindo sobre eles perto do rio Granico²²⁵, capturou muitos e matou vinte mil. Diz-se que, no total, não morreram muito menos de trezentos mil de entre a multidão de soldados e dos que os seguiam.

12. Primeiro entrou em Cízico e foi acolhido com a alegria e afabilidade devidas²²⁶. Em seguida, preparou uma frota ao chegar ao Helesponto. Quando desembarcou na Tróade, acampou no santuário de Afrodite. E à noite, depois de ter adormecido, pareceu-lhe ver a deusa de pé à sua frente a dizer:

Porque dormes, magnânimo leão? Os gamos estão realmente perto²²⁷.

2. Depois de se levantar e de chamar os amigos, contou-lhes a visão enquanto ainda era noite. Então chegaram de Ílion alguns mensageiros a anunciar que tinham visto junto ao porto dos Aqueus treze pentarremes do rei a navegar rumo a Lemnos. Fazendo-se de imediato ao mar, capturou-os, matou o seu comandante, Isidoro, e perseguiu os restantes capitães. 3. Como por acaso estavam ancorados, retiraram todos os barcos para terra, combateram a partir da ponte e atacaram os homens de Luculo. Devido ao lugar e com os navios no mar alto, estes não podiam cercá-los nem atacá-los, uma vez que os dos ini-

²²⁵ É o local da primeira grande batalha de Alexandre Magno contra os persas. Contudo, segundo App. *Mith.* 76.329 e Mémnon, *FGrH* 434 F 28.4, foi ao redor do Rio Eseo que Luculo derrotou os pônticos. Flor. 1.40.17 menciona ambos os rios. Sobre o desejo de emular Alexandre, *vide* Introdução, p. 58.

²²⁶ Os habitantes de Cízico instituíram jogos em honra de Luculo, que ainda eram celebrados no período imperial (App. *Mith.* 76.330).

²²⁷ Não é improvável que este hexâmetro seja tirado do poema de Árquias (*FGrH* 186) sobre as campanhas de Luculo. Sobre esta obra *vide* Introdução, p. 55.

migos estavam firmemente apoiados em terra e presos com segurança. 4. Apesar da dificuldade, a ilha tinha um ponto de ancoragem onde, Luculo desembarcou os melhores soldados, que, atacando os inimigos pelas costas, mataram alguns deles e forçaram os outros a cortar os cabos dos barcos e a fugir de terra firme, enquanto os navios chocavam uns contra os outros e se expunham aos ataques da frota de Luculo. 5. Morreram, sem dúvida, muitos; entre os prisioneiros, foi também trazido Mário, o general enviado por Sertório. Ele era zarolho e, aos soldados que zarpavam, fora explicitamente recomendado por Luculo que não matassem ninguém zarolho, para que morresse debaixo de ofensas e insultos.

13. Depois destes acontecimentos, apressou-se na perseguição do próprio Mitridates. Tinha, efetivamente, esperança de encontrá-lo ainda perto da Bitínia sob a vigilância de Vocónio, que ele havia enviado com barcos para Nicomedia de modo a impedir-lhe a fuga. 2. Mas Vocónio, que estava a ser iniciado nos mistérios na Samotrácia, atrasou-se a celebrá-los, enquanto Mitridates se fez ao mar com a armada, apressando-se para regressar ao Ponto antes que Luculo aportasse. Surpreendeu-o, contudo, uma violenta tempestade, que dispersou uns barcos e afundou outros. Toda a costa ficou, durante muitos dias, cheia de destroços dos naufrágios trazidos pela ondulação. 3. Quanto a Mitridates, o navio de carga no qual viajava não era fácil de manobrar para junto de terra por causa das suas dimensões, nem obedecia aos pilotos no meio da grande agitação marítima e das ondas violentas, pois já estava pesado e inundado com água do mar. Ele passou, então, para um corsário e confiou a sua pessoa aos piratas. Sem esperança e com grande risco, chegou a salvo a Heracleia Pôntica.

4. A empáfia de Luculo diante do Senado ficou sem punição divina. Com efeito, quando a assembleia estava a votar

equipar uma frota para a guerra no valor de três mil talentos, ele opôs-se por meio de uma carta²²⁸, na qual alardeava que expulsaria Mitridates do mar com os navios dos aliados, sem custos e sem tamanha preparação. 5. E isto aconteceu-lhe com o auxílio dos deuses: diz-se que, por causa da cólera de Ártemis de Priapo a tempestade caiu sobre os pânticos que tinham saqueado o seu templo e derrubado a estátua de madeira.

14. Embora muitos sugerissem a Luculo que adiasse a guerra, ele não fez caso e invadiu o reino de Mitridates pela Bitínia e pela Galácia. No princípio, estava falto do necessário, de modo que trinta mil gálatas o seguiram, cada um com um medimno de trigo aos ombros. À medida que ia avançando e conquistando tudo, obteve tal abundância que, no seu acampamento, um boi custava uma dracma, um escravo, quatro e o restante saque, sem valor, uns abandonavam-no, outros destruíam-no. De facto, como todos tivessem abundância, não havia venda de nada a ninguém. 2. Porém, como, ao fazerem incursões a cavalo até Temiscira e às planícies do Termodonte, apenas destruíam e devastavam o campo, os soldados acusaram Luculo de conquistar todas as cidades, mas de não tomar nenhuma pela força nem dar azo a que tirassem proveito do saque²²⁹. 3. “E também agora”, diziam, “não era muito difícil, se alguém a sitiasse com afinco, tomar Amiso, cidade próspera e rica que vamos abandonar, pois ele leva-nos rumo ao deserto dos tibarenos e dos caldeus para combater Mitridates”. 4. Luculo, no entanto, sem imaginar que os soldados incorre-

²²⁸ Cartas de Luculo ao Senado também são mencionadas *infra*, nos cap. 26.7 e 35.6, assim como em App. *Mith.* 77.339. Quanto à independência do general no financiamento da guerra, cf. também *infra*, cap. 29.10; 37.6.

²²⁹ A antítese entre o filelénismo do general e as reivindicações dos soldados reaparece *infra*, nos cap. 19.4-5 e 33.3-4.

riam na loucura que demonstraram mais tarde, não fez caso das queixas nem ficou preocupado, e, em vez disso, defendeu-se daqueles que o acusavam de lentidão, por passar muito tempo em aldeias e cidades de pouca importância, permitindo que Mitridates se fortalecesse. 5. Afirmou “É precisamente isso” – declarou ele – “que eu quero e estou tranquilamente a urdir para que o homem se torne de novo poderoso e reúna um exército capaz de combater, de modo que espere e não fuja quando nos aproximarmos²³⁰. 6. Ou não vedes que atrás dele existe um deserto enorme e sem limites? O Cáucaso, as suas montanhas e as suas muitas ravinas estão perto e são suficientes para esconder e proteger uma infinidade de reis que queiram fugir ao combate. O caminho de Cabira para a Arménia é de poucos dias. E na Arménia reina Tigranes, o rei dos reis, que tem um exército com o qual repele os partos da Ásia, transfere as cidades gregas para a Média, domina a Síria e a Palestina, mata os reis selêucidas e leva cativas as suas filhas e mulheres. 7. Este é parente e genro de Mitridates. Não se limitará a acolhê-lo como suplicante, mas entrará em guerra connosco. Se nos apressarmos a expulsar Mitridates, arriscaremos atrair Tigranes, que há muito procura uma desculpa contra nós. E não encontraria uma mais apropriada do que ser forçado a ajudar um homem, seu parente e rei. 8. Porque precisamos de fazer isto e ensinar Mitridates, que o não sabe, com que aliados deve lutar contra nós? E de o empurrar, contra a sua vontade (pois considera isso indigno), para os braços de Tigranes e não lhe damos tempo para se preparar com os seus próprios recursos e recuperar o ânimo? É melhor lutar contra colcos, tibare-

²³⁰ É provável que este discurso tenha sido elaborado posteriormente para desculpar o fracasso de Luculo em evitar a fuga de Mitridates (cf. *infra*, cap. 17.6-7) e para justificar o ataque romano a Tigranes (24.1).

nos, capadócius, que dominámos várias vezes, do que contra medos e arménios.

15. No seguimento de tais considerações, Luculo passou algum tempo nos arredores de Amiso, sitiando-a sem entusiasmo. Após o inverno, deixou Murena encarregado do cerco e marchou contra Mitridates, que estava instalado em Cabira, com a intenção de emboscar os romanos. Tinha sido reunido por ele um exército de quarenta mil soldados de infantaria e quatro mil de cavalaria, nos quais confiava plenamente. 2. E, depois de atravessar o rio Lico em direção à planície, desafiou os romanos. Ocorreu um combate de cavalaria e os romanos fugiram. Pompónio, um homem de algum renome, foi capturado ferido e levado à presença de Mitridates, em mau estado por causa dos ferimentos. Como o rei lhe perguntasse se se tornaria seu amigo para ser salvo por ele, disse: “Com certeza, se chegares a um acordo com os romanos; se não, continuarei teu inimigo.” Mitridates admirou-o e não lhe fez mal.

3. Ao mesmo tempo que temia as planícies por causa da superioridade da cavalaria inimiga, Luculo hesitava em adentrar a região montanhosa, que era vasta, arborizada e de difícil acesso. Foram, por acaso, capturados alguns gregos que se tinham refugiado numa gruta. O mais velho deles, Artemidoro, prometeu guiar e levar Luculo a um lugar seguro para o acampamento e com uma fortaleza sobranceira a Cabira. 4. Confiante, Luculo acendeu as fogueiras e partiu mal anoiteceu. Depois de atravessar os desfiladeiros em segurança, ocupou a posição. De madrugada, apareceu sobre os inimigos, a instalar o exército, em lugares que garantiam um bom acesso a quem quisesse lutar e proporcionavam segurança a quem quisesse ficar tranquilo. 5. Nenhum deles tinha intenção de correr riscos naquelas circunstâncias. Diz-se que, enquanto os soldados do rei perseguiram um cervo, os romanos os impedi-

ram e afrontaram. Por isso, quando se encontraram, travaram um combate, ao qual se foram juntando sempre mais homens a cada um dos lados. 6. No fim, os do rei venceram. Os romanos, ao verem a fuga do acampamento, ficaram furiosos e correram em massa na direção de Luculo, pedindo-lhe que os liderasse e implorando o sinal de combate. Mas ele, querendo ensinar-lhes quão importante é a presença e a visão de um comandante cauteloso num campo de batalha e em situação de perigo, mandou-os manter a calma. Desceu ele próprio à planície e, ao encontrar os primeiros fugitivos, ordenou-lhes que ficassem e voltassem com ele para trás. 7. Como estes obedeceram e os restantes deram meia-volta, cerraram fileiras, puseram os inimigos em fuga com pouco esforço e perseguiram-nos até ao acampamento. Quando regressou, Luculo aplicou aos que tinham fugido punição habitual²³¹, ordenando-lhes que cavassem um fosso de doze pés, com túnicas sem cinto, na presença dos outros soldados que os observavam.

16. Havia no acampamento de Mitridates um príncipe dos dândaros (os dândaros são um povo bárbaro que habita perto de Meótis), Oltaco, um homem notável por todas as muitas proezas da sua força e da sua coragem em combate, hábil nas decisões mais importantes, e ainda elegante no trato e atencioso. 2. Mas ele, que estava sempre com inveja e em conflito pela preeminência com algum dos príncipes da mesma linhagem, prometeu a Mitridates um grande feito: matar Luculo. Depois que o rei aprovou tal intento e lhe infligiu deliberadamente marcas de desonra para simular ressentimento, Oltaco galopou em direção a Luculo. 3. Este acolheu-o satisfeito, pois

²³¹ É o único caso específico referido nas fontes que confirma a reputação de Luculo como disciplinador severo (cf., em termos gerais, Dio Cass. 36.16.2).

tinha muita fama no acampamento. E, depois de o pôr brevemente à prova, ficou de tal modo rendido à sua sagacidade e pertinácia que o fez tomar parte da sua mesa e, por fim, do conselho. 4. Quando lhe pareceu que tinha a oportunidade, o dândaro ordenou aos escravos que levassem o seu cavalo para fora do acampamento. E ele próprio, ao meio-dia, quando os soldados dormiam a sesta e a descansavam, foi à tenda do general, como se ninguém fosse impedir de entrar um homem próximo e que afirmava trazer-lhe algumas notícias importantes. 5. E teria entrado facilmente, se o sono, que destruiu muitos generais, não tivesse salvado Luculo. Calhou que ele estivesse a dormir e Menedemo, um dos seus assistentes pessoais, que estava de pé junto à porta, disse que Oltaco não tinha vindo num momento oportuno, pois Luculo tinha acabado de ir descansar, depois de uma longa vigília e de tamanhas dificuldades. 6. Como, embora isso lhe tivesse sido ordenado, ele não se afastava e dizia que iria entrar apesar da interdição, porque desejava falar sobre um assunto urgente e importante, então Menedemo, encolerizado, afirmou que nada era mais importante do que a saúde de Luculo e empurrou o homem com ambas as mãos. 7. Assutado, Oltaco abandonou o acampamento e, levando o cavalo, foi para o acampamento de Mitridates sem ter cumprido a missão. Assim, tanto nos negócios como nos fármacos, a oportunidade determina a inclinação da balança para a salvação ou para a ruína.

17. Depois disto, Sornácio foi enviado com dez coortes para reabastecimento de trigo. Seguido de perto por Menandro, um dos generais de Mitridates, enfrentou-o; com a refrega provocou uma grande carnificina e a retirada dos inimigos. 2. Quando, por seu turno, Adriano foi enviado com um destacamento para que os soldados tivessem trigo em abundância, Mitridates não o permitiu e enviou Menémaco e Míron

à cabeça de muitos cavaleiros e muitos soldados de infantaria. 3. Todos estes, segundo se diz, foram feitos em pedaços pelos romanos, à exceção de dois. Mitridates ocultou o desastre, como se não tivesse sido assim tão grave mas antes sem importância, e causado pela inexperiência dos estrategos. No entanto, Adriano passou pomposamente diante do acampamento, levando muitos carros cheios de trigo e despojos, de modo que o desânimo caiu sobre o rei e uma confusão e um medo incontrolável sobre os soldados. 4. Decidiram, então, não permanecer mais ali. Uma vez que os cortesãos estavam tranquilamente a despachar os seus próprios pertences à frente e impediam os outros de o fazer, os soldados, enfurecidos, empurraram-nos forçando a saída, roubaram-lhes os bens e mataram-nos. Nessa ocasião também o general Dorilau, que não tinha nenhuma outra coisa senão a túnica púrpura sobre si mesmo, foi morto por causa dela e o sacerdote Hermeu foi espezinhado junto das portas. 5. O próprio Mitridates fugiu do acampamento misturado com a multidão, sem a companhia de um escravo ou de um palafreireiro e sem acesso a um cavalo real. Depois de algum tempo, o eunuco Ptolomeu, que observava a cavalo, ao distingui-lo no fluxo dos que fugiam, desmontou e deu-lho. 6. Os romanos já iam no seu enalço para o apanharem. E não falharam por falta de velocidade – até chegaram bem perto dele – mas a codícia e a mesquinhez dos soldados afastaram-nos do saque que perseguiram longamente com muitos combates e grandes perigos e privaram Luculo do prémio de vencedor²³². 7. Com efeito, o cavalo que levava Mitridates estava ao alcance da perseguição, quando uma mula das que carregavam o ouro real caiu – ou acidentalmente ou

²³² Cf. *infra*, cap. 35.9 (e as referências aí citadas), onde se diz que Pompeio colheu os prémios da campanha do seu predecessor.

atirada de propósito pelo rei contra os que o perseguiram. Para pilharem e recolherem o ouro, os soldados lutaram uns com os outros e ficaram para trás²³³. 8. E Luculo não sofreu apenas esta consequência da ganância dos seus soldados. Também tinha ordenado que trouxessem Calístrato, que era o secretário particular do rei. Contudo, os que o traziam, percebendo que tinha escondido no cinto quinhentas moedas de ouro, mataram-no. Não obstante, Luculo permitiu-lhes saquear o acampamento.

18. Quando conquistou Cabira e a maioria das restantes fortalezas, encontrou grandes tesouros e prisões, onde estavam detidos vários gregos e vários parentes do rei, há muito dados como mortos, aos quais a bondade de Luculo deu não a salvação, mas a ressurreição e uma espécie de segunda existência. 2. Também foi capturada uma irmã de Mitridates, Nisa. Tal captura foi a sua salvação: as irmãs e as mulheres do rei, que pareciam estar completamente afastadas do perigo e em sossego, em Farnácia, foram deploravelmente mortas, pois, durante a fuga, Mitridates enviou o eunuco Báquides contra elas. Havia, dentre muitas, duas irmãs do rei, Roxane e Estátira, com cerca de quarenta anos e solteiras, e duas esposas de origem jónica, Berenice de Quios e Mónime de Mileto. 3. Esta gozava de grande reputação entre os gregos, porque, quando o rei a tentou seduzir, enviando-lhe quinze mil moedas de ouro, ela resistiu até que um contrato nupcial foi estabelecido, ele lhe enviou um diadema e a proclamou rainha. 4. Contudo, ela foi infeliz durante o resto do tempo e lamentou a beleza do seu corpo, pois valeu-lhe um amo em vez de um marido, uma escolta de bárbaros em vez de um casamento e de um lar. Radicada tão longe da Grécia, a felicidade esperada existia apenas

²³³ Cf. também Cic. *Man.* 22 (sem menção do mulo); App. *Mith.* 82.367. Mémnon, *FGrH* 434 F 30.1 atribui a culpa a soldados gálatas.

em sonhos, já que fora defraudada da real. 5. Quando Báquides chegou e lhes ordenou que se matassem como parecesse mais fácil e menos doloroso a cada uma, tirou o diadema da cabeça, colocou-o à volta do pescoço e enforcou-se. 6. Mas, dado que aquele se rompeu de imediato, ela exclamou: “Maldito andrajo, nem para isto me serás útil?” E, cuspido nele, arremessou-o; em seguida, ofereceu o pescoço a Báquides. Berenice, por seu turno, ao tomar um cálice de veneno, partilhou-o com mãe que estava perto dela e lho pedia. 7. Beberam ambas. A força do veneno foi suficiente para o corpo mais frágil, porém não libertou Berenice, que não bebeu tanto quanto era preciso. Porque tardava em morrer e Báquides tinha pressa, foi estrangulada. 8. Diz-se também que uma das irmãs solteiras bebeu o veneno por entre muitas imprecações e insultos; Estatira, por sua vez, nada proferiu de insultuoso ou ignóbil; pelo contrário, aplaudiu o irmão na medida em que, apesar de correr risco de vida, não lhes foi indiferente e providenciou que morressem livres sem serem ultrajadas. 9. Isto afligiu Luculo, que era de natureza boa e gentil²³⁴.

19. Após persegui-lo até Talaura, de onde, quatro dias antes, Mitridates já tinha fugido rumo à Arménia para junto de Tigranes, voltou para trás. Depois de submeter caldeus e tibarenos e de conquistar a Arménia Menor, tomando as suas fortalezas e cidades, enviou Ápio a Tigranes para demandar Mitridates, enquanto ele próprio se dirigiu para Amiso, que ainda estava sitiada. 2. O responsável por isso foi o general Calímaco, que, devido à perícia no uso de engenhos mecânicos e à capacidade de antecipação que o cerco de uma cidade

²³⁴ A preocupação de Luculo com as parentes de Mitridates faz lembrar o respeito demonstrado por Alexandre Magno pela família real persa.

envolve, incomodou muitíssimo os romanos: mais tarde, recebeu o respetivo castigo²³⁵. 3. No entanto, naquela ocasião, foi enganado por Luculo, que atacou inesperadamente na hora em que aquele tinha o hábito de retirar e fazer descansar os soldados, e conquistou uma pequena parte da muralha. Ao abandonar a cidade, Calímaco incendiou-a, ou para não consentir que os romanos a pilhassem, ou para facilitar a própria fuga. 4. De facto, ninguém se preocupou com os que zarpavam. Contudo, quando as chamas, que se propagavam com violência, envolveram as muralhas, os soldados aprestaram-se para o saque. Com pena da cidade que estava a ser destruída, Luculo socorreu-a, do exterior, contra o fogo e exortou-os a extinguí-lo: nenhum lhe obedeceu. Eles exigiam riquezas enquanto batiam as armas aos gritos, até que Luculo foi forçado a ceder para, pelo menos, salvar a cidade do fogo. 5. Mas eles fizeram o contrário, pois, ao vasculharem tudo com tochas, espalharam o fogo por todo o lado e destruíram a maioria das casas, de modo que, no dia seguinte, ao entrar na cidade, Luculo, em lágrimas, declarou aos amigos que já muitas vezes havia considerado Sula afortunado e, principalmente naquele dia, admirava a ventura daquele homem, porque, quando quis salvar Atenas, foi capaz de o fazer. Disse então: “A mim, que queria emulá-lo, a divindade outorgou-me a fama de Múmio²³⁶. 6. De qualquer modo, tentou reconstruir a cidade, de acordo com as circunstâncias. O fogo, extinguiu-o a chuva que caiu por vontade divina durante a conquista da cidade. Enquanto lá estive, ele mesmo

²³⁵ Cf. *infra*, cap. 32.5-6.

²³⁶ Na realidade, grande parte da cidade foi devastada pelas tropas de Sula. Múmio é famoso pela destruição de Corinto em 146. É interessante que App. *Mith.* 83.374, em vez de mencionar Sula e Múmio, relacione os benefícios conferidos por Luculo com o exemplo de Alexandre Magno.

reconstruiu a maior parte das casas destruídas, acolheu os Amisenos que tinham fugido e estabeleceu os outros gregos que o quiseram, adicionando às fronteiras prévias um território de cento e vinte estádios. 7. A cidade era colónia de Atenas, fundada naqueles tempos em que o seu poder estava no apogeu e dominava o mar. E, por isso, muitos dos que queriam fugir do tirano Arístion²³⁷ fizeram-se ao mar, estabeleceram-se ali e obtiveram a cidadania. 8. Aconteceu-lhes que, para fugirem dos problemas domésticos, sofreram dos estrangeiros. Depois de vestir condignamente os que dentre eles se tinham salvado e de dar a cada um duzentas dracmas, Luculo mandou-os retornar a casa²³⁸. Nessa altura, também o gramático Tirânion foi feito prisioneiro. Murena reivindicou-o e, mal o recebeu, libertou-o, fazendo um uso ignóbil do seu prémio. 9. De facto, Luculo não considerava justo que um homem reverenciado pela sua erudição se tornasse primeiro um escravo e em seguida fosse libertado, pois a concessão de liberdade era uma privação da que lhe era própria. Todavia esta não foi a única ocasião em que Murena foi visto como muito inferior ao seu general em nobreza de alma.

20. Livre das questões militares, Luculo virou-se para as cidades da Ásia com o intuito de partilhar alguma justiça e leis, das quais, desde há muito tempo, a província estava privada. Infortúnios indizíveis e incríveis tomavam conta da região, espoliada e escravizada pelos cobradores de impostos e usurários, que obrigavam os particulares a vender os filhos bem-apeçoados e as filhas virgens e o Estado, as ofertas voti-

²³⁷ Durante a Primeira Guerra Mitridática.

²³⁸ É possível que as seguintes inscrições de Atenas estejam relacionadas com este benefício: IG II-III² 3.4104; 4105; 4233 (esta última é dedicada à filha do general).

vas, inscrições e estátuas sagradas. 2. E, no limite, era possível escravizá-los enquanto garantia do credor. Mas o que acontecia antes disso era ainda mais cruel: tortura com cordas, prisão, cavaletes, exposição ao ar livre – de verão, ao sol; de inverno, submersos em lama ou em gelo –, de tal modo que a escravidão parecia ser um alívio e paz. 3. Tal foi o opróbrio que Luculo encontrou nas cidades e do qual, em pouco tempo, libertou os oprimidos. Primeiro, ordenou que fosse calculada uma taxa de um por cento de juros e não mais. Em segundo lugar, aboliu os juros superiores ao montante inicial. Em terceiro lugar – e o mais importante –, estabeleceu que o credor receberia um quarto dos rendimentos do devedor; quem acrescentasse juros ao capital seria privado de tudo. Deste modo, em menos de quatro anos, todas as dívidas foram saldadas e as propriedades foram devolvidas livres de encargos aos donos. 4. Esta dívida pública teve origem nos vinte mil talentos a que Sula condenou a Ásia. E foi paga em dobro aos usurários, que, com os juros, a fizeram ascender a cento e vinte mil talentos. 5. Então, considerando-se prejudicados, estes investiram contra Luculo em Roma e subornaram contra ele alguns demagogos, pois eram muito poderosos e tinham muitos políticos em dívida para consigo²³⁹. 6. Luculo, contudo, era estimado não só pelos povos a quem tinha feito bem, mas também era desejado pelas outras províncias, que consideravam afortunados os que tinham um tal governador²⁴⁰.

²³⁹ Sobre as consequências da oposição dos publicanos, *vide* Introdução, n. 86.

²⁴⁰ Esta gratidão reflete-se em duas inscrições que remontam ao proconsulado de Luculo: BE 1970, no. 441 (de Andros) e Ferrary 2000, 339-340 = SEG 49, 1999, 1508 (de Claro).

21. Ápio Cláudio, que tinha sido enviado a Tigranes (Cláudio era irmão da então mulher de Luculo), foi primeiro levado pelos guias reais, pelo interior do território, por um caminho sinuoso de muitos dias e que tinha uma extensão desnecessária. Quando um liberto de origem síria lhe revelou um caminho direto, deixou aquele, longo e enganador, e mandou passear os guias bárbaros. Em poucos dias, atravessou o Eufrates e chegou a Antioquia, perto de Dafne. 2. Como recebeu ordens para esperar por Tigranes (ausente, pois ainda estava a subjugar algumas cidades na Fenícia), travou amizade com muitos dos príncipes que obedeciam sem lealdade ao arménio. Entre eles estava Zarbieno, rei de Corduena, que prometeu a ajuda de Luculo a muitas das cidades dominadas que lhe enviaram embaixadas em segredo, conquanto lhes pedisse para se manterem, por ora, calmas²⁴¹.

3. O domínio dos arménios era, de facto, insuportável e penoso para os gregos, principalmente o orgulho do rei, que se havia tornado empolado e excessivo ante os seus grandes sucessos. Tudo quanto a maioria inveja e admira não só existia ao redor dele como parecia existir por causa dele. 4. Com efeito, apesar de ter começado com poucas ou nenhuma expectativas, subjugou muitos povos, humilhou – como nenhum outro – o poder dos partos e encheu a Mesopotâmia de gregos, estabelecendo ali muitos desterrados da Cilícia e da Capadócia. 5. Também obrigou os árabes nómadas a mudar de hábitos, transferindo-os e instalando-os na vizinhança, para estabelecer

²⁴¹ Apesar da evidente difamação de Tigranes, este capítulo deixa poucas dúvidas de que o agressor no conflito entre Roma e a Arménia foi Luculo. Cf. também Sall. *hist. frg.* 4.56 Maurenbrecher = 4.57 McGushin. Sobre o contraste entre o filelismo do procônsul e o despotismo dos reis orientais na narração de Plutarco, *vide* Introdução, p. 42.

relações comerciais por intermédio deles. Eram muitos os reis que estavam ao seu serviço, mas a quatro, tinha-os sempre por perto como criados ou escolta: enquanto cavalgava, corriam ao seu lado a pé, envergando apenas uma túnica; enquanto estava sentado a dar audiências, ficavam de pé à sua volta, com as mãos entrelaçadas uma na outra. De entre as várias posturas, esta era a que mais parecia ser um reconhecimento de serviço, como se tivessem vendido a liberdade e tivessem oferecido o corpo, mais disposto a sofrer do que a agir, ao seu senhor.

6. Porém, Ápio não se intimidava nem impressionava com esta encenação. Mal obteve uma audiência, disse sem rodeios que tinha vindo para levar Mitridates, destinado ao triunfo de Luculo, ou para declarar guerra a Tigranes. Falou de tal maneira que Tigranes, embora tentasse ouvir as palavras de cara alegre e com um sorriso forçado, não conseguiu ocultar aos presentes que tinha ficado perturbado com a franqueza do jovem, porque não escutava uma voz livre há cerca de vinte e cinco anos: é que reinava – ou melhor exercia violência – desde então. 7. Respondeu a Ápio que não entregaria Mitridates e que se defenderia se os romanos comesçassem uma guerra. Irritado com Luculo que apenas se lhe tinha dirigido na carta como rei e não rei dos reis, não o tratou por *imperator* quando lhe escreveu a resposta. 8. Enviou, contudo, presentes esplêndidos a Ápio e, como este não os aceitou, ofereceu-lhe ainda mais. Ápio, não querendo dar a ideia de que recusava por hostilidade, aceitou apenas uma taça, devolveu o resto e partiu rapidamente para junto do seu comandante.

22. Antes disso Tigranes não se tinha dignado ver Mitridates nem falar com ele, apesar de este ser seu parente e ter sido expulso de um reino tamanho. Não obstante, manteve-o vigiado, sem honras e com desdém, num lugar remoto, numa região pantanosa e insalubre. Mas, naquela altura, mandou

chamá-lo ao palácio com honras e deferência. 2. E, durante as conversações secretas que mantiveram, sanaram as desconfianças mútuas, às custas dos amigos aos quais atiraram as culpas. Entre eles estava Metrodoro de Cépsis, um homem de discurso agradável e culto, que, de tão amigo de Tigranes, era chamado de pai do rei. 3. Ao que parece, quando foi enviado como embaixador por Mitridates para pedir ajuda contra os romanos, Tigranes perguntou-lhe: “E tu, Metrodoro, o que me aconselhas a este propósito?” E ele, ou para beneficiar Tigranes ou não por não querer que Mitridates fosse salvo, disse que, como embaixador, o instava a isso, no entanto, como conselheiro, se opunha. 4. Tigranes revelou o episódio com detalhes a Mitridates, sem contar que ele fosse fazer algo de irremediável contra Metrodoro. Contudo, ele foi prontamente executado. E os remorsos tomaram conta de Tigranes, embora não fosse completamente culpado do infortúnio de Metrodoro mas apenas uma influência decisiva a somar ao ódio de Mitridates contra aquele. 5. Na verdade, ele nutria, há algum tempo, um ódio secreto pelo homem e isso foi revelado pelas cartas confidenciais que caíram nas mãos dos romanos²⁴², nas quais também Metrodoro era condenado à morte. Por isso, Tigranes honrou os seus restos mortais com magníficas cerimónias fúnebres, sem olhar a gastos com o morto que traíra em vida. 6. O retor Anfícrates (se convém lembrá-lo em honra de Atenas) também morreu na corte de Tigranes. 7. Conta-se que esteve exilado em Seleuceia do Tigre e que, quando lhe foi pedido que ensinasse sofística ali, recusou, alegando com altivez que nenhum recipiente tem espaço bastante para conter um golfinho. Mudou-se, então, para a corte de Cleópatra, filha de

²⁴² Os documentos secretos de Mitridates foram capturados pelos romanos no decorrer da campanha de Pompeio (Plu. *Pomp.* 37).

Mitridates, casada com Tigranes, mas, como foi rapidamente vítima de calúnias e impedido do contacto com os gregos, suicidou-se por inanição. Também ele foi honrado com cerimónias fúnebres por Cleópatra e jaz nas proximidades de Safa, uma aldeia local assim chamada.

23. Luculo, depois de ter dotado a Ásia de uma excelente legislação e de muita paz, não descurou as iniciativas que promovem o prazer e a alegria. Enquanto permaneceu em Éfeso, ganhou o favor das cidades com procissões, celebrações de triunfos e combates de atletas e gladiadores. 2. Em troca, estas celebraram as *Luculeias* em sua honra e ofereceram-lhe a verdadeira afeição, que é mais aprazível do que as honras. Quando Ápio chegou e ficou claro que era necessário fazer guerra contra Tigranes, Luculo partiu de novo para o Ponto. Com os seus soldados, sitiou Sinope – ou antes, os Cilícios que a ocupavam ao serviço do rei e que fugiram durante a noite, depois de matarem muitos dos habitantes de Sinope e de incendiarem a cidade. 3. Ao se aperceber disso, também Luculo entrou nela e matou oito mil dos que tinham ficado para trás. Aos cidadãos, devolveu-lhes os bens e dedicou-se à cidade, sobretudo por causa desta visão. Ao que parece, surgiu-lhe em sonhos alguém que se aproximou e disse: “Avança um pouco, Luculo, pois Autólico chegou e quer encontrar-se contigo”. 4. Quando acordou, não foi capaz de compreender o que a visão significava. Tomou, porém, a cidade naquele dia e, enquanto perseguia os Cilícios que fugiam por mar, viu junto à praia uma estátua abandonada, que os Cilícios carregaram mas não tiveram tempo de embarcar. Era uma das obras-primas de Esténidas. Alguém lhe contou, então, que era a estátua de Autólico, o fundador de Sinope. 5. Conta-se que Autólico era um dos que participaram com Hércules numa expedição que partiu da Tessália contra as Amazonas e que era filho de Deímaco. Quando

regressou de lá com Demoleonte e Flógio, perdeu o seu barco, que naufragou ao largo de um lugar chamado Pedálio do Quersoneso. No entanto, ele alcançou Sinope em segurança com as armas e os companheiros e tirou a cidade aos sírios, pois os sírios que a ocupavam descendiam de Siro, filho de Apolo, segundo se diz, e de Sinope, filha de Asopo. 6. Ao ouvir isto, Luculo recordou o conselho de Sula: nas suas *Memórias*, ele aconselhava a não se considerar nada tão credível e fidedigno quanto o que é anunciado por meio dos sonhos.

7. Entretanto, foi informado de que Mitridates e Tigranes estavam prestes a atravessar o exército rumo à Licaónia e à Cilícia, para serem os primeiros a invadir a Ásia. Causava-lhe estranheza que o Arménio, apesar da intenção de atacar os romanos, não tivesse utilizado Mitridates para a guerra quando estava no auge do poder, nem se tivesse aliado às suas tropas quando ainda estavam fortes; e que tivesse permitido a sua derrota e ruína para só então começar uma guerra com poucas esperanças, unindo-se aos que não tinham energia para se manter de pé²⁴³.

24. Depois que também Mácares, filho de Mitridates, governador do Bósforo, lhe enviou uma coroa no valor de mil moedas de ouro, pedindo para ser considerado amigo e aliado dos romanos, presumiu que era o fim da primeira guerra. Então deixou lá ficar Sornácio como guardião do Ponto, com seis mil soldados, e partiu ele próprio para a segunda guerra, levando consigo doze mil soldados de infantaria e menos de três mil cavaleiros. Parecia que se lançava num ataque imprudente, sem

²⁴³ Parece que a propaganda de Luculo tentou justificar o ataque a Tigranes como guerra preventiva. Cf. também Cic. *Sest.* 58; Mémon, *FGrH* 434 F 38.1, assim como o discurso *supra*, cap. 14.6-8. Na realidade, o rei arménio ainda estava ocupado a conduzir operações na Fenícia (*Ios. ant. Iud.* 13.419-421; *bell. Iud.* 1.116; cf. também *supra*, cap. 21.2).

perspetiva de salvação, contra povos belicosos e muitas dezenas de milhar de cavaleiros e um território imenso, rodeado de rios profundos e montanhas sempre cobertas de neve. Por isso, os soldados, que, não eram nada disciplinados, seguiram-no relutantes e sob protesto. Em Roma, os tribunos da plebe insurgiam-se e alegavam que Luculo fazia andar de guerra em guerra, não por necessidade da República, mas para se manter no comando e nunca depor as armas, nem deixar de enriquecer à conta dos riscos coletivos²⁴⁴. 2. Com o tempo, estes homens alcançaram o seu objetivo. No entanto, Luculo avançou rapidamente rumo ao Eufrates e encontrou-o a regressar ao seu curso, inchado e túbido por causa do inverno. Ficou agastado com o desperdício de tempo e esforço que seria reunir barcos e construir pontes. 3. Porém, ao cair da tarde, o caudal começou a regredir, diminuiu durante a noite e, ao amanhecer, o rio apresentou-se confinado. Os nativos, ao observarem pequenas ilhas, rodeadas de água estagnada, que apareceram no curso do rio, prostraram-se diante de Luculo, já que isto tinha ocorrido poucas vezes antes e que o rio se tinha, voluntariamente, tornado calmo e submisso a ele, oferecendo uma travessia tranquila e rápida²⁴⁵.

4. Por conseguinte, Luculo aproveitou a ocasião para fazer atravessar o exército. E, durante a travessia, ocorreu um sinal que lhe era favorável. Andavam a pastar umas vacas sagradas de Ártemis Persa, que os bárbaros das imediações do Eufrates veneram particularmente: eles usam essas vacas apenas para os

²⁴⁴ É provável que Luculo não tivesse mandato específico para a invasão da Arménia. *Vide* Introdução, n. 105.

²⁴⁵ Uma notícia parecida encontra-se em Xen. *an.* 1.4.18 a propósito da travessia do Eufrates pelo jovem Ciro. Como emerge de Sall. *hist. frg.* 4.59 Maurenbrecher = 4.60 McGushin, Luculo tinha preparado um avanço rápido com a ajuda dos capadóciós.

sacrifícios, caso contrário, elas vagueiam livres pela região, marcadas com a tocha da deusa. Mas, sempre que é preciso, não é fácil nem de somenos apanhar uma delas. 5. Enquanto o exército atravessava o Eufrates, uma dessas vacas aproximou-se de uma rocha consagrada à deusa, colocou-se sobre ela e, baixando a cabeça como aquelas que estão presas com um laço, ofereceu-se a Luculo para ser imolada. 6. Ele também imolou um touro ao Eufrates como agradecimento pela travessia. Naquele dia, pernoitou mesmo ali; no seguinte e nos que lhe sucederam, avançou por Sofene, sem fazer mal às pessoas que se aproximavam dele e recebiam o seu exército com alegria. Porém, quando os soldados quiseram tomar uma cidadela que parecia ter muita riqueza, apontou Tauro ao longe, disse: “Aquela é a cidadela que precisamos destruir. Esta está reservada aos vencedores”. E, acelerando o ritmo, atravessou o Tigre e invadiu a Arménia.

25. Como o primeiro a anunciar a Tigranes que Luculo estava a chegar não teve motivos de alegria mas a cabeça cortada, nenhum outro lho reportou. Apesar de já estar rodeado pelo fogo da guerra, Tigranes permaneceu tranquilo, sem saber de nada e a ouvir bajulices como “Luculo seria um grande general se tivesse confrontado Tigranes em Éfeso e não tivesse fugido imediatamente da Ásia ao ver tamanha multidão de soldados”. O primeiro dos amigos a ousar contar-lhe a verdade foi Mitrobarzanes. E este também de não obteve uma boa recompensa pela sua franqueza. 3. Na verdade, foi imediatamente enviado contra Luculo com três mil cavaleiros e um grande número de soldados de infantaria. Foi-lhe ordenado que trouxesse o general vivo e espezinhasse os demais. 4. Uma parte do exército de Luculo já estava a montar o acampamento, porém a outra ainda vinha a caminho, quando os vigias lhe anunciaram que o bárbaro se aproximava. Teve medo que, ao atacá-los quando estavam separados e desalinhados, lançasse

a confusão. Por isso, ele próprio ficou a organizar o acampamento e enviou Sextílio como lugar-tenente com mil e seiscentos cavalos e infantaria pesada e ligeira em número não muito maior. Ordenou que se aproximasse do inimigo, esperasse por perto até ser informado de que os que estavam com Luculo já tinham acampado. 5. Sextílio quis fazer isso, todavia foi temerariamente forçado a lutar por Mitrobarzanes, que o atacou. Durante a refrega, Mitrobarzanes tombou em combate; os restantes fugiram e foram quase todos mortos. 6. Depois disto, Tigranes abandonou Tigranocerta, uma grande cidade fundada pelo próprio, retirou-se para o Tauro e aí reuniu as suas forças vindas de toda a parte. Luculo, sem lhe dar tempo de se organizar, enviou Murena para molestar e interceptar os que se vinham juntar a Tigranes e, de novo, Sextílio para repelir um grande contingente de árabes, que vinha ao encontro do rei. 7. Ao mesmo tempo que Sextílio atacou os árabes que estavam a montar o acampamento e matou a maioria, Murena, no encalço de Tigranes, aproveitou a oportunidade e atacou-o quando ele estava a atravessar um desfiladeiro escarpado e estreito com uma coluna. O próprio Tigranes abandonou toda a bagagem e fugiu; foram muitos os arménios que morreram, mas ainda mais os capturados.

26. Enquanto a situação ia avançando deste modo, Luculo levantou o acampamento, partiu para Tigranocerta e, assentando arraiais à sua volta, sitiou a cidade. Estavam nela muitos gregos deportados da Cilícia e muitos bárbaros que tinham tido o mesmo destino que os gregos: adiabenos e assírios, corduenos e capadóciós. Depois de arrasarem as respectivas pátrias, Tigranes levou-os para ali e forçou-os a estabelecerem-se. 2. A cidade também estava cheia de riquezas e ofertas votivas de todo o particular e soberano que rivalizava com o rei no desenvolvimento e embelezamento da cidade.

Por isso Luculo a sitiou com afínco, suspeitando que Tigranes não o toleraria e desceria para lutar, sem refletir e levado pela ira. Suspeitou bem. 3. Mitridates instou-o, com muitos mensageiros e mensagens, a não travar batalha, mas a intercetar os mantimentos com a cavalaria. Taxiles, que tinha chegado para combater ao seu lado, pediu com insistência ao rei que tomasse cuidado e evitasse as armas dos romanos, como se se tratasse de um poder militar invencível. 4. Primeiro escutou serenamente estes conselhos. Porém, quando arménios e corduenos vieram em seu socorro com todo o exército, e os reis dos medos e dos adiabenos se apresentaram com todo o exército, e muitos árabes chegaram do mar da Babilónia e, do Cáspio, muitos albaneses e iberos, que habitavam com os albaneses, e se juntaram não poucos dos que vivem sem rei perto do Araxes, convencidos com favores e presentes, os banquetes do rei – e também os conselhos – ficaram cheios de esperanças, audácia e ameaças bárbaras. Então Taxiles correu o risco de morrer por se opor à decisão de combate. E parecia que Mitridates estava a tentar a dissuadi-lo de um grande sucesso por inveja. 5. Por isso, Tigranes nem esperou por ele, para não partilhar a glória, e avançou com todo o seu exército, lamentando vivamente (segundo se diz) aos amigos combater apenas contra Luculo e não contra todos os generais romanos em simultâneo. 6. E a sua coragem não era de todo insensata nem absurda, considerando que o seguiam tantos povos e reis, falanges de legionários e miríades de cavaleiros. Com efeito, levava vinte mil arqueiros e atiradores, cinquenta e cinco mil cavaleiros, dos quais dezassete mil eram catafractários, como descreveu Luculo diante do Senado, cento e cinquenta mil legionários (formados uns em coortes, outros em falanges); e também trinta e cinco mil sapadores, pontoneiros, purificadores dos rios, lenhadores e trabalhadores para outras necessida-

des, que, colocados atrás dos combatentes, davam uma ideia da força do conjunto.

27. Mal Tigranes atravessou o Tauro, surgiu com todas essas forças e contemplou o exército romano estacionado diante de Tigranocerta, a multidão bárbara na cidade recebeu a aparição com gritos e aplausos, e, das muralhas, em jeito de ameaça, mostrou os arménios aos romanos. Uns aconselhavam Luculo, que refletia sobre a batalha, a desistir do cerco e marchar contra Tigranes; outros, a não deixar para trás tantos inimigos nem interromper o cerco. 2. Ele declarou que individualmente ninguém o estava a aconselhar bem, mas que juntos o faziam na perfeição e dividiu o exército. Deixou Murena responsável pelo cerco com seis mil soldados de infantaria e ele próprio partiu, com vinte e quatro coortes, nas quais não havia mais de dez mil legionários, toda a cavalaria e cerca de mil fundibulários e arqueiros. 3. Acampado numa extensa planície junto ao rio, o exército pareceu absolutamente insignificante a Tigranes e proporcionou diversão aos seus adutores. Uns gozavam, outros, em tom de brincadeira, lançavam sortes sobre os despojos. E cada um dos generais e reis avançava, pedindo que a tarefa fosse apenas para si e que Tigranes ficasse sentado como espectador. 4. O próprio Tigranes, querendo ser também ele engraçado e divertido, disse a célebre frase: “se vêm como embaixadores são muitos; se como soldados, são poucos.” E continuaram a ser sarcásticos e a brincar assim. 5. Ao amanhecer, Luculo conduziu as suas forças em ordem de batalha. O exército bárbaro estava a oriente do rio, mas a corrente fazia uma inclinação para ocidente, onde era mais transitável. Como Luculo levou as suas forças a toda a pressa nessa direção, pareceu a Tigranes que batia em retirada. 6. Chamou então Taxiles e disse-lhe com um sorriso: “Não estás a ver os invencíveis legionários romanos em fuga? E Taxiles retorquiu:

“Ó rei, espero que o teu destino te reserve algo extraordinário, contudo, quando estão em marcha, os homens não trazem trajes brilhantes, nem usam escudos polidos e elmos descobertos, como agora que tiraram as coberturas de couro das armas. Esse brilho é o dos que combatem e já estão em marcha contra os inimigos. 7. Taxiles ainda estava a falar, quando apareceu a primeira águia de Luculo a dar a volta e as coortes assumiram a formação em manípulo para atravessar o rio. Tigranes gritou duas ou três vezes com dificuldade, como se se estivesse a recuperar de uma bebedeira: “os homens estão a vir contra nós?” Então a multidão dispôs-se atabalhoadamente em ordem de batalha. O rei ocupou ele próprio o centro, entregou ao adiabeno a ala esquerda e ao medo a direita, diante da qual, na vanguarda, estava também a maior parte da cavalaria de catafractas. 8. Alguns comandantes aconselharam Luculo, prestes a atravessar o rio, a ter em atenção que o dia era um dos nefastos, a que chamam negros, pois nele foi aniquilado o exército de Cipião, quando combatia os cimbro²⁴⁶. Mas ele respondeu com esta célebre frase: “Então eu farei também deste um dia fausto para os romanos”. Era a véspera das nonas de outubro²⁴⁷.

28. Dito isto, exortou-os a ter coragem, atravessou o rio e liderou a marcha contra os inimigos. Envergava uma couraça brilhante de ferro, coberta de escamas, uma capa com borlas; a espada desnuda deixava entrever desde logo que era necessário começar de imediato a lutar com soldados que disparavam armas de arremesso e restringir, pela rapidez da investida, o terreno ao alcance dos projéteis. 2. Quando viu a cavalaria

²⁴⁶ Os manuscritos referem-se a Cipião, mas trata-se de Q. Servílio Cipião (*cos.* 106), cujo exército foi aniquilado na batalha de Aráusio em 105.

²⁴⁷ Por outras palavras: 6 de outubro.

de catafractas, cuja reputação era enorme, em formação perto de uma colina que tinha no cimo uma vasta planície e cujo acesso, de quatro estádios, não era particularmente difícil nem íngreme, mandou os cavaleiros trácios e gálatas que tinha consigo aproximar pelo flanco e atacar as lanças com as espadas.

3. Com efeito, a única arma dos catafractas é a lança: não podiam usar mais nada nem para defesa própria nem para atacar os inimigos, por causa do peso e da dureza da armadura, na qual pareciam amuralhados. O próprio Luculo precipitou-se rumo à colina com duas coortes. Os soldados seguiram-no com todo o vigor, quando viram que era o primeiro a sofrer sob as armas como um soldado de infantaria e a se esforçar. Ao chegar lá acima, pôs-se no lugar mais visível, e gritando bem alto, disse: “Vencemos, companheiros de armas²⁴⁸, vencemos!”.

4. E, dizendo isto, liderou-os contra os catafractários, ordenando que ainda não usassem as lanças, mas que cada um atingisse de perto as pernas e as coxas dos inimigos, que eram as únicas partes desnudas dos catafractários.

5. No entanto, não houve necessidade de tal combate, pois não enfrentaram os romanos. Ao fugirem, por entre gritos de terror, de modo absolutamente vergonhoso, lançaram-se – a si mesmos e aos cavalos (que eram pesados) – sobre as armas da sua própria infantaria, antes que ela iniciasse o combate, de modo que uma tamanha multidão foi derrotada sem que existissem feridas ou se visse sangue.

6. O grande morticínio ocorreu quando fugiam – ou melhor, tentavam fugir, pois não foram capazes, impedidos pela compacidade e profundidade das próprias fileiras. Tigranes, que partiu logo no início, fugiu com uns quantos homens. Ao ver que o filho também participava da mesma sorte, tirou o

²⁴⁸ É notável que Luculo se dirija aos soldados como *commilitones*, apesar das relações tensas existentes entre ele e os legionários.

diadema da cabeça, e, em lágrimas, entregou-lho, ordenando que se salvasse, como pudesse, por outro caminho. No entanto, o jovem não teve coragem de o colocar e entregou-o à guarda do mais fiel dos seus escravos. Quando este caiu por acaso nas mãos do inimigo, foi levado à presença de Luculo, de maneira que também o diadema de Tigranes se tornou despojo de guerra com os restantes bens²⁴⁹. Diz-se que foram mortos mais de cem mil soldados de infantaria e que apenas pouquíssimos cavaleiros escaparam. Entre os romanos, contudo, ficaram feridos cem e morreram cinco²⁵⁰. 8. O filósofo Antíoco²⁵¹, quando recorda este combate na sua obra *Sobre os deuses*, diz que o Sol não viu outro assim. Estrabão²⁵², um outro filósofo, nos *Comentários Históricos*, afirma que os romanos tinham vergonha e se riam de si mesmos por terem pegado em armas contra tais escravos. Lívio²⁵³ disse que nunca os romanos enfrentaram inimigos em tamanha inferioridade numérica: de facto, os vencedores quase não eram um vigésimo dos vencidos. Os generais romanos mais hábeis e com mais experiência de guerra elogiavam Luculo sobretudo por ter vencido dois reis muito notáveis e poderosos com duas táticas completamente opostas: a rapidez e a lentidão. De facto, destruiu Mitridates, no auge do poder, com tempo e delonga, mas esmagou Tigranes por ser rápido,

²⁴⁹ O diadema foi exibido mais tarde no triunfo de Luculo. Cf. *infra*, cap. 36.6; 46(3).2.

²⁵⁰ É provável que estas sejam as cifras exageradas que foram comunicadas ao Senado.

²⁵¹ Filósofo académico, companheiro de Luculo. Cf. *infra*, cap. 42.3 sobre a sua ligação próxima ao general.

²⁵² Além da sua *Geografia*, Estrabão (*FGrH* 91) também escreveu uma obra histórica como continuação daquela de Políbio.

²⁵³ Sobre Lívio como fonte de Plutarco *vide* Introdução, pp. 54-55.

usando, como poucos generais, a procrastinação para ação e a audácia para salvação.

29. Foi por essa razão que Mitridates não se tinha apressado para a batalha, acreditando que Luculo iria lutar com a habitual precaução e delonga, e avançava tranquilamente na direção de Tigranes. Primeiro, encontrou pelo caminho alguns armênios em fuga, consternados e em pânico, e intuiu a calamidade. Logo em seguida, constatou a derrota por vários outros soldados, que apareceram desarmados e feridos, e foi à procura de Tigranes. 2. No entanto, quando o encontrou privado de tudo e humilhado, não revidou os ultrajes, mas desceu do cavalo, chorou com ele os sofrimentos comuns, entregou-lhe a escolta real que o acompanhava e encorajou-o para o futuro. Então eles começaram a reunir novamente outros exércitos. 3. Em Tigranocerta, os gregos rebelaram-se contra os bárbaros para entregar a cidade a Luculo, que a tomou de assalto²⁵⁴. Ele apoderou-se dos tesouros reais que estavam na cidade e deu-a a saque aos soldados, pois, entre outras riquezas, havia nela oito mil talentos em moeda. 4. Além disso, distribuiu oitocentos dracmas do espólio por homem²⁵⁵. Ao tomar conhecimento de que muitos dos artistas de teatro, que Tigranes tinha reunido de toda a parte para a inauguração do teatro mandado construir por si²⁵⁶, estavam retidos na cidade, Luculo usou-os para os jogos e espetáculos de celebração do triunfo. 5. Enviou os

²⁵⁴ Cf. a versão mais detalhada de App. *Mith.* 86.389-391. Dio Cass. 36.2.3 identifica os insurgentes como cilícios. Segundo Mémnon, *FGrH* 434 F 38.6, foram os generais de Mitridates que entregaram a cidade a Luculo.

²⁵⁵ Cf. também *infra*, cap. 37.6. Sobre os lucros conseguidos pelos soldados de Luculo *vide* Introdução, pp. 51-52.

²⁵⁶ É evidente, então, que, longe de ser anti-helênico, Tigranes pretendeu, pelo contrário, promover a cultura grega na sua capital.

gregos para as suas pátrias com viáticos. E fez o mesmo aos bárbaros forçados a viver ali, de tal modo que, por causa de uma única cidade arruinada, muitas foram novamente povoadas, recuperando os seus próprios habitantes, pelos quais Luculo era tratado com carinho como benfeitor e fundador²⁵⁷. 6. Foi bem-sucedido também em relação ao resto, como era devido a um homem que aspirava a aplausos por causa da sua justiça e humanidade mais do que pelos sucessos militares, nos quais, em boa verdade, o exército tinha um peso não negligenciável e a sorte um ainda maior. Aquelas virtudes, porém, com as quais Luculo, sem armas, dominou então os bárbaros, eram a manifestação de um espírito gentil e educado. 7. Até os reis dos árabes se apresentaram diante dele e depositaram nas suas mãos os próprios bens, e os sofenos associaram-se-lhe. Os corduenos ficaram tão sensibilizados que abandonaram as suas cidades e quiseram segui-lo de livre vontade com os filhos e as mulheres. A razão foi a seguinte: Zarbieno, o rei dos corduenos, como foi dito²⁵⁸, negociara secretamente uma aliança com Luculo por intermédio de Ápio, porque tinha dificuldade em suportar a tirania de Tigranes. Mas foi denunciado e executado; com ele pereceram os seus filhos e mulher antes de os romanos invadirem a Arménia. 9. Luculo não se esqueceu destes acontecimentos e, ao chegar ao território dos corduenos, prestou as honras fúnebres a Zarbieno, depois de adornar a pira com vestes e ouro do rei e também com despojos de Tigranes. Ele próprio acendeu pessoalmente o lume e fez libações com os

²⁵⁷ Deste modo, Luculo consolidou a sua posição de patrono no sudeste da Ásia Menor. Sobre a origem dos habitantes de Tigranocerta, cf. *supra*, cap. 21.4; 26.1, assim como Strab. 11.14.15; 12.2.9; App. *Mith.* 67.285.

²⁵⁸ Cf. *supra*, cap. 21.2.

amigos e familiares do morto, recordando-o como seu companheiro e aliado dos romanos²⁵⁹. 10. Ordenou igualmente que se lhe fizesse um monumento muito dispendioso, pois no palácio de Zarbieno foram encontradas riquezas abundantes, ouro e prata; também estavam armazenados três milhões de medimnos de trigo, de modo que não só os soldados foram beneficiados como Luculo foi admirado, porque administrou a guerra por si mesma, sem subtrair uma única dracma do tesouro público.

30. Ali mesmo juntou-se-lhe ainda uma embaixada do rei dos partos, propondo amizade e aliança²⁶⁰. Luculo ficou feliz com isso e, por sua vez, enviou em resposta ao rei parto embaixadores, que o apanharam a fazer jogo duplo e a pedir secretamente a Mesopotâmia como pagamento da aliança com Tigranes²⁶¹. 2. Assim, quando Luculo ficou a par disso, decidiu não dar atenção a Tigranes e a Mitridates enquanto adversários que já tinham capitulado, e testar o exército dos partos, fazendo uma campanha contra eles²⁶². Considerava glorioso derrotar, como um atleta, três reis seguidos com uma única intervenção militar e atravessar invicto e vitorioso os três maiores impérios debaixo do Sol. 3. Então, enviou aos comandantes que estavam com Sornácio no Ponto ordens para que lhe trouxessem o exército que estava ali, pois iria partir de Corduena

²⁵⁹ É interessante o uso desta fórmula, que expressa com clareza as dimensões pessoal e interestatal da amizade com Zarbieno.

²⁶⁰ Em contraste, Dio Cass. 36.3.1; App. *Mith.* 87.393 e Mémnon, *FGrH* 434 F 38.8 sugerem que as negociações começaram por iniciativa de Luculo. Não fica muito claro que tipo de entendimento foi concluído.

²⁶¹ Insere-se neste contexto a famosa carta de Mitridates elaborada por Salústio (*hist. frg.* 4.69 Maurenbrecher = 4.67 McGushin).

²⁶² Cf. também Eutr. 6.9.2; Fest. 15.3. Contudo, é difícil acreditar que, no momento crítico da guerra na Arménia, Luculo concebesse o plano de atacar os partos.

rumo ao interior. 4. Estes comandantes, que já antes tinham lidado com soldados difíceis e indisciplinados, descobriram naquela altura a sua completa insolência e não foram capazes de fazê-los avançar pela persuasão, nem pela força. Juravam aos gritos que não ficariam ali e que iriam embora, deixando o Ponto desguarnecido. 5. Transmitidas a Luculo, as notícias destes protestos também corromperam os soldados dali, que já se tinham tornado avessos ao serviço militar por causa da riqueza e do luxo e estavam faltos de uma pausa. Quando souberam da parrésia dos outros, apelidaram-nos de verdadeiros homens e disseram que era necessário imitá-los, pois os seus muitos feitos lhes haviam conferido o direito à segurança e tranquilidade²⁶³.

31. A par destes razoamentos e de outros ainda piores, Luculo renunciou à expedição contra os partos e marchou outra vez contra Tigranes no pino do verão. E, depois de atravessar o Tauro, sentiu-se desencorajado por as planícies se mostrarem verdejantes – ali as estações chegavam muito mais tarde devido à invernia. 2. No entanto, após ter descido e posto duas ou três vezes em fuga arménios que ousaram contra ele, destruiu livremente as aldeias, apoderou-se do trigo preparado para Tigranes e infligiu aos inimigos a privação de meios que temera para si próprio. 3. Mas, apesar de os ter desafiado para um combate construindo uma vala à volta do acampamento e saqueando a região à vista de todos – não os fez mover, pois tinham sido derrotados muitas vezes. Então levantou o acampamento e marchou contra Artaxata, capital do reino de Tigranes, onde estavam os seus filhos pequenos e as esposas, longe de pensar que o rei os abandonaria sem dar luta. 4. Diz-se que, depois de Antíoco ter sido derrotado pelos

²⁶³ Sobre as contradições entre os vários motivos atribuídos aos soldados *vide* Introdução, pp. 49-52.

romanos, o cartaginês Aníbal se mudou para junto do arménio Artaxas e se tornou seu mestre e útil conselheiro. Como se deu conta de que a região do território mais aprazível e favorecida pela natureza estava em pousio e negligenciada, fez um projeto de cidade para ela, levou Artaxas até lá, mostrou-lho e incitou-o à sua fundação. 5. Encantado, o rei pediu-lhe que supervisionasse ele próprio a obra²⁶⁴. Ergueu-se uma cidade enorme e belíssima, que recebeu o nome do rei e foi declarada capital da Arménia. Tigranes não suportou que Luculo marchasse contra ela. Encabeçando o exército, acampou no quarto dia à frente dos romanos, com o rio Arsânias, que os romanos tinham forçosamente de cruzar a caminho de Artaxata, de permeio. 6. Depois de oferecer um sacrifício aos deuses como se já tivesse a vitória nas mãos, Luculo fez passar o exército com doze coortes na vanguarda e as restantes na retaguarda para evitar o cerco dos inimigos. De facto, havia um grande número de cavaleiros e tropas de elite em formação de combate e, à sua frente, arqueiros mardos a cavalo e lanceiros iberos, nos quais, de entre os estrangeiros, Tigranes depositava maior confiança, por serem os mais aguerridos. 7. No entanto, nada lograram de extraordinário. Embora se tenham envolvido em pequenas escaramuças com os cavaleiros romanos, não resistiram ao ataque dos soldados de infantaria. E, ao se separarem em duas alas para fugir, levaram os cavaleiros no seu encalço. Enquanto aqueles dispersavam, Luculo apercebeu-se do esplendor e da quantidade dos que cavalgavam ao redor de Tigranes e teve medo. 8. Mandou os cavaleiros suspenderem a perseguição e ele próprio, assumindo o comando, enfrentou os atropatenos, que estavam à sua frente com os seus melhores homens. Contudo,

²⁶⁴ De onde a designação de “Cartago da Arménia” (*infra*, cap. 32.4).

antes de se defrontarem, Luculo intimidou-os e colocou-os em fuga. Dos três reis alinhados em conjunto para a batalha, parece que Mitridates do Ponto foi o que fugiu de forma mais vergonhosa, pois nem o grito de guerra dos romanos suportou. 9. A perseguição foi longa. Durante toda a noite, os romanos cansaram-se não só de os matar, mas também de fazer prisioneiros, de reunir e levar riquezas e o produto do saque. Lívio diz que, na primeira batalha, os inimigos foram mortos e capturados em quantidade; nesta, em qualidade²⁶⁵.

32. Empolgado e encorajado pela vitória, Luculo ponderava avançar para o interior e conquistar o território bárbaro. No entanto, por altura do equinócio de outono, ao contrário do que era esperado, ocorreram fortes tempestades, que cobriram de neve a maior parte da região e trouxeram geadas e gelo mesmo com o céu limpo, pelo que era difícil que os cavalos bebessem dos rios por causa do excesso de frio. Difícil era também atravessá-lo, porque o gelo se rompia e cortava os tendões dos cavalos com as suas bordas irregulares. 2. A maior parte da região, que era densamente arborizada, estreita e pantanosa, fazia com que os soldados estivessem sempre completamente molhados, cobertos de neve nos caminhos e passassem mal as noites em lugares húmidos. 3. Por conseguinte, depois da batalha, ainda não seguiam Luculo há muitos dias, começaram a insurgir-se. Primeiro, os peticionários enviaram-lhe tribunos; em seguida, reuniram-se com grande tumulto e puseram-se aos gritos de noite nas tendas, o que parecia ser sinal de um exército prestes a se rebelar. 4. No entanto, Luculo instou-os

²⁶⁵ É provável que tanto Lívio (cf. *per.* 98.6) como Plutarco exagerem a importância da vitória de Luculo. Note-se a discrepância com Dio Cass. 36.5.1-6.1. Cf. também Sall. *hist. frg.* 4.74 Maurenbrecher = 4.72 McGushin; 4.75 = (?) 29; 4.76 = 4.73.

repetidamente, rogando-lhes que mantivessem a longanimidade até tomarem a Cartago da Arménia e derrubarem a obra do inimigo mais odiado (referindo-se a Aníbal). Como não os convenceu, recuou²⁶⁶ e, cruzando o Tauro noutro troço, desceu à chamada Migdónia, região fértil e quente, na qual havia uma cidade grande e populosa, que os bárbaros chamavam Nísibis e os gregos, Antioquia de Migdónia. 5. Guras, irmão de Tigranes, governava-a por prerrogativa, mas, por experiência e habilidade para as máquinas de guerra, era Calímaco, aquele que também causara muitos problemas a Luculo no cerco de Amiso, quem a governava de facto. Depois de montar o acampamento, recorreu a todas as formas de assédio e, em pouco tempo, tomou a cidade pela força²⁶⁷. 6. Tratou Guras, que se lhe entregou, com humanidade; já, a Calímaco, que tinha prometido revelar armazéns secretos com grandes tesouros, não deu ouvidos: mandou que o trouxessem agrilhado para responder pelo incêndio através do qual destruíra a cidade de Amiso, privando-o da sua ambição e da demonstração de generosidade aos gregos.

33. Até aqui, poderia dizer-se que a fortuna acompanhou Luculo e combateu ao seu lado. Daqui em diante, porém, como se a brisa que o impelia lhe faltasse, teve de conseguir tudo pela força e deparou-se com obstáculos em todas as frentes. Deu provas do valor e da grandeza de alma de um bom general, no entanto as suas ações não lograram qualquer glória ou favor. Pelo contrário: desditoso e envolvido em conflitos

²⁶⁶ Em contraste, Dio Cass. 36.6.1, sem mencionar a desobediência dos soldados, explica a retirada com crescentes baixas e problemas logísticos. Cf. também Cic. *Manil.* 23-24. App. *Mith.* 87.397 é inconclusivo.

²⁶⁷ Segundo Dio Cass. 36.6.3-7.4, a cidade foi tomada só no inverno, após um longo assédio.

vãos, esteve quase a perder o que tinha conquistado antes.

2. Ele não foi o menos responsável por esta situação, pois não era obsequioso com a soldadesca e considerava que tudo quanto se fazia para contentamento de um subalterno era desonra e esmorecimento da autoridade. E o mais grave: não era, por natureza, conciliador nem com os poderosos e nem com os seus pares; olhava com sobrançeria para todos e não considerava ninguém digno por comparação consigo mesmo²⁶⁸.

3. Dizem que estes eram os defeitos de Luculo que se interpunham entre todas as suas demais qualidades, pois, ao que parece, era alto, belo e também um orador extraordinário, igualmente sensato no fórum e no campo de batalha²⁶⁹. Salústio afirma que os soldados ficaram indispostos com ele logo no princípio da guerra contra Cízico e de novo na guerra contra Amiso, por terem sido obrigados a passar dois invernos consecutivos no acampamento.

4. Os invernos seguintes também foram motivo de agastamento, pois passaram-nos acampados a céu aberto, ou em território inimigo ou entre os aliados. Luculo não entrou uma única vez com o exército numa cidade grega e aliada.

5. Aos soldados assim indispostos, os tribunos da plebe deram, desde Roma, os maiores pretextos: por inveja, acusavam Luculo de prolongar a guerra por sede de poder e de riqueza, e de ter praticamente apenas sob o seu domínio a Cilícia, a Ásia, a Bitínia, a Paflagónia, a Galácia, o Ponto, a Armé-

²⁶⁸ Em relação aos problemas aqui aludidos, é digno de nota que Plutarco dê uma caracterização negativa de vários colegas e subordinados de Luculo, o que reflete provavelmente conflitos pessoais: Cota (cap. 8.1-2), Murena (19.8-9), Triário (35.1) e, mais obviamente, Clódio (34.1-5).

²⁶⁹ É significativo que, neste capítulo bastante crítico do protagonista, Plutarco se esforce por contrabalançar a sua repreensão com algumas observações positivas. Cf. também *infra*, cap. 36.5.

nia, os territórios até Fásis, e de ter agora saqueado também o reino de Tigranes, como se tivesse sido enviado para despojar os reis e não para submetê-los. 6. Diz-se que quem andava a fazer tais afirmações era um dos pretores, Lúcio Quíncio, pelo qual foram persuadidos a votar o envio de sucessores de Luculo no governo da província²⁷⁰. Votaram também a desmobilização de muitos dos que serviam no exército sob o seu comando.

34. A estes factos, que já eram suficientemente graves, acresce aquilo que mais destruiu os seus planos: Públio Clódio, um homem insolente, cheio de desdém e arrogância²⁷¹. Era irmão da mulher de Luculo, uma libertina, que também foi acusado de seduzir. 2. Naquela altura, servia sob o comando de Luculo, sem obter toda a honra de que se considerava merecedor. Ele tinha a pretensão de ser influente, no entanto, como foi ultrapassado por muitos devido ao seu carácter, infiltrou-se no exército de Fímbria e instigou-o contra Luculo, difundindo as palavras certas por entre soldados que nem eram avessos à atenção dos demagogos nem estavam desacostumados dela. 3. Na verdade, estes eram precisamente os mesmos que antes Fímbria convencera a matar o cônsul Flaco e a escolhê-lo como general. 4. Por isso recebiam Clódio com tanto agrado e o apelidavam de “amigo dos soldados”, pois fingia indignar-se por eles, perguntando se não haveria fim para tantas guerras e trabalhos; se passariam a vida a combater contra todo e qualquer povo e a errar por toda a terra, sem receber nada digno

²⁷⁰ Cf. *supra*, cap. 5.5 sobre o conflito anterior com Quíncio em 74. Segundo Sall. *hist. frg.* 4.71 Maurenbrecher = 4.68 McGushin, Luculo subornou-o para ele desistir do seu propósito. Sobre a substituição do procônsul no comando, *vide* Introdução, n. 123.

²⁷¹ As fontes são unânimes na caracterização negativa de Clódio, cujo discurso aos soldados de Luculo foi elaborado provavelmente por Salústio. *Vide* Introdução, n. 114.

de tal expedição, escoltando, todavia, os carros e camelos de Luculo, carregados de taças de ouro adornadas de pedras preciosas. Os soldados de Pompeio, pelo contrário, agora civis, viviam tranquilamente com as mulheres e os filhos e tinham terra fértil e cidades, não por terem perseguido Mitridates e Tigranes em desertos inóspitos, não por terem destruído os reinos da Ásia, mas por terem lutado contra fugitivos na Ibéria e escravos rebeldes na Itália²⁷². 5. “Se é forçoso que nunca deixemos de servir no exército, porque não havemos, então, de confiar o que resta dos nossos corpos e almas a um general que considere a riqueza dos seus soldados a sua maior glória?” 6. O exército de Luculo deixou-se corromper por tais alegações e não o seguiu nem contra Mitridates nem contra Tigranes, que fez de novo uma incursão da Arménia para o Ponto e recuperou o poder, enquanto os romanos, apresentando o inverno como pretexto, passaram tempo nos arredores de Corduena, à espera que chegasse Pompeio ou outro general sucessor de Luculo.

35. No entanto, quando foi anunciado que Mitridates tinha vencido Fábio e marchava contra Sornácio e Triário, os soldados seguiram Luculo envergonhados. Mas Triário, que ambicionava obter a vitória incontestável antes da chegada de Luculo, que já estava próximo, foi derrotado numa grande batalha²⁷³. 2. Diz-se que morreram mais de sete mil romanos, entre os quais cento e cinquenta centuriões e vinte e quatro

²⁷² Parece que, na realidade, as recompensas prometidas aos soldados de Pompeio não tinham sido distribuídas (cf. Dio Cass. 38.5.1-2). É interessante, de resto, que os sucessos deste general contra Sertório na Hispânia e contra os escravos liderados por Espártaco em Itália sejam apresentados de forma tão depreciativa.

²⁷³ Em contraste, Dio Cass. 36.12.3 diz que Triário atacou sob a pressão dos soldados. App. *Mith.* 89.402 está de acordo com a versão de Plutarco. Cf. também Eutr. 6.9.2.

tribunos; Mitridates tomou o acampamento. 3. Poucos dias depois, quando chegou, Luculo escondeu Triário que era procurado pelos soldados furiosos. E, como Mitridates não queria combater, à espera de Tigranes, que já vinha a caminho com uma força numerosa, Luculo decidiu ir ao encontro de Tigranes e lutar, antes que ambos os reis se encontrassem. 4. Enquanto avançava, os soldados de Fímbria rebelaram-se e deixaram as formações, porque tinham sido desmobilizados do exército por decreto²⁷⁴ e o comando já não pertencia a Luculo, pois o governo das províncias tinha sido atribuído a outros. Não há nada que Luculo não tenha tentado, mesmo indo contra a sua dignidade: dirigiu súplicas a cada um dos soldados, foi de tenda em tenda humilhado e em lágrimas²⁷⁵; também segurou a mão de alguns como os suplicantes. 5. Eles, porém, recusaram as suas súplicas e devolveram as bolsas vazias com desdém²⁷⁶. Disseram-lhe para combater sozinho os inimigos com os quais só ele era capaz de enriquecer. Contudo, compelidos pela instância dos restantes soldados, os homens de Fímbria anuíram continuar durante o verão. Mas, se, nesse período, ninguém viesse ter com eles para combater, ficavam desobrigados. 6. Dada a necessidade, era conveniente que Luculo aquiescesse a isto ou seria abandonado e teria de entregar o território aos bárbaros. Por conseguinte, manteve-os reunidos, sem voltar a constrangê-los ou a levá-los para combate, e satisfeito por terem ficado ao seu lado, apesar de permitir que a Capadócia fosse devastada por Tigranes e que Mitridates, cuja derrota definitiva ele

²⁷⁴ Segundo App. *Mith.* 90.411, os soldados até enfrentaram a ameaça de perderem os seus bens caso ficassem com Luculo.

²⁷⁵ Sobre o significado das lágrimas do general, *vide* Introdução, n. 120.

²⁷⁶ Note-se o contraste com as observações feitas *supra*, no cap. 30.5, sobre o bem-estar dos soldados.

mesmo havia anunciado ao Senado por escrito, se tornasse de novo arrogante. Apresentaram-se junto dele <dez> legados a propósito da regulação dos assuntos do Ponto, como se este fosse uma possessão garantida²⁷⁷. 7. Entretanto, ao chegarem, aperceberam-se que Luculo sequer era senhor de si mesmo e sim maltratado e ultrajado pelos soldados. Estes excederam-se de tal modo na insolência para com o seu general que, quando o verão chegou ao fim, envergaram as armas, desembainharam as espadas e desafiaram os inimigos que estavam nenhures, pois já se tinham retirado. 8. Dando gritos de guerra e golpes no ar, partiram do acampamento, atestando que se cumprira o tempo que tinham acordado ficar com Luculo. 9. Os demais, Pompeio chamou-os por carta, porque, já havia sido nomeado general da guerra contra Mitridates e Tigranes devido ao favor do povo e à adulação dos demagogos. Não obstante, o Senado e os nobres consideravam que Luculo estava a ser vítima de injustiça, porquanto ganhava substitutos não de guerra mas de triunfo, uma vez que era compelido a ceder o seu posto a outros e a renunciar não à campanha mas aos prémios da campanha²⁷⁸.

36. O sucedido afigurou-se ainda mais indigno aos que estavam ali presentes. De facto, Luculo não foi senhor do prémio nem do castigo dos feitos de guerra. Pompeio nem sequer permitia a ninguém ir ter com ele ou respeitar o que aquele havia proposto e firmado com os dez legados. Impedia-o com a publicação de éditos e com a sua presença intimidatória à frente de um tão vasto exército²⁷⁹. 2 Mesmo assim, os seus

²⁷⁷ Segundo Cic. *Att.* 13.6.4 = 310.4 Shackleton Bailey, esta comissão foi composta por pessoas ligadas a Luculo.

²⁷⁸ Cf. também *infra*, cap. 46(3).2-3, assim como *Pomp.* 30.3; *Cat. Mi.* 29.5; *App. Mith.* 97.448; *BC* 2.9.32.

²⁷⁹ Sobre o conflito entre os dois generais e sobre as implicações para os respetivos amigos e clientes, *vide* Introdução, pp. 52-53.

amigos decidiram reuni-los. Encontraram-se²⁸⁰ numa aldeia da Galácia, cumprimentaram-se amigavelmente e congratularam-se com os sucessos um do outro. Apesar de Luculo ser mais velho, o prestígio de Pompeio era superior devido ao maior número de campanhas e a dois triunfos. 3. Precediam-nos os fascas de ambos, decorados com folhas de louro por causa das vitórias. Como Pompeio tinha feito um longo percurso por lugares áridos e empoeirados, as folhas de louro que rodeavam os seus fascas estavam secas. Quando se aperceberam disso, os lictores de Luculo cortesmente partilharam das suas, frescas e viçosas, com os daquele. 4. Os amigos de Pompeio consideraram este acontecimento como um sinal favorável, pois as ações de Luculo adornaram, de facto, a campanha de Pompeio. No entanto, não chegaram a nenhum acordo razoável com aquelas conversações e afastaram-se ainda mais avessos um ao outro. Pompeio anulou as disposições emanadas de Luculo, levou consigo os restantes soldados, deixando-lhe apenas mil e seiscentos para que participassem do seu triunfo. E nem estes o seguiram de bom grado. 5. Luculo era, por natureza ou por desdita, tão desprovido da primeira e maior de todas as qualidades de um líder²⁸¹ que, se a tivesse possuído com as restantes (que eram tantas e tão importantes – coragem, capacidade de antecipação, bom senso, a justiça²⁸²), o Império romano não teria tido

²⁸⁰ Plutarco descreve este encontro de forma mais detalhada em *Pomp.* 31.3-13. É surpreendente a observação sobre o maior prestígio de Pompeio (cf. também *Pomp.* 31.6), considerando a perspetiva crítica perante este general que o biógrafo adota a partir do cap. 35.9.

²⁸¹ Cf. também *infra*, cap. 45(2).3. Enquanto a interpretação aqui avançada se focaliza na incapacidade de Luculo, a versão de *Pomp.* 31.9 põe em destaque a obstinação dos soldados.

²⁸² Mais uma vez, Plutarco combina a crítica ao protagonista com o reconhecimento das suas qualidades positivas.

como limite da Ásia o Eufrates, mas as regiões extremas e o mar Hircânio, já que os restantes povos tinham sido vencidos por Tigranes e o poder dos partos não era, no tempo de Luculo, nem tão grande nem tão consistente quanto se revelou no tempo de Crasso, pois, devido a guerras intestinas e fronteiriças, eles não tinham força para se defenderem dos arménios insolentes. 6. Parece-me, por isso, que Luculo fez mais mal à pátria por intermédio dos outros do que bem por intermédio próprio. Na verdade, os troféus erigidos na Arménia, próximo dos partos; Tigranocerta e Nísibis; a abundante riqueza levada destas cidades para Roma e o diadema de Tigranes exibido no cortejo triunfal como despojo incitaram Crasso a rumar à Ásia, como se os bárbaros fossem saques e pilhagens e nada mais²⁸³. 7. No entanto, depressa se encontrou com as flechas dos partos e demonstrou que Luculo foi superior não por estupidez e fraqueza dos inimigos e sim por audácia e destreza dele próprio. Contudo, isto aconteceu mais tarde.

37. No regresso a Roma, Luculo soube logo à chegada que o irmão Marco estava a ser acusado por Gaio Mémio em virtude do que fizera enquanto questor sob o governo de Sula. 2. Como Marco foi absolvido, Mémio voltou-se contra Luculo e, instigando o povo, convenceu-o a não lhe dar o triunfo, por se ter apropriado de muitos dos bens saqueados e por ter prolongado a guerra²⁸⁴. 3. Luculo insurgiu-se contra essa decisão. Os nobres e os cidadãos mais influentes imiscuíram-se nas tribos e, com um forte apelo e esforço, persuadiram a custo o povo a

²⁸³ Cf. também *Crass.* 18.4. Sobre Luculo como “primeiro guia do luxo entre os romanos”, *vide* Introdução, pp. 38-39.

²⁸⁴ Segundo *Cat. Mi.* 29.5, Mémio pretendeu gratificar Pompeio.

permitir a celebração do triunfo²⁸⁵. Não foi, como alguns, um triunfo impressionante e tumultuoso pela extensão do cortejo e pela quantidade dos objetos transportados. Ainda assim adorou o circo Flamínio das armas dos inimigos, que eram muito numerosas, e das máquinas de guerra dos reis – e este era por si só um espetáculo não despidendo. 4. No cortejo desfilaram alguns cavaleiros catafractários e dez carros falcados, sessenta amigos e generais do rei. Foram também transportados cento e dez grandes navios com esporões de bronze e, ao mesmo tempo, um colosso de ouro, de seis pés, do próprio Mitridates, um escudo adornado de pedras preciosas, vinte bandejas com objetos de prata e trinta e duas com taças, armas e moedas de ouro. 5. Isto era carregado por homens. Por sua vez, oito mulas arrastavam assentos de ouro; cinquenta e seis, barras de prata; outras cento e sete, com pouco menos de dois milhões e setecentos mil moedas de prata. 6. Havia registos em tabuinhas dos montantes que já tinha dado a Pompeio e aos responsáveis pelo erário público para a guerra contra os piratas; e sem contar que cada soldado tinha recebido novecentos e cinquenta dracmas. Além de tudo isto, ofereceu um esplendoroso banquete à cidade e às aldeias das redondezas, que se chamavam *Vici*²⁸⁶.

38. Depois do divórcio de Clódia, que era impudica e perversa, casou-se com Servília, irmã de Catão, mas este também não foi um casamento feliz. De facto, apenas um dos vícios de Clódia não lhe tocava: a acusação contra o irmão. Embora no resto fosse igualmente infame e dissoluta, Luculo foi obrigado

²⁸⁵ Luculo celebrou este triunfo três anos depois do seu regresso do Oriente (Cic. *ac. pr.* 3). Na narração de Plutarco, o esplendor do cortejo triunfal facilita a transição para o tema da *tryphê* do protagonista.

²⁸⁶ Cf. Plin. *Nat.* 14.96 (citando o testemunho de Varrão) sobre a distribuição de vinho nessa ocasião. Sobre a dimensão política do evento *vide* Introdução, p. 48.

a suportá-la, por respeito a Catão. Acabou, contudo, por repudiá-la. 2. Devido à sua fama e ao seu grande poder, gerou no Senado excelentes expectativas de que tinha neste homem um opositor à tirania de Pompeio e um defensor da aristocracia. No entanto, ele retirou-se e abandonou a vida política, ou porque a considerava já ingovernável e em crise, ou porque, como alguns dizem, farto de fama, queria entregar-se a uma vida mais fácil e mais tranquila, depois de tantas lutas e dificuldades que não tiveram um final feliz. 3. Havia quem o elogiasse por esta mudança, para não passar pelo sofrimento de Mário que, após as vitórias sobre os cimbrós e belos e grandes sucessos, não foi capaz de se retirar enquanto ainda era objeto de inveja motivada por tamanha glória. E, por desejo insaciável de fama e poder, tornou-se – já velho – adversário político de indivíduos jovens e foi impelido a ações terríveis e sofrimentos mais terríveis do que as ações. 4. Do mesmo modo, Cícero teria tido uma velhice melhor se se tivesse retirado depois da conjura de Catilina; e Cipião, se tivesse parado depois de juntar Numância a Cartago. De facto, também existe um término para o ciclo político. As lutas políticas, não menos do que as atléticas, deixam ficar mal aqueles a quem falta força e juventude. 5. Mas os partidários de Crasso e de Pompeio zombavam de Luculo, que se entregara ao prazer e ao luxo, como se viver luxuosamente não fosse mais apropriado para as pessoas de idade avançada do que participar na vida política e comandar um exército²⁸⁷.

²⁸⁷ Esta citação deve datar da fase de aguda confrontação política em 59, quando Crasso e Pompeio eram aliados, tendo posto de lado as dissensões existentes entre eles. Cf. também *Pomp.* 48.7; *Mor.* 204B (*Regum et imperatorum apophthegmata*); 785F (*An seni sit gerenda res publica*), onde Crasso não é mencionado. Segundo as versões dos *Moralia*, o aforismo de Pompeio foi precedido por um ataque de Luculo às ambições do seu rival mais novo, denunciadas como sendo

39. É característico da vida de Luculo, como de uma comédia antiga, que na primeira parte se apresentem os feitos políticos e militares e, na segunda, numa única noite, bebedeiras, banquetes, festas, corridas de tochas e todo o tipo de folguedos. 2. Eu, pelo menos, considero divertimentos não só os edifícios dispendiosos, a construção de deambulatórios e banhos, mas sobretudo os quadros, as estátuas (e a sua devoção a estas artes) que aquele reuniu com avultados gastos, nelas dissipando, de modo abundante, a muita e admirável riqueza que obtivera nas expedições. Ainda hoje, apesar do incremento do luxo, os jardins de Luculo contam-se entre os mais sumptuosos dos jardins imperiais²⁸⁸. 3. Ao contemplar as obras na costa e nos arredores de Nápoles, onde perfurou colinas com grandes túneis, circundou os palácios de canais e lagos com água do mar para criar peixes e construiu moradias no mar, o estoico Tuberão chamou-o de Xerxes togado²⁸⁹. 4. Tinha perto de Túsculo casas de campo com terraços panorâmicos, amplas salas de jantar e deambulatórios. De visita ao local, Pompeio censurou Luculo por ter posicionado a casa de campo de forma excelente para o verão e de a ter feito inabitável no inverno. 5. Sorrindo, aquele retrucou: “Então, parece-te que tenho menos inteligência do que os grous e as cegonhas para não mudar de residência com as estações?” Certa vez, quando um pretor, que traçava planos

contrárias às exigências da idade dele, em alusão às isenções que lhe tinham sido concedidas no que respeitava ao regulamento do percurso das magistraturas.

²⁸⁸ Sobre os *horti Lucullani* e os outros domicílios de Luculo, *vide* Introdução, p. 39.

²⁸⁹ Segundo Vell. 2.33.4 e Plin. *Nat.* 9.170, foi Pompeio quem deu esta alcunha a Luculo. Cf. Hdt. 7.22-24 sobre o grande canal projetado por Xerxes na zona do monte Atos; também 7.33-36 a propósito da ponte construída sobre o Helesponto.

ambiciosos para um espetáculo, lhe pediu clâmides púrpuras como adereço para um coro, respondeu que ia ver e, se tivesse, lhas entregava. No dia seguinte, perguntou-lhe de quantas precisava. Quando o pretor respondeu que cem seriam suficientes, mandou levar o dobro. O poeta Flaco²⁹⁰ alude a este episódio quando afirma que não considera haver riqueza onde o que é posto de lado e escondido não existe em maior quantidade do que o que se exhibe.

40. As refeições de Luculo eram, dia após dia, as de um novo-rico. Foi objeto da inveja do vulgo, quer pelo uso de toalhas de púrpura, taças cravadas de pedras preciosas, danças e recitações, quer também por todo o tipo de pratos de carne e iguarias elaborados com requinte. 2. Pompeio ficou célebre por causa de uma afirmação feita quando adoeceu. Como o médico lhe mandou comer um tordo e os servos lhe disseram que não encontravam nenhum em parte alguma no verão, a não ser os criados em casa de Luculo, não permitiu que o trouxessem dali e disse ao médico: “Então, se Luculo não levasse uma vida de luxo, Pompeio não viveria?” E mandou preparar algo fácil de encontrar. 3. Catão era amigo e parente de Luculo, porém desprezava de tal maneira o seu modo de vida e costumes que, quando um jovem proferiu, no Senado, um discurso enfadonho e despropositadamente longo sobre frugalidade e temperança, se levantou e disse: “Não te vais calar, tu que és rico como Crasso, vives como Luculo e falas como Catão?” No entanto, alguns afirmam que foram exatamente estas as palavras usadas, mas não por Catão²⁹¹.

²⁹⁰ Trata-se de Horácio. A citação é bastante diferente do original. Cf. *Epist.* 1.6.45-46.

²⁹¹ Em *Cat. Mi.* 19,8, Plutarco atribui a mesma sentença a um certo Amneu.

41. De resto, segundo as anedotas que dele se recordam, é evidente que Luculo não só desfrutava desta vida, como também tinha orgulho nela. 2. Com efeito, diz-se que, durante vários dias, ofereceu banquetes a uns gregos que tinham chegado a Roma. Estes, experimentando um sentimento tipicamente helénico, tiveram vergonha e recusaram o convite, pois havia todos os dias muitos gastos por sua causa. Então Luculo disse-lhes, sorrindo: “Uma parte destes gastos foi também por vossa causa, ó homens gregos, contudo a maioria foi, de facto, por causa de Luculo²⁹².” 3. Certa vez, como estava a jantar sozinho, foi preparada apenas uma mesa e uma refeição frugal. Ficou muito irritado e chamou o escravo que estava encarregado de tudo. Este admitiu que, como ninguém tinha sido convidado, não julgara que fosse necessário algo muito dispendioso. Luculo retorquiu: “O que dizes? Não sabias que hoje Luculo janta em casa de Luculo?” 4. Parece que, como se falou muito deste episódio na cidade, Cícero e Pompeio foram ter com ele enquanto vagueava pelo Fórum. Aquele era um amigo muito chegado; já Pompeio tinha divergências com ele por causa do comando militar – não obstante, costumavam viver e conversar um com o outro com frequência e cortesia²⁹³. 5. Então Cícero cumprimentou-o e perguntou-lhe se estava na disposição de aceder a um pedido. Ele respondeu que sim

²⁹² Contrapondo o hedonismo de Luculo à atitude dos convidados gregos, Plutarco indica o quanto o seu herói se afastou da cultura helénica. É natural, então, que o seu comportamento acabe por ser associado ao mundo bárbaro (*infra*, cap. 41.7; 44[1].5).

²⁹³ Esta parece ser uma inferência de Plutarco com base na anedota aqui relatada. Não é improvável que, na verdade, o convívio represente uma tentativa falhada de reconciliação política mediada por Cícero. Sobre isto e sobre a antítese entre Luculo e Pompeio no tocante ao estilo de vida, *vide* Introdução, p. 38 com as referências citadas na n. 69.

e incitou-os a pedir. “Nós”, disse Cícero, “queríamos jantar em tua casa hoje, como se os preparativos fossem só para ti.”

6. Mostrando alguma reserva, Luculo pediu que adiassem um dia. Mas eles disseram que não concordavam nem consentiam que falasse a sós com os escravos, para que não ordenasse que houvesse algo mais do que haveria para ele. Cederam apenas e só ao pedido de dizer, diante deles, a um dos criados que nesse dia jantariam na Apolo – é que uma das salas de jantar dispendiosas tinha este nome. 7. E assim enganou sorrateiramente os convidados, pois, segundo parece, estava estabelecido um montante por refeição, bem como uma baixela distinta e preparativos específicos para cada sala de jantar. Por conseguinte, ao ouvirem onde queria jantar, os escravos ficaram a saber a despesa, o tipo de decoração e a ordem do serviço necessárias para este jantar. Na Apolo era habitual jantar por cinquenta mil moedas. Como nessa altura também se gastou esse valor, a rapidez da preparação do banquete – tendo em conta a dimensão do dispêndio – surpreendeu Pompeio e os seus companheiros. Nestas coisas, Luculo fazia um uso ultrajante da sua riqueza, como se ela fosse, de facto, um prisioneiro de guerra bárbaro.

42. Não obstante, o que ele fez para constituir uma biblioteca é digno de apreço e de menção. Com efeito, reuniu muitos livros caligrafados cujo uso foi mais magnífico do que a aquisição²⁹⁴. As bibliotecas estavam abertas a todos; os deambulatórios e as salas de estudo circundantes recebiam, sem restrições, os gregos que os frequentavam como se fossem um refúgio das musas e aí passavam os dias uns com os outros, fugindo alegremente das demais ocupações. 2. Muitas vezes ele próprio ia para os deambulatórios, onde passava o

²⁹⁴ Segundo Isid. *Orig.* 6.5.1, os livros provinham dos despojos do Ponto. Cf. também Cic. *Fin.* 3.7-10.

seu tempo livre com eruditos e ajudava os políticos que dele necessitassem²⁹⁵. Em suma, a sua casa era um lar e um *prytaneion*²⁹⁶ grego para os que chegavam a Roma. 3. Amava todo o tipo escolas filosóficas e estava aberto e acostumado a cada uma delas. Contudo, tinha, desde o princípio, um carinho particular e uma propensão pela Academia, não pela chamada Nova (ainda que florescesse, na época, através dos discursos de Carnéades, conhecidos por intermédio de Fílon), mas pela Antiga, que tinha como líder Antíoco de Ascalão, um homem persuasivo e eloquente. Luculo empenhou-se em se fazer seu amigo e companheiro para contrapô-lo aos discípulos de Fílon, entre os quais estava também Cícero. 4. Este compôs um texto belíssimo sobre a escola, no qual atribuiu a Luculo um discurso sobre a percepção e a si próprio, a posição contrária. O livro intitulava-se *Luculo*²⁹⁷. Cícero e Luculo eram, como se disse, muito amigos e correligionários. Na verdade, Luculo não se tinha retirado completamente da cena política, mas deixou prontamente para Crasso e Catão a ambição e a luta pela primazia e pelo poder, porque não era nem segura nem isenta de violência. 5. Quando Luculo renunciou ao primado²⁹⁸, os que temiam o poder de Pompeio apresentaram-nos como guardiães do Senado. Não obstante, ele continuou a ir ao Fórum para apoiar os amigos e ao Senado, se era necessário combater a precipitação e a ambição de Pompeio. 6. Luculo fez anular as decisões que aquele tomara ao vencer os reis e, com o apoio de

²⁹⁵ É significativo que Luculo continuasse a ser ativo como patrono não só de intelectuais, mas também de políticos do mundo grego.

²⁹⁶ Cf. *Cim.* 10.7 sobre a casa de Címon como *prytaneion*.

²⁹⁷ Sobre esta obra e sobre a participação de Luculo em debates filosóficos, *vide* Introdução, pp. 44-45.

²⁹⁸ Cf. *supra*, cap. 38.2. Sobre a continuação das atividades políticas de Luculo *vide* Introdução, pp. 40 e 47.

Catão, impediu-o de distribuir terras aos soldados, de maneira que Pompeio recorreu a uma aliança, ou antes a um conluio, com Crasso e César: depois de encher a cidade de armas e soldados e de expulsar do Senado os apoiantes de Catão e de Luculo, ratificou os decretos à força. 7. Como os optimates se indignaram com o sucedido, os pompeianos levaram a tribunal um tal Vécio, alegando que tinha sido apanhado a atentar contra aquele. Interrogado no Senado, Vécio acusou outras pessoas, porém, diante do povo, apontou Luculo, como se tivesse sido recrutado por ele para matar Pompeio. 8. Ninguém acreditou no relato e ficou imediatamente claro que o homem tinha sido enviado por eles para fazer acusações falsas e levantar calúnias; a trama foi sobretudo descoberta poucos dias depois, quando o seu cadáver foi arremessado da prisão. Constatou que morrera de causa natural, no entanto tinha marcas de estrangulamento e golpes. Parecia ter sido morto pelos mesmos que o recrutaram.

43. 1. Isto afastou Luculo ainda mais da política. E, quando Cícero foi banido da cidade e Catão foi enviado para Chipre, retirou-se completamente. Diz-se que, antes da sua morte, foi perdendo aos poucos a sua sanidade mental. 2. Cornélio Nepos²⁹⁹ diz que Luculo não tresvariou por velhice ou doença e que ficou debilitado por causa de filtros administrados por um dos seus libertos, Calístenes. Os filtros foram dados para que Calístenes fosse mais amado por ele (na crença de que tinham tal poder), mas deterioraram e submergiram a razão de Luculo a ponto de o irmão lhe ter gerido o património ainda em vida. 3. Não obstante, quando morreu, o povo ficou consternado

²⁹⁹ Parece que Nepos compôs uma breve *Vida de Luculo* no seu livro sobre os generais romanos. A propósito do declínio físico e mental de Luculo e das circunstâncias da sua morte, cf. também *Mor.* 792B-C (*An seni sit gerenda res publica*); *Plin. Nat.* 25.25.

e acorreu em massa, como se ele tivesse partido no auge da sua carreira militar e política. E insistia em sepultar o corpo, escoltado pelos jovens das famílias mais nobres até ao Fórum, no Campo de Marte, onde também sepultara Sula. Como ninguém estava à espera disto e os preparativos não eram fáceis, o irmão dele convenceu-os, com pedidos e súplicas, a deixar que o funeral do defunto fosse na quinta de Túsculo, onde já estava tudo preparado. Enquanto irmão afetuosíssimo que era, ele próprio não viveu muito mais tempo: do mesmo modo que o tinha seguido com pouca distância em idade e reputação, fez o mesmo no momento da morte.

(Página deixada propositadamente em branco)

COMPARAÇÃO ENTRE CÍMON E LUCULO

44 (1). Pode-se considerar o fim de Luculo bastante feliz, porque morreu antes da mudança que o destino já tramava contra a República com as Guerras Civis, e terminou a vida na sua pátria doente, porém ainda livre. E é sobretudo isto que tem em comum com Címon. 2. Com efeito, este também morreu quando os gregos ainda não estavam em grande convulsão e sim no seu apogeu; todavia, ele ainda estava num acampamento, à frente de um exército, e não estava exausto ou fora de si, nem fazia festins e bebedeiras como recompensa das armas, das expedições militares e dos troféus. Platão zomba dos seguidores de Orfeu por acreditarem que os que levaram uma vida reta têm reservada uma embriaguez eterna como prêmio no Hades³⁰⁰. 3. Sem dúvida que o ócio, a tranquilidade e a discussão de argumentos agradáveis e especulativos são um consolo muito apropriado ao homem idoso e que abandonou as guerras e a política. Sobrepor o prazer às boas ações e passar resto do tempo entregue aos deleites de Afrodite e aos luxos, como consequência de guerras e expedições, não é digno da nobre Academia nem de quem emula Xenócrates, mas antes de quem pende para Epicuro. 4. Isto é sobremaneira insólito, pois, diversamente, a juventude de Címon parece ter sido censurável e desregrada, enquanto a de Luculo, educada e moderada. Ora é melhor o que muda para melhor, porque é mais virtuoso o carácter no qual, com a idade, o vício se esvanece e a virtude

³⁰⁰ Cf. Pl. R. 2.363C-D.

floresce. 5. Apesar de serem igualmente ricos, não dispuseram da riqueza do mesmo modo. Na verdade, não é justo comparar à muralha meridional da Acrópole, que foi concluída com dinheiro oferecido por Címon, os aposentos e os terraços rodeados de mar em Nápoles, que Luculo construiu com despojos dos bárbaros. Nem comparar à mesa de Címon a de Luculo, uma, democrática e filantrópica, a outra, faustosa e semelhante à de um sátrapa. 6. De facto, uma alimentava todos os dias muitas pessoas com pouca despesa; a outra, porém, era preparada com muito dinheiro para poucos que levavam uma vida luxuosa. 7. A menos que, por Zeus, a idade provocasse uma diferença de comportamentos: efetivamente, não é garantido que, se Címon também se tivesse afastado dos cargos públicos e do comando militar para uma velhice sem guerra e sem vida política, não teria levado uma vida ainda mais magnífica e dedicada ao prazer, dado que gostava de beber e de festins e era criticado pelas relações com mulheres, como já foi dito. 8. Já os sucessos nos cargos públicos e nas lutas, que proporcionam outros prazeres, roubam às almas de estadistas e às sedentas de glória o tempo para as paixões mais vis e levam ao seu esquecimento. Se, pelo menos, Luculo tivesse morrido igualmente a lutar e no comando do exército, parece-me que nem o crítico mais severo encontraria uma acusação contra ele. E é isto no que respeita ao modo de vida.

45 (2). Nas questões de guerra, é evidente que ambos foram valorosos combatentes quer por terra quer por mar. Da mesma maneira que, por norma, chamam “supervencedores” aos atletas que recebem, no mesmo dia, coroas na luta e no pancrácio, também é justo que Címon, que, no mesmo dia, coroou a Grécia com um triunfo num combate por terra e noutro por mar, tenha uma certa preeminência entre os generais. 2. A pátria deu a hegemonia a Luculo; Címon deu-a à pátria. Um adicio-

nou territórios à pátria, que tinha primazia sobre os aliados; o outro, que a recebeu subjugada por terceiros, fê-la ter primazia sobre os aliados e dominar os inimigos, obrigando os persas derrotados a abandonar o mar e persuadindo os lacedemónios a abdicar voluntariamente da supremacia. 3. Se, de facto, é tarefa máxima de um general fomentar a pronta obediência pela afabilidade, Luculo foi desprezado pelos seus soldados, enquanto Címon foi admirado pelos aliados: com efeito, os soldados afastaram-se do primeiro, mas os aliados desertaram para o segundo. 4. Um partiu no comando daqueles pelos quais foi abandonado no regresso; o outro voltou por mar, dando instruções àqueles com os quais partira para cumprir ordens de terceiros, depois de, em simultâneo, ter alcançado para a cidade três dos objetivos mais difíceis: paz com os inimigos, hegemonia sobre os aliados e concórdia com os lacedemónios. 5. Ambos tentaram destruir grandes impérios e conquistar toda a Ásia, contudo deixaram esse projeto a meio: um inteiramente por causa da fortuna – pois morreu quando estava no comando do exército e no auge do seu sucesso; o outro, ninguém pode isentá-lo por completo da responsabilidade – ou não percebeu ou não fez caso das divergências e críticas no seio do exército, por causa das quais granjeou tamanhas animosidades. 6. Ou também tem isto em comum com Címon? É que os cidadãos levaram-no igualmente a julgamento e acabaram por condená-lo ao ostracismo para não ouvirem a voz dele por dez anos, como diz Platão³⁰¹. 7. De facto, as naturezas aristocráticas raras vezes estão em consonância com as massas e não governam para lhes agradar. Pelo contrário, porque na maioria das vezes usam a força para guiar os que se desviam, incomodam, tal como

³⁰¹ Cf. Pl. *Grg.* 516D.

as ligaduras dos médicos, apesar de colocarem os membros deslocados nas posições naturais. Por conseguinte, talvez seja necessário livrar um e outro desta acusação.

46 (3). No entanto, no que concerne à guerra, Luculo chegou mais longe. Foi o primeiro de entre os romanos a transpor o Tauro com um exército; atravessou o Tigre; sob o olhar dos respetivos reis, tomou e incendiou as cidades reais da Ásia – Tigranocerta, Cabira, Sinope e Nísibis; com a ajuda dos reis árabes, apropriou-se, a norte, das regiões até Fásis, a este, até à Média, e a sul, até ao Mar Eritreu; aniquilou as forças dos reis, tendo fracassado apenas em capturar as suas pessoas, pois eles escaparam como animais selvagens para desertos e floretas inacessíveis e impenetráveis. 2. Grande prova disto: os persas, como não tinham sofrido nada de relevante às mãos de Címon, ofereceram, pouco tempo depois, resistência aos gregos, derrotaram e destruíram a numerosa armada no Egípto. Depois de Luculo, pelo contrário, não houve nenhum outro feito de Tigranes e Mitridates. Este, já debilitado e abatido pelos combates anteriores, não ousou sequer uma vez mostrar a sua força a Pompeio fora do acampamento e regressou em fuga ao Bósforo, onde morreu. Tigranes, por sua vez, prostrou-se de livre vontade, nu e sem armas, diante de Pompeio, retirou o diadema da cabeça e colocou-o aos seus pés, lisonjeando Pompeio não pelos próprios feitos, mas sim pelos que tinham sido celebrados em triunfo por Luculo. 3. Pelo menos ficou feliz por recuperar os símbolos da sua realeza, de que tinha sido privado antes. Superior, sem dúvida, o general que, como um atleta, deixa o adversário mais debilitado para quem vem depois dele. Tigranes, porém, quando se encontrou com Luculo, estava invicto mesmo após muitos recontros e, por isso, cheio de arrogância. 5. Quanto ao número, não é justo comparar os que foram derrotados por Címon com os que se aliaram

contra Luculo. 6. Portanto, é difícil para quem tenha tudo em consideração tomar uma decisão, dado que a divindade parece ter sido benévola para com ambos, ao indicar a um o que era necessário para ser bem-sucedido e ao outro o que era necessário evitar; por isso, também o sufrágio dos deuses esteve à disposição de ambos, enquanto seres de boa natureza e divinos.

(Página deixada propositadamente em branco)

VOLUMES PUBLICADOS NA *COLEÇÃO AUTORES*
GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibiades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).
20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).
21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).

22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
26. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VI*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
27. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
28. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VIII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
29. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IX*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
30. Reina Marisol Troca Pereira: *Hiérocles e Filágrío. Philogelos (O Gracejador)*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
31. J. A. Segurado e Campos: *Iseu. Discursos. VI. A herança de Filoctémon*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
32. Nelson Henrique da Silva Ferreira: *Aesopica: a fábula esópica e a tradição fabular grega*. Estudo, tradução do grego e notas. (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
33. Carlos A. Martins de Jesus: *Baquílides. Odes e Fragmentos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
34. Alessandra Jonas Neves de Oliveira: *Eurípides. Helena*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
35. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. Rãs*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).

36. Nuno Simões Rodrigues: *Eurípides. Ifigénia entre os tauros*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
37. Aldo Dinucci & Alfredo Julien: *Epicteto. Encheiridion*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
38. Maria de Fátima Silva: *Teofrasto. Caracteres*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
39. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. O Dinheiro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
40. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega, Epigramas Efrásticos (Livros II e III)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
41. Reina Marisol Troca Pereira: *Parténio. Sofrimentos de Amor*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
42. Marta Várzeas: *Dionísio Longino. Do Sublime*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
43. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. A Musa dos Rapazes (livro XII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
44. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. Apêndice de Planudes (livro XVI)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
45. Ana Maria César Pompeu, Maria Aparecida de Oliveira Silva & Maria de Fátima Silva: *Plutarco. Epítome da Comparação de Aristófanes e Menandro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
46. Reina Marisol Troca Pereira: *Antonino Liberal. Metamorfoses (Μεταμορφώσεων Συναγωγή)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).

47. Renan Marques Liparotti: *Plutarco. A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
48. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas Vários (livros IV, XIII, XIV, XV)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
49. Maria de Fátima Silva: *Cáriton. Quéreas e Calírroe*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
50. Ana Alexandra Alves de Sousa (coord.): *Juramento. Dos fetos de oito meses. Das mulheres inférteis. Das doenças das jovens. Da superfetação. Da fetotomia*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).
51. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas de autores cristãos (livros I e VIII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).
52. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas eróticos (Livro V)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).
53. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas votivos e morais (livros VI e X)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018).
54. Maria de Fátima Silva: *Pseudo-Eurípides. Reso*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018).
55. Maria de Fátima Silva: *Pseudo-Eurípides. Reso*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018).
56. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epitáfios (livro VII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019).
57. Maria de Fátima Silva & José Luís Brandão: *Plutarco. Vidas Paralelas – Alexandre e César*. Tradução do grego, introdução

e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019).

58. Aldo Dinucci: *As Diatribes de Epicteto, livro I*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020).
59. Karen Amaral Sacconi: *Fragments de Aristófanes (Aristophanis fragmenta)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020).
60. Reina Marisol Troca Pereira: *Eratóstenes. Constelações do Zodíaco*. Introdução, tradução do grego, notas e índices (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020).
61. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Vidas Paralelas: Aristides-Catão Censor*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021).
62. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. Epigramas de Banquete e Burlescos: (Livro XI)*. Introdução, tradução e notas (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021).
63. Ana Alexandra Alves de Sousa: *Apolónio de Rodes, Argonáutica, Livros I e II*. Estudo introdutório, tradução e notas (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021).
64. Ana Ferreira e Manuel Tröster, *Plutarco. Vidas Paralelas: Címon e Luculo*. Introdução, tradução e notas (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021).

Ligados pelo tema condutor dos benefícios filenicos, Címon e Luculo são os estadistas que Plutarco coteja em mais um volume de *Vidas Paralelas*. Enquanto Luculo se distingue como benfeitor da cidade natal do biógrafo e do mundo helénico durante as Guerras Mitridáticas, Címon emerge como figura emblemática da liberdade e da unidade dos gregos na luta contra os persas. Contudo, ambos os protagonistas também apresentam defeitos e fraquezas, tanto em termos de excessos e extravagâncias na vida privada como, apesar de grandes sucessos políticos e militares, na interação com a multidão e com os seus pares. Assim, Plutarco convida os seus leitores a refletirem sobre as qualidades e imperfeições evidenciadas pelos seus heróis no contexto histórico da Atenas do século V e da Roma tardo-republicana, assim como à luz dos desafios do seu próprio presente.

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA



CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

